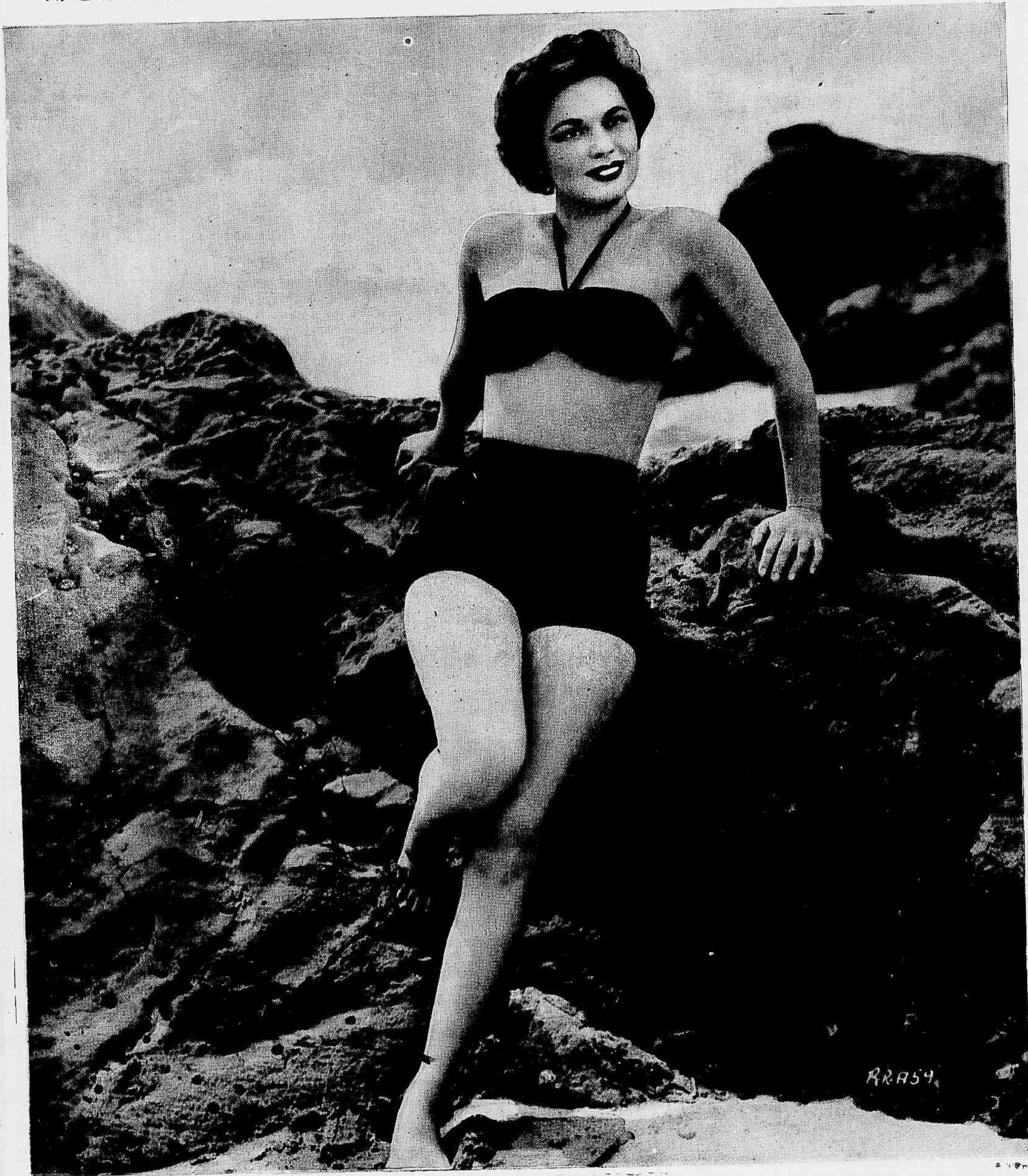
REVISTA DA SEMANA

N.º 2 ★ 13-1-51

Cr$ 3,00 em todo o Brasil





NO TEXTO: **48 HORAS NA ESTÂNCIA SÃO PEDRO**

O SR. GETULIO VARGAS NA INTIMIDADE - PREPARATIVOS PARA A VOLTA AO CATETE



AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL — APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

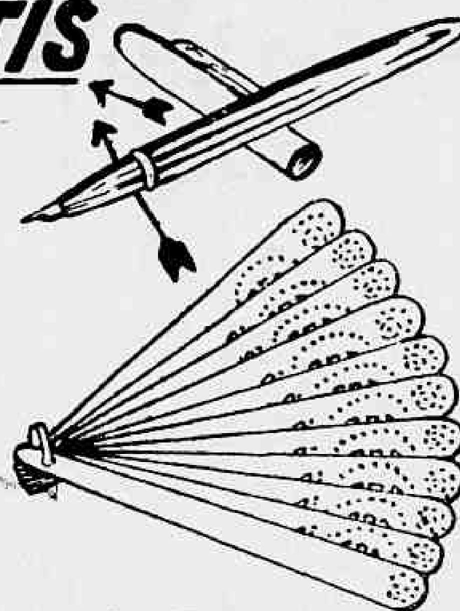
GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata com gravação de um verso religioso

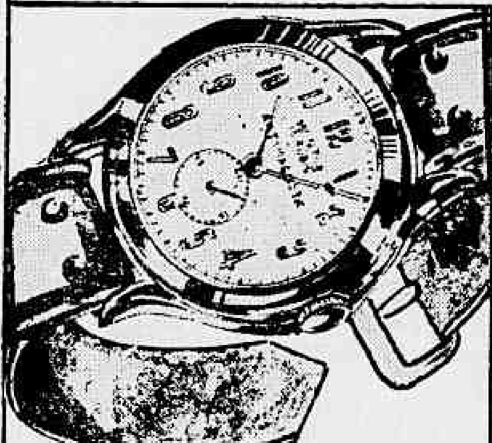
CASAS ROULIEN

Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950. por precode reclame.

GRATIS



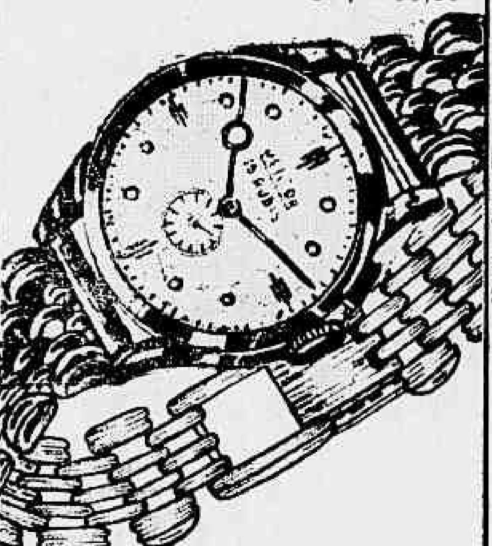
Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artistico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho. Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.



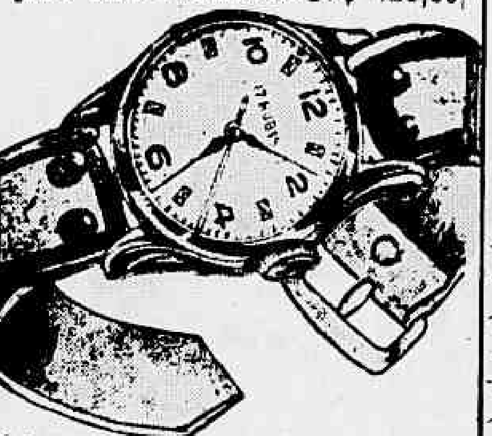
24188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



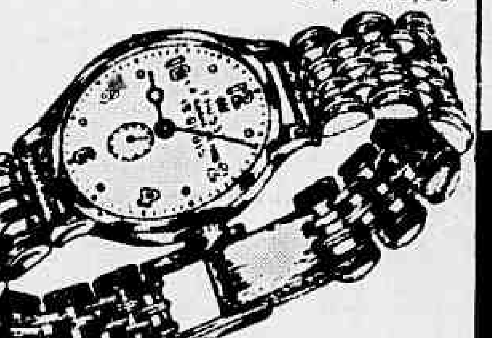
24189 CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



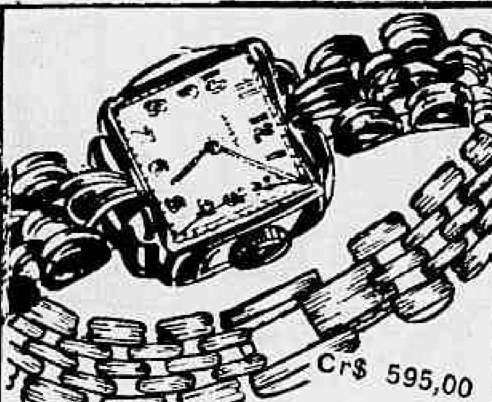
24187 SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM!..Cr$ 425,00



24161 EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00



24191 DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia —Cr$ 575,00

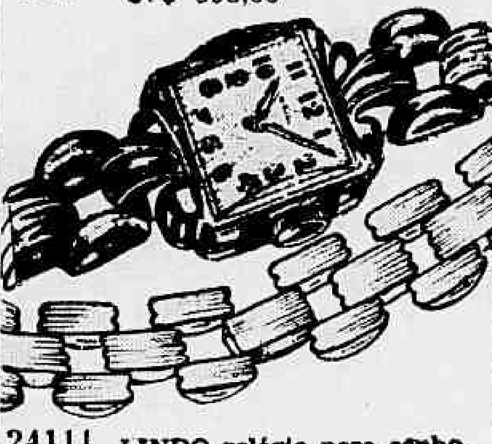


Cr$ 595,00

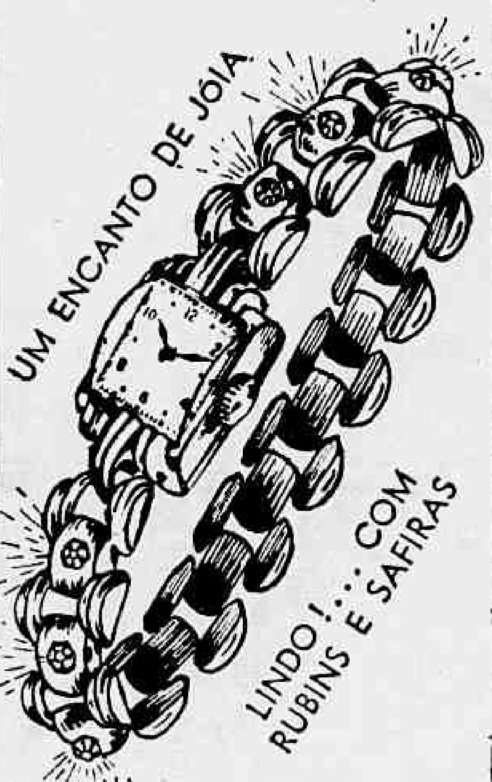
24186 SENSACIONAL!.. MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



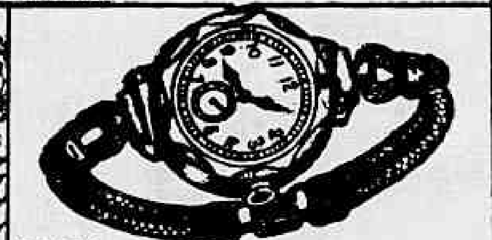
24185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



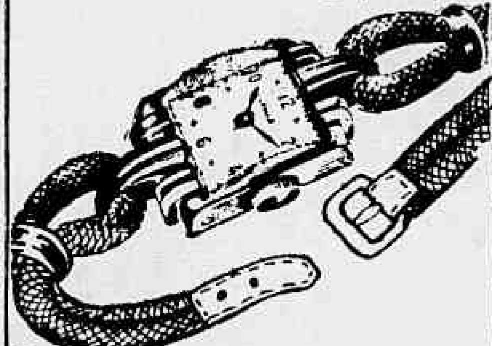
24111 LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Enviemos medida do pulso. Cr$ 489,00



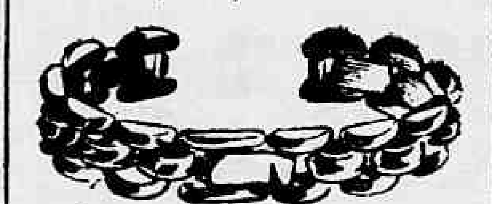
24184 DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações. Cr$ Cr$ 655,00



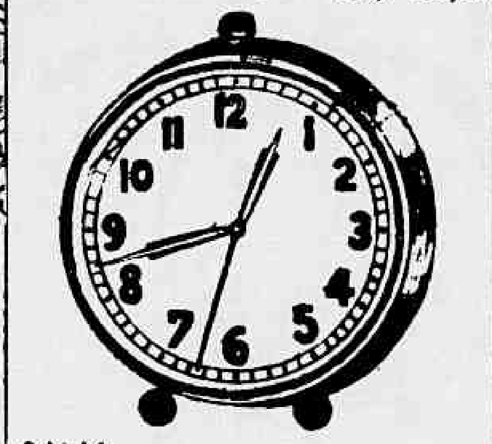
24139 Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 198,00



24133 — MARAVILHOSO, ANTI-MAGNÉTICO, para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



24180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Enviemos a medida do pulso. Cr$ 133,00



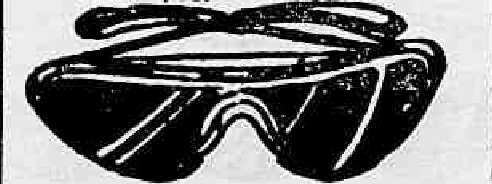
24144 DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



24099 ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça — Cr$ 125,00



24100 DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



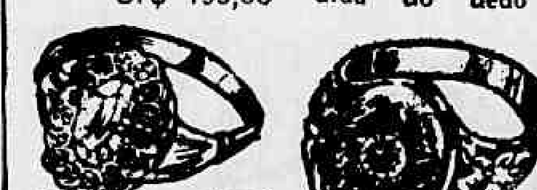
24174 ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro —Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANEIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



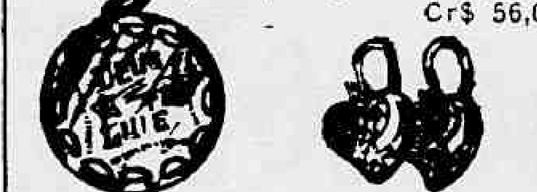
24172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ Cr$ 101,00 Par Cr$ 195,00

24159 DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



24165 — LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00

24162 ANEL em prata de lei, com a estrêla da Republica em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00



24163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

24170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia —Cr$ 122,00



24140 COLARES DE PÉROLAS Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00
24141 Com duas voltas Cr$ 89,00
24142 Com três voltas Cr$ 136,00



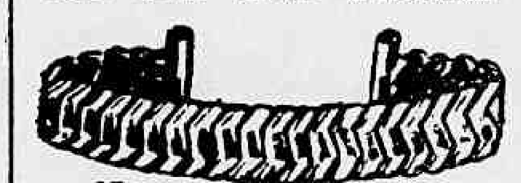
24107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00

ACEITAMOS REPRESENTANTES IDONEOS E COM ÓTIMAS REFERENCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.

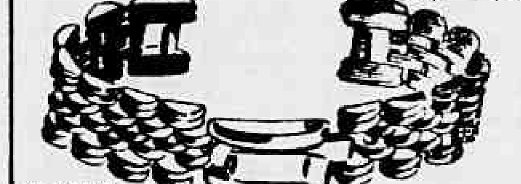


24203 — DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00

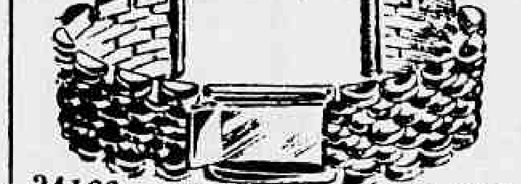
EMBELEZE O SEU RELÓGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



24167 — DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeiríssima qualidade — Cr$ 95,00



24192 — DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia. Cr$ 172,00

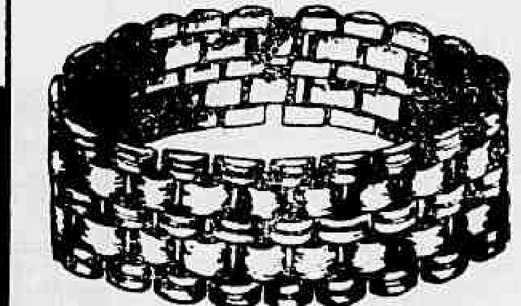


24169 — BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE COM UMA LINDA JÓIA.



24693 — MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia, com cravação de rubis Cr$ 299,00 Não confundir com imitações.



24108 — VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legitimo ouro Com cinco voltas .... Cr$ 295,00

As CASAS ROULIEN Garantem aos seus fregueses, preços minimos, qualidade, remessa rapida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. PEDIDOS AS CASAS ROULIEN Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 1° e 2.° Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - TEL. 49-0419

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo ha mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUEZES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM À DOMICÍLIO — FONE 49-0419



"JAZZ"

O QUE É A DIVERSÃO NACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS ★ O "NICK'S BAR" de NOVA YORK ★ CORRIDA PARA O PRAZER

Jean Paul SARTRE (Copyright News Press para a **"Revista da Semana"**)

PODEMOS comparar a música de "Jazz" às bananas; são coisas que devem ser comidas "in loco". Fora dos Estados Unidos, há discos melancólicos imitadores do jazz", mas constituem apenas um pretexto para que um homem, em boa companhia, possa deixar-se invadir pela tristeza. Alguns países têm diversões nacionais; outros, não. A diversão nacional é um espetáculo em cuja primeira metade o público nos impõe um rigoroso silêncio, passando na segunda metade a fazer um grande barulho. De acôrdo com esta definição, a França não tem diversões nacionais, exceto, talvez, os lances de leilões. Nem a Itália, exceto, talvez, o roubo: deixa-se o ladrão agir, num silêncio atencioso (primeira metade). E, depois, enquanto êle foge, grita-se "Ladrão! Pega o ladrão!" (segunda metade). Ao contrário, a Bélgica tem as rinhas de galo, a Alemanha tem o vampirismo e a Espanha as touradas.

Disseram-me em Nova York que o "jazz" era a diversão nacional dos Estados Unidos. Em Paris, é música de dança, mas afirmaram-me que isto é um êrro. Os norte-americanos não dançam ao som do "jazz". Para tal fim êles têm outra espécie de música, que também serve para as cerimônias do primeiro encontro e do casamento: é a música chamada "Musak". Vira-se um botão, nos apartamentos, e surge a música "Musak": emoldura o namôro, as lágrimas, a dança. Fecha-se o rádio, e a música "Musak" desaparece: passa-se então a práticas amorosamente mais diretas.

No Nick's Bar de Nova York, as pessoas se divertem nacionalmente. Quer dizer, sentam-se numa sala enfumaçada, ao lado de marinheiros, damas do mundo e prostitutas. Algumas mesas, poucos lugares reservados. Ninguém fala. Os marinheiros chegam em grupos de quatro. Olham, com verdadeiro ódio para os galanteadores que ocupam os lugares reservados, ao lado de uma dama. Gostariam de ter também a sua dama, mas não conseguem. Bebem, ficam com a fisionomia dura. As damas também têm o rosto parado: bebem e não dizem uma palavra. Ninguém se move. E o "jazz" é tocado das 22 às 3 horas. Na França, os executantes de "jazz" são rapazes simpáticos, de camisas alegres e gravatas coloridas. Quando os espectadores se cansam de escutar, podem contemplar os músicos e aprender algumas lições de elegância.

No Nick's Bar, é aconselhável não contemplá-los; êles são tão feios como os executantes de uma orquestra sinfônica. Rosto ossudo, bigodes, vestons, colarinhos semi-duros (ao menos no comêço da noite) e o olhar nem mesmo é aveludado. Êles tocam. A gente escuta. Escuta apenas, não sonha. Chopin faz sonhar. O "jazz" do Nick's Bar, não. O "jazz" fascina, obriga a gente só a pensar nêle, mas sem a menor compreensão. Não proporciona clima para um homem pegar a mão da linda vizinha da mesa e dizer-lhe com um olhar doce, que a música traduz seu estado de alma. E' uma música sêca, violenta, sem piedade. Nem alegre nem triste, mas inumano. Os executantes suam copiosamente, um depois do outro. Primeiro, o trompetista, depois o pianista, o trombonista. O contrabaixo tem um aspecto abatido.

A música não fala de amor, não consola. E' opressa. Como as pessoas que andam de "metro" e comem no automático. Não é mais o canto secular dos negros. Nem é o pequeno sonho triste dos "yankees" alucinados pelas suas máquinas. Nada disso. Um homem gordo fica ofegante de tanto seguir as evoluções de seu trombone, o pianista toca sem piedade, o contra-baixo fere as cordas do seu instrumento sem escutar os outros. Todos êles se dirigem à melhor parte de nós mesmos, à mais sêca, à mais livre, à que não deseja melancolia, nem contentamento, mas apenas o brilho ensurdecedor dos instintos.

Êles exigem atenção, não nos embalam. Êles batem, reviram-se, rangem os dentes — e o ritmo nasce. Se o ouvinte é jovem e sensível, apaixona-se pelo ritmo. Salta de seu lugar, agita-se cada vez mais rápido e o vizinho do lado também salta. E' uma ronda infernal. O trombonista sua, você também sua, o trombetista sua, você sua mais ainda, e, de repente, sente que alguma coisa aconteceu sôbre o estrado. Os músicos mudaram de aspecto. Apressam-se, comunicam-se mùtuamente sua pressa, têm uma aparência maníaca e carregada de tensão, dão a impressão de estar procurando outra coisa. Qualquer coisa assim como o prazer sexual. Então, você também começa a procurar essa qualquer coisa e começa a gritar. E' preciso gritar, a orquestra tornou-se um grande pião. Se você parar de repente, sabe que o pião também vai parar e caír do chão. Você grita, os músico sarranham, sopram, ficam possessos. Você também fica possesso e começa a gritar como mulher na hora do perigo. O trombonista toca no pianista e lhe transmite um pouco de sua loucura, como se fôsse um segundo Mesmer. Você no meio de tudo isso, grita sempre. Tôda uma multidão grita compassadamente, as pessoas, sôbre um estrado, suam compassadamente, dá, na gente, uma vontade de se virar pelo avêsso, de uivar de morte, dar pancadas na vizinha mais próxima.

De repente, num golpe inesperado, o "jazz" pára, o touro foi estarpeado, o mais velho dos galos morreu. Acabou-se. Sem saber como, você já bebeu todo o seu "whisky", mesmo gritando e o "garçon", impassível, torna a encher o seu copo. Você sente-se, por alguns momentos, como se fôsse um animal. Diz à sua vizinha: "Nada mal". Ela não dá resposta. E a música recomeça.

No meio de tudo aquilo, ninguém tem piedade de si mesmo. Todos ficam atravessados por um frenesi desconhecido, por êsse crescendo convulsivo, que se assemelha à procura colérica e vã do prazer. E a gente sái um pouco mais gasto, um pouco amargo, mas com uma espécie de calma abatida, como depois de uma grande depressão nervosa.

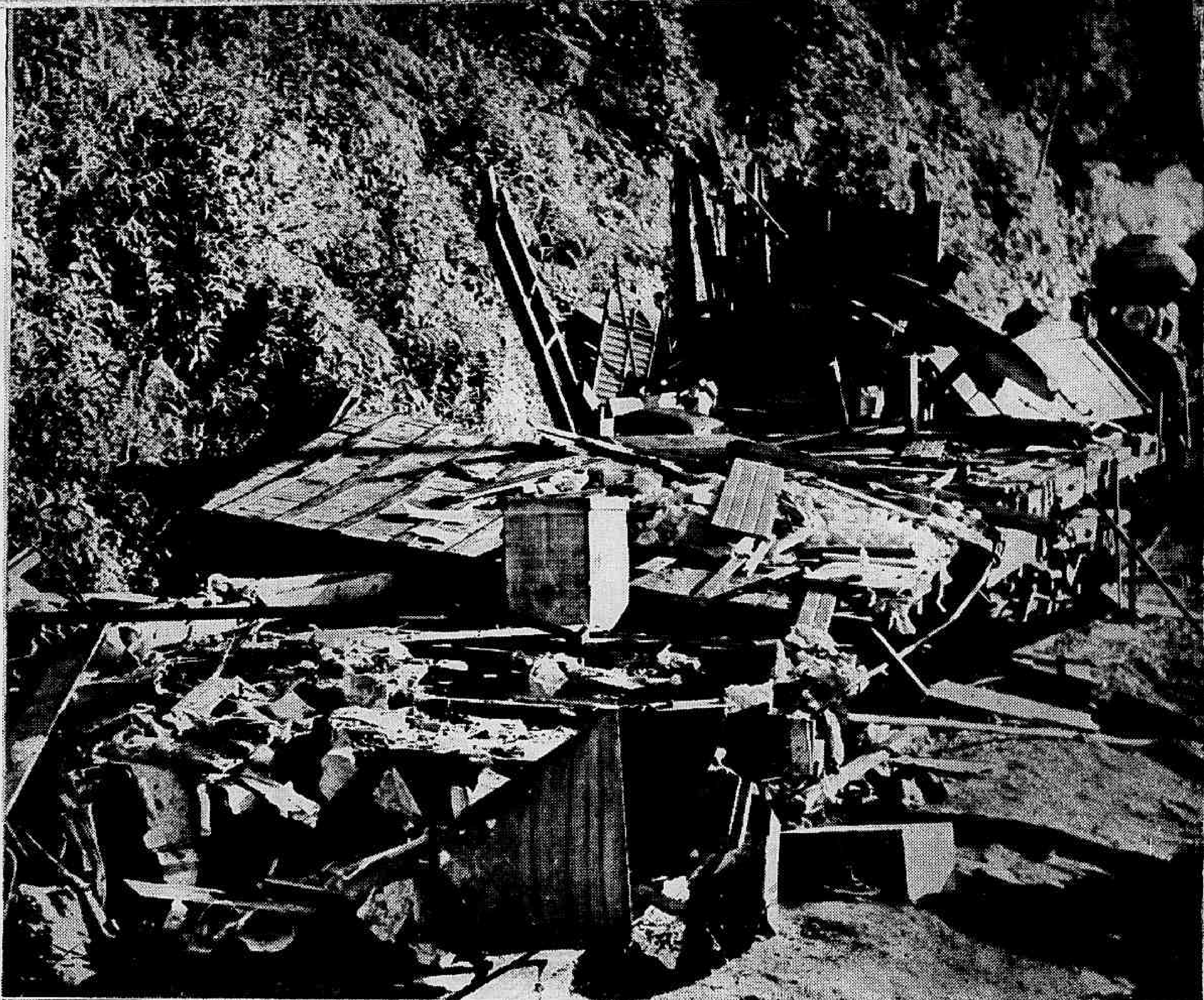
NA VÉSPERA DE NATAL

O TRÁGICO DESASTRE DA LEOPOLDINA ★ DESCARRILAMENTO DO NOTURNO ENTRE ENGANC E CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM ★ OUTRAS NOTAS.

FOI dos mais trágicos e impressionantes o desastre ferroviário do penúltimo sábado de 1950, ocorrido no Estado do Espirito Santo, entre as estações de Engano e Cachoeiro do Itapemirim, com o noturno da Estrada de Ferro Leopoldina. Na altura do quilômetro 539, a velocidade da composição era acentuada e, a uma curva mais fechada, adveio a catástrofe que tantas vítimas fêz e tantos lares enlutou. Com o descarrilamento, vários carros se «engavetaram», ficando destruidos um de bagagem, dois pulmans, dois de passageiros, sendo que ainda três outros de passageiros sofreram avarias consideráveis.

Nas declarações feitas à imprensa, o maquinista do trem sinistrado, Nério Tinoco, declarou: — «Não fui o culpado do acidente. Em casos como êsse, uma locomotiva deixa de fazer tração para ser impulsionada pelos vagões, pois a estrada naquela altura apresenta um declive pronunciado. Tentei freiar a máquina, porém, os freios não podiam obedecer porque a locomotiva «desembestara» morro abaixo. O freio provàvelmente determinou o choque após o rompimento dos lingotes do carro-correio».

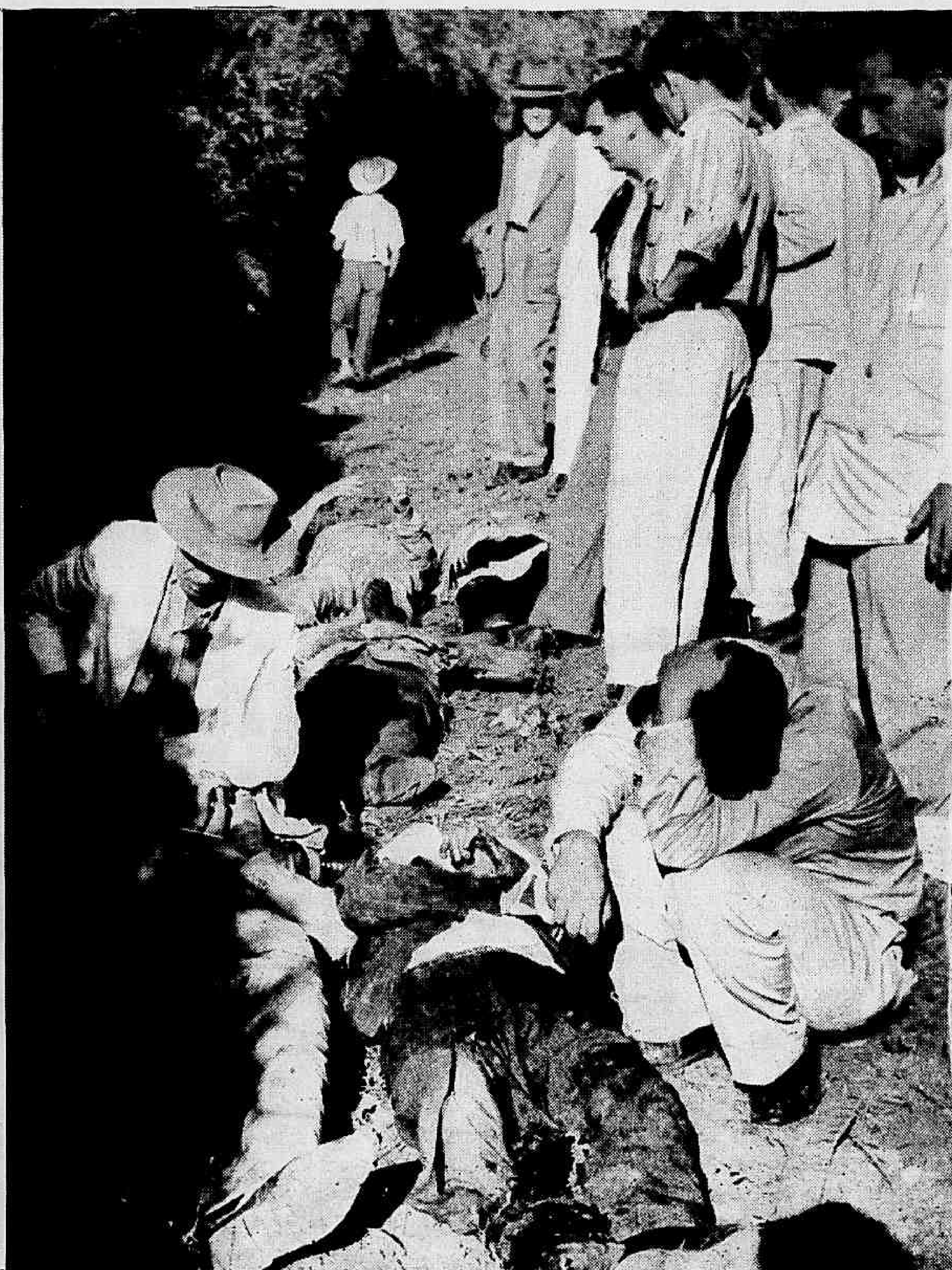
As primeiras notícias acusavam treze mortos, elevando-se o número de feridos a mais de uma centena. Entretanto, como sempre acontece desenlace de vidas foi aumentando de índice mesmo aps os primeiros socorros,



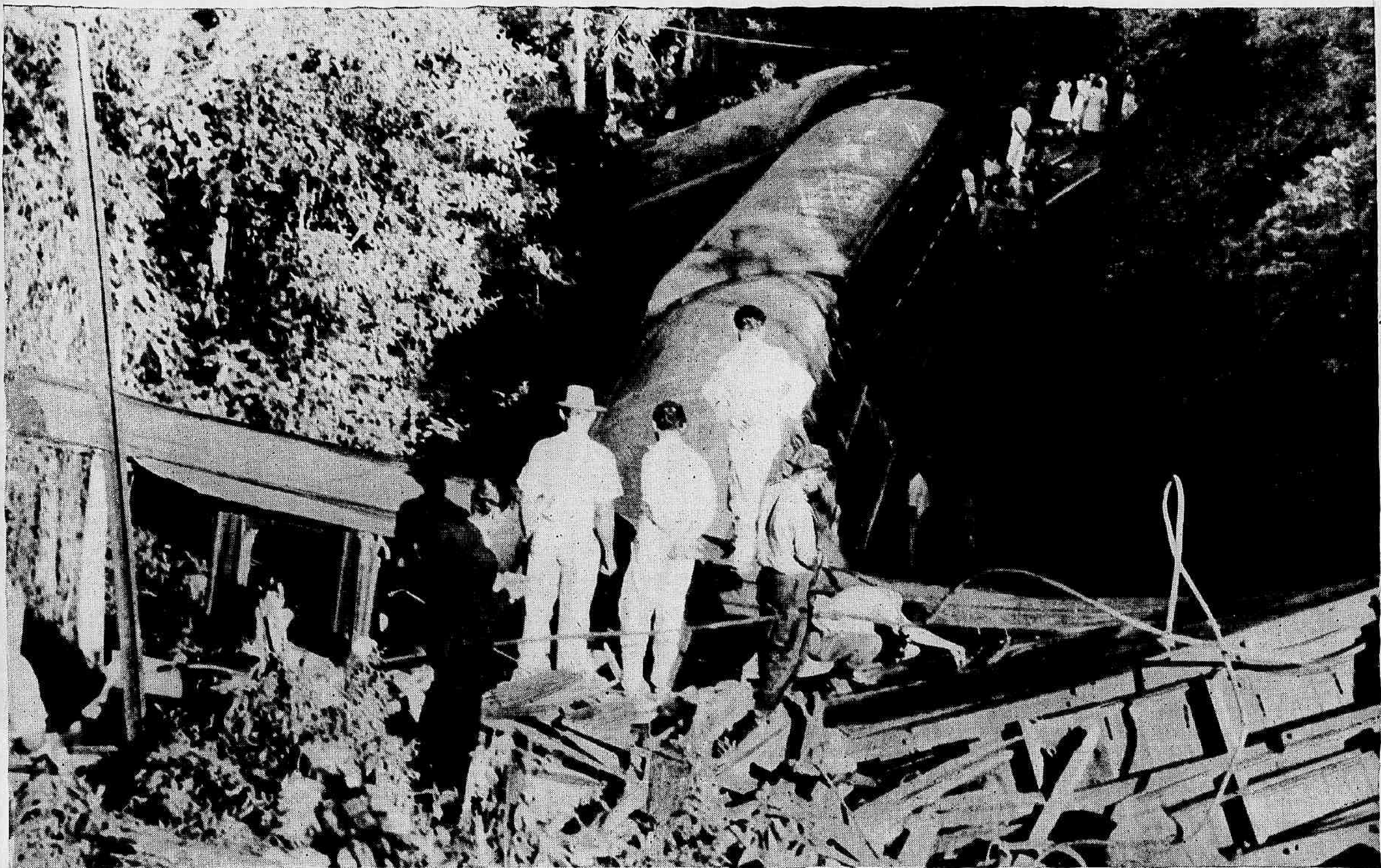
O que a gravura mostra parece remanescentes de uma ordem de despejo, quando na realidade vem a ser destroços de vagons espatifados nesse trágico acontecimento do quilômetro 539



Com o «engavetamento» de vários carros e a destruição de outro de bagagem, a retirada dos mortos e feridos tornou-se bastante penosa. Aqui vemos o esfôrço dos trabalhadores em recolher uma vítima, entre dezenas.



O reconhecimento dos corpos, alí mesmo, no local do desastre, dava margem a espetáculos desalodores da natureza do que nos mostra a gravura. Aqui se pode ver o desespêro de um jovem ao reconhecer o morto.



A velocidade do noturno da Leopoldina era considerável e, a uma curva mais fechada, adveio a catástrofe, despencando-se a composição em verdadeiros precipícios. Dois pulmans, dois wagons de passageiros, um de bagagem, ficaram inutilizados, arrastando na sua quéda cen tenas de passageiros. Só por milagre o número de mortos não foi maior. O maquinista tentou inùtilmente deter a locomotiva que «desembestara» morro abaixo. Os freios desobedeceram.



REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 2 ★ 13-1-1950

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,

LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

UM BEIJO REFORÇADO



Dois estudantes, menores de idade, foram ao cinema, em Nápoles. Não eram, pròpriamente, dois estudantes, e sim um casal de estudantes: êle e ela. Nada de mais, portanto; mas, sucede que, em Nápoles, à vista do Vesúvio, os amantes são mais "calorosos" e não dispensam os aconchegos e as beijocas mais ou menos apaixonadas. Giovani e a Giovanina não tinham idades muito próprias para casamento; mas já sentiam no âmago do peito êsse ardor de uma paixão que converte o homem num idiota e a mulher numa suspirosa à noite inteira. Como os pais dos novos Romeu e Julieta não queriam êsse amor prematuro e perigoso, êles tinham que procurar um derivativo e elegeram o cinema, um dos cinemas de sua cidade onde pudessem ficar a trocar juras amorosas mais ou menos em paz e tranqüilidade. Mas, a 29 de dezembro último, excederam-se nessas manifestações de amor aos dezessete anos. Julgando que, nas platéias de Nápoles fôsse permitido beijar como estavam a ver diàriamente nas telas do cinema, os dois não tiveram dúvida e se atracaram efusivamente. Os que estavam de lado, nas cadeiras da frente e nas da retaguarda acharam aquilo grande desafôro. Fizeram sinal para um guarda, que os ficou observando a certa distância, para não espantar os pombinhos. Durante tôda a exibição o casal estava entregue ao beijo mais demorado daquele cinema. Ao ficar claro, continuaram êles na beijação. Aí o policial os prendeu. Resultado: três meses de prisão na cadeia local. Começaram bem o Ano Novo

A NOVA LEI NO INQUILINATO



Já está em vigor a lei que disciplinará, de agora em diante, a vida entre locadores e locatários com os respectivos adicionais dos "sublocatários". Não é nem muito longa, nem muito curta. Abrange os variados aspectos dessa combinação social entre o proprietário de imóveis e os que não têm casa para morar. A imprensa tem encarado o assunto de forma diversa. Acham uns que a nova lei é a declaração de guerra do dono do imóvel ao ocupante na base de aluguel; entendem outros que a lei atual é mais favorável ao inquilino do que a anterior. Estudando-se, desapaixonadamente o assunto, verifica-se que a lei de agora procurou apenas um "modus operandi" que, sem grandes abalos, criasse certas normas de direito para proibir abusos daqueles que ocupam edifícios pagando uma ninharia e enriquecem à custa do proprietário e dos sacrificados que não têm onde morar. Os casos de despejos são, "mutatis mutandis", os mesmos do preceito legal anterior. Quem estiver em sua casa alugada, dela só poderá ser despejado pelos mesmos motivos da lei passada, pouco ou nada se modificando agora. Além de tudo, uma notificação de despejo não é um "decreto" compulsório com efeito imediato. Há o trâmite legal, a apreciação do Juiz do feito, todo um processo preliminar a ser analisado e muitas vêzes o Juiz não concede a ordem definitiva. O que a lei atual procurou coibir, e fêz muito bem, foi a exploração de muitos que se apoderaram de imóveis de muitos cômodos, pagando de aluguel, digamos, mil cruzeiros e os sub-locam, apurando, de mansinho, dez vêzes mais! E muitos já estão até a dar passeios à Europa.

O CALOR



Queira Deus, leitor amigo, que ao saír esta nota, esta leal Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro já esteja mais refrescada, deixando de suar tanto e a passar noites em claro, sufocada pela brincadeira de mau gôsto dêste fim de dezembro com o termômetro a 42 graus à sombra! Mas, uma coisa nos sobressalta: para aplacar a canícula é preciso que chova. E se chover depois de tão elevado calor, na certa vem aí um daqueles "torós" à Noé, com enchentes por todos os lados, ruas inteiras alagadas, casas destruídas, mortes, ferimentos, desabamentos em todos os bairros, pedras que rolam das montanhas e entram pelos fundos dos quintais até à sala de visita, enfim uma calamidade nada interessante para êstes tempos de saudações amáveis de "Feliz Ano Novo"... E é de a gente ficar mesmo com séria intranqüilidade. Da Argentina, onde, segundo os telegramas o calor está tão elevado como o do Rio, já vêm notícias dizendo que uma onda de frio desce dos Andes e se encaminha para a zona de Buenos Aires, de onde tomará passagem para o Brasil via São Paulo e Rio, depois de visitar os Estados do sul. Que venha essa onda, uma das mais agradáveis de 1950, já que as outras só nos têm trazido preocupações e desassossegos... Não somos profetas nem desejamos mal a ninguém; mas, francamente, não nos sai da memória o versinho da marcha carnavalesca: "Tomara que chova, três dias sem parar..." Sim, tomara mesmo que chova bastante, para que o Rio tome o seu banho e os cariocas respirem mais desafogados. Mas que não seja assim um dilúvio sem prévio aviso...

QUE RESSACA!



Esta nos vem de Belo Horizonte. O alemão Schambler Kraufmann, que, segundo dizem os vizinhos, é discípulo de Luz del Fuego em matéria de amansar cobras, compareceu espontâneamente à delegacia policial do terceiro distrito da capital mineira e procurou falar ao delegado. "Estou às suas ordens, Herr Kraufmann. Qual é sua queixa?" Foi perguntando o delegado. Mas o homem lhe respondeu com a maior calma: "Non zenhorr delegata, Ich non querr fazer nenhum gueija! Estarr muide zatisfeite no Pelo Horrizonte. Ich dessejo ande nu..." O delegado franziu o sobrôlho. Estaria louco aquêle alemão tão bem parecido? Talvez o calor... E a autoridade procurou sondar o equilíbrio mental do visitante. E ficou perfeitamente certo de que o homem estava perfeitamente bom do miolo. O que desejava era, de fato, andar nu. O motivo era êste: segundo Schambler o clima do Brasil, em certas épocas do ano é impróprio ao uso de roupas. Como não é possível retirar tôda a roupa numa sociedade heterogênea, êle vinha requerer licença da polícia para fundar no aprazível sítio da Ressaca, pitoresco arrabalde de Belo Horizonte, com piscinas, boa estrada, etc., uma colônia nudista... Como era natural, o delegado não concordou. O alemão insistiu e até se tornou impertinente. A essa altura o delegado Carlos Lourenço Jorge falou claro: "Ou deixa de insistência, ou eu mando você para uma outra colônia..." O alemão compreendeu e se retirou, mas repetindo: "Ich fai pater no porta de Djustice e petir licence para colonie nudiste no Ressaca, locar muide bonite..." E lá se foi o homem. Que ressaca, coitado!

A PERSONAGEM DA SEMANA

O último discurso do ex-presidente Hoover, produziu, em todo o mundo, a mais sensacional impressão de mal-estar. Especialmente em relação aos países da Europa ocidental, êsse desassossêgo se produziu de maneira alarmante. O ponto de vista do conhecido político do Partido Republicano é o da abstenção dos Estados Unidos na defesa da Europa e de outras partes do mundo ameaçadas pelo comunismo. Acha Hoover que, em primeiro lugar, devia o govêrno norte-americano organizar a defesa interna do país, deixando aos povos europeus a Oeste de Berlim, o trabalho de se armarem e se organizarem para fazer face à política infiltracionista de Mascou. Esta tese é a velha tese do isolacionismo norte-americano em face dos problemas sociais do mundo. As palavras do senador republicano e que já foi Presidente dos Estados Unidos, encontraram algum eco, não sòmente entre alguns jornais, como na opinião de certos políticos; mas, ao que parece, a nação na sua grande maioria não está de acôrdo com a política isolacionista. A imprensa de Moscou transcreveu o discurso de Hoover na íntegra, mas sem aduzir qualquer comentário. Agora, porém, recebeu Hoover a devida réplica: o sr. Thomaz Dewey, ao tomar posse, pela terceira vez consecutiva, de governador do Estado de Nova York, produziu extenso discurso, condenando o isolacionismo norte-americano em relação à crise mundial e advogou a ajuda completa em recursos, homens e armas aos povos ameaçados pela dominação soviética. Embora sua palavra não tenha sido dirigida, abertamente, ao ex-presidente, todos ficaram percebendo que o tema, as considerações e as conclusões dêsse discurso foram dirigidas ao velho político da antiga escola do isolamento norte-americano. O desafôgo foi geral, e, mais uma vez, durante as duas últimas grandes guerras, estão os povos europeus na certeza de que os Estados Unidos jamais ficariam isolados do mundo, quando êste mesmo mundo que reclama sua ajuda e sua assistência para não deixar perecer sua civilização ameaçada. Thomaz Dewey tranqüilizou os povos e deu mão forte à política do presidente Truman, para enfrentar a mais grave situação da história dos Estados Unidos.



Thomas Dewey

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUAL O SOBERANO QUE FOI COROADO PELO PAPA, «IMPERADOR DO OCIDENTE»:

Carlos Magno?
Luiz XVI?
Felipe II?

2 — QUE QUER DIZER «TEOCRACIA»:

Govêrno de mulher?
Regime dirigido por castas sacerdotais?
República de croatas?

3 — QUAL O PAPA QUE PREGOU A PRIMEIRA CRUZADA:

Inocêncio III?
Urbano II?
Bonifácio VIII?

4 — EM QUE ANO SE TRAVOU O PRIMEIRO CONFLITO SANGRENTO ENTRE OPERÁRIOS E PATRÕES:

1905?
1886?
1279?

5 — QUE É «LEI SÁLICA»:

Imposto sôbre o sal?
Justiça de Salomão?
Exclusão de mulheres ao trôno?

6 — QUAL A ORIGEM DAS CÔRES AZUL E VERMELHA DA FRANÇA:

Do boné do preboste de Paris, Estevão Marcel?
Do manto de Cristo?
Da bandeira de Eduardo III?

7 — QUAL O SANTO PADROEIRO DA BASTILHA:

São Sebastião?
Santo Antônio?
S. Braz?

8 — QUAL A MULHER QUE ENTREGOU A FRANÇA AOS INGLÊSES POR MEIO DE UM TRATADO:

Isabel de Baviera?
A Condessa de Armagnac?
Maria Antonieta?

9 — PORQUE O BISPO DE BEAUVAIS FOI CONTRA JOANA D'ARC:

Para agradar aos inglêses?
Por ser inimigo do pai dela?
Por ter sido expulso do seu feudo pelos partidários da heroína?

10 — EM QUE CIDADE DA FRANÇA FOI QUEIMADA VIVA JOANA D'ARC:

Paris?
Orleans?
Ruão?

11 — QUE FIM LEVARAM AS CINZAS DE JOANA D'ARC:

Foram entregues à família?
Jogadas ao Sena?
Remetidas à Côrte da Inglaterra?

12 — QUAL O REI DA FRANÇA COGNOMINADO «PAI DO POVO»:

Luiz XII?
Carlos VIII?
Luiz XV?

13 — QUEM ASSASSINOU O REI HENRIQUE IX DA FRANÇA:

Um soldado?
Um frade?
Um camponês?

14 — POR QUE FOI QUEIMADO VIVO, EM PARIS, NO ANO DE 166? O POPULAR SIMON MORIN:

Por ter atentado contra a vida do rei?
Por ser protestante?
Por dizer-se um segundo Jesus?

15 — QUAL A AVE QUE «CROCITA»:

O côrvo?
O papagaio?
A coruja?

16 — QUAL O NÚMERO MÍNIMO DE DEPUTADOS PARA CADA ESTADO E O DISTRITO FEDERAL:

Dez?
Cinco?
Sete?

17 — ATÉ QUANTOS DEPUTADOS PODE TER CADA TERRITÓRIO NACIONAL:

Três?
Dois?
Um?

18 — QUE NOME TEM A ÁGUA ESTAGNADA NAS FLORESTAS AMAZÔNICAS APÓS A INUNDAÇÃO DOS RIOS:

Igapó?
Igarapé?
Maçaió?

19 — QUE NOME TEM O VULCÃO DE NÁPOLES:

Etna?
Vesúvio?
Strômboli?

20 — QUAL A ILHA DA BAÍA DE GUANABARA A QUE OS INDÍGENAS CHAMAVAM «SERIGIPE»:

Villegaignon?
Ilha das Cobras?
Das Enxadas?

(Resposta na página 58)

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre,** remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

BOAS FESTAS



O tradicional cartão de Boas Festas de Raul Pederneiras

Agradecemos e retribuímos as mensagens de Boas Festas e Feliz Ano Novo que nos enviaram: Banco Português do Brasil S. A., Octavio Sagebin, Serviço de Informações Jornalísticas, Air France, Soc. Nacional de Aprend. Comercial, Cia Fabio Bastos, S. A. Philips do Brasil, S. A. Mercantil Anglo-Brasileira, The First National Bank of Boston, Cooperativa de Consumo de Bombeiros do D. Federal, Shell-Mex Brasil Ltda., Linotipo do Brasil S. A., Siemens Schuckert S. A., Aliatar M. Conceição, Terreiro Abaluaê, Banco Mercantil de São Paulo S. A., S. Galvão Cavalcânti, Russo do Pandeiro (Hollywood), Cromos S. A., S. Brasileira de Autores, Compositores e Editores de Música, Alfredo J. de Sousa & Cia. (Bahia), Cia. de Propaganda e Serviços Técnicos Xavier, José Graça Leite, Artega Ltda., British News Service, Universal Filmes S. A., Latt & Cia. Ltda., Administração Regional do SENAC do D. Federal, Waldemar Ferreira Marques, Ch. Lorilleux S. A., Sociedade dos Auxiliares da Imprensa, América Futebol Clube, Rádio Sociedade Guanabara Ltda., Antônio Zambardino, Aero Geral Ltda., Associação Pró Boas Estradas, Théo, Cia. Lanston do Brasil, S. A., Rio Publicidade Ltda. Indústrias Elétricas e Musicais Fábrica Odeon S. A., Pascoal Longo Rádio Ministério da Educação, Eno-Scott & Bowne Inc. of Brazil. Edmar Morel e família, União Nacionalista Brasileira, Aimée Octaaio Sagebin (Pôrto Alegre), T. Janér & Cia., Albino Mesquita & Cia., Tintas Supercor Ltda., C. R. Vasco da Gama, Federação das Bandeirantes do Brasil, J. Rosina, Cia. Importadora Sueca Ltda., B. Herzog Comércio e Indústria S. A., A. Zuccari, Lambert & Cia., "Revista de Palavras Cruzadas", Casa Bruno, "Jornal dos Esportes", A. Conde, "A Fortaleza", Cia. Nacional de Seguros, Westminster English-Course, Prof. Adler, Agência Johnson Ltda., Pro-Matre, Cappuccini & Cia., Dr. Edgar Gonçalves da Rocha, Secretaria Geral de Saúde e Assistência, Rud. H. P. Ter Rele, Nemaza Ltda., Transportes Campos, Banco do Comércio S. A., Exprinter do Brasil Turismo Ltda., Graphicôr Concentra Hartmann Irmãos S. A., Standard Propaganda S. A., L. J. Costa & Cia. Ltda., Correia Sousa (Esperança, Minas), José Muller Alves, Mira Guerchman, Panair do Brasil, Tecnigráfica S. A., Oficina Mecânica Kueffer, Mala Real Inglêsa, Cia. Paulista de Artes Gráficas, Rádio Globo S. A., Mara Rúbia, Maria Helena Reis, Cia. T. Janer, Araci Costa, Mesbla S. A., Manuel C. G. Lazcano, Mário Guimarães, Expresso Estrêla de Prata, Cia. de Propaganda e Serviços Técnicos Xavier, Nataniel Guimarães, Produtos Químicos Cirdrolabor Ltda., José Romeu Ferraz.

"TOALHAS ALAGOANAS"

As legítimas, são fabricadas, exclusivamente, pela

COMPANHIA ALAGOANA DE FIAÇÃO E TECIDOS

Rua do Comércio nº 324 — Caixa Postal nº 18

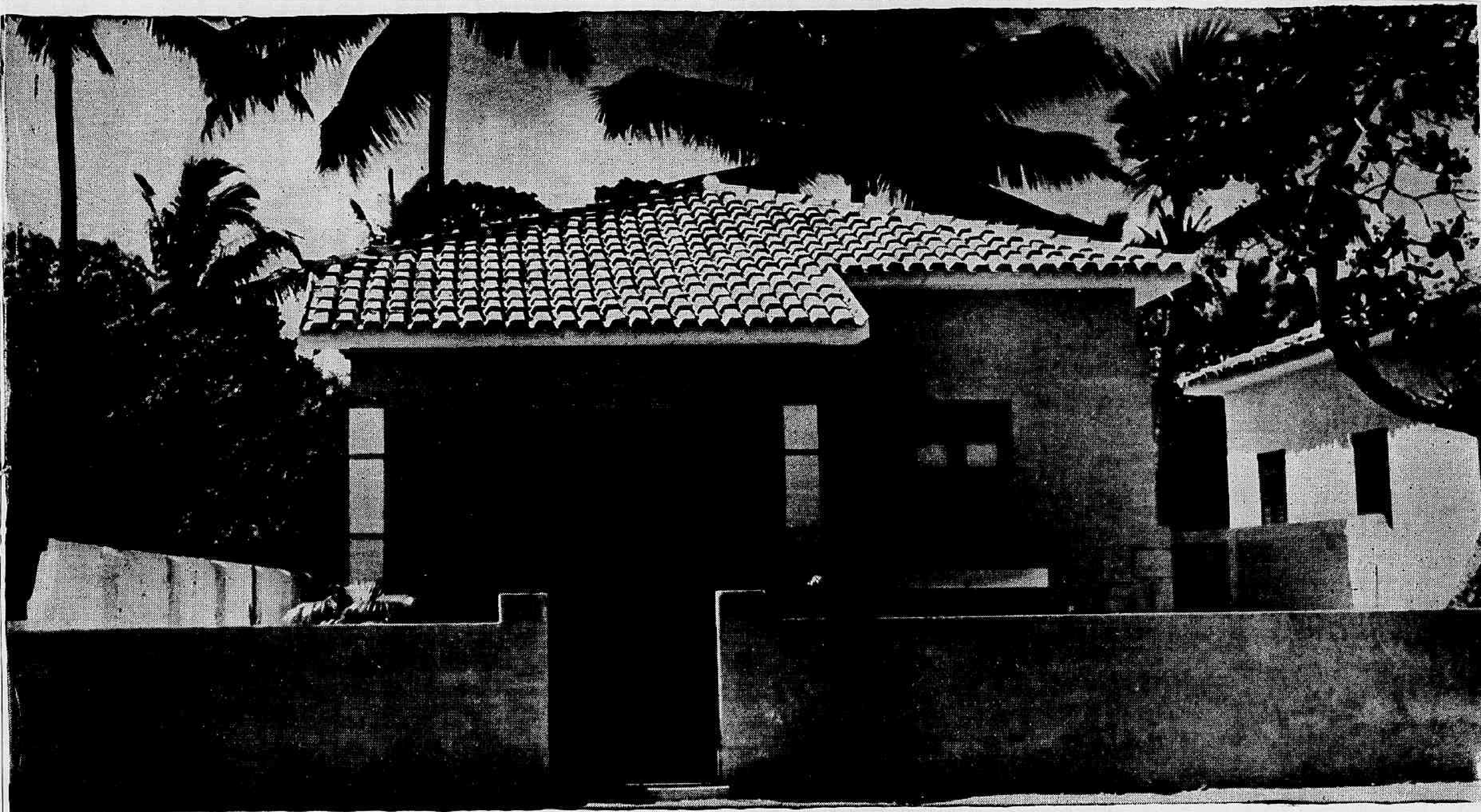
Maceió — Alagoas

Examine a procedência das toalhas que V.S. está comprando. Se forem das legítimas «Toalhas Alagoanas», V.S. encontrará em cada uma, o nome da Companhia e, em cada pacote de ½ dúzia, uma cinta com dizeres em tinta dourada e a reprodução dos vários prêmios obtidos em diversas exposições, por estas famosas toalhas.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

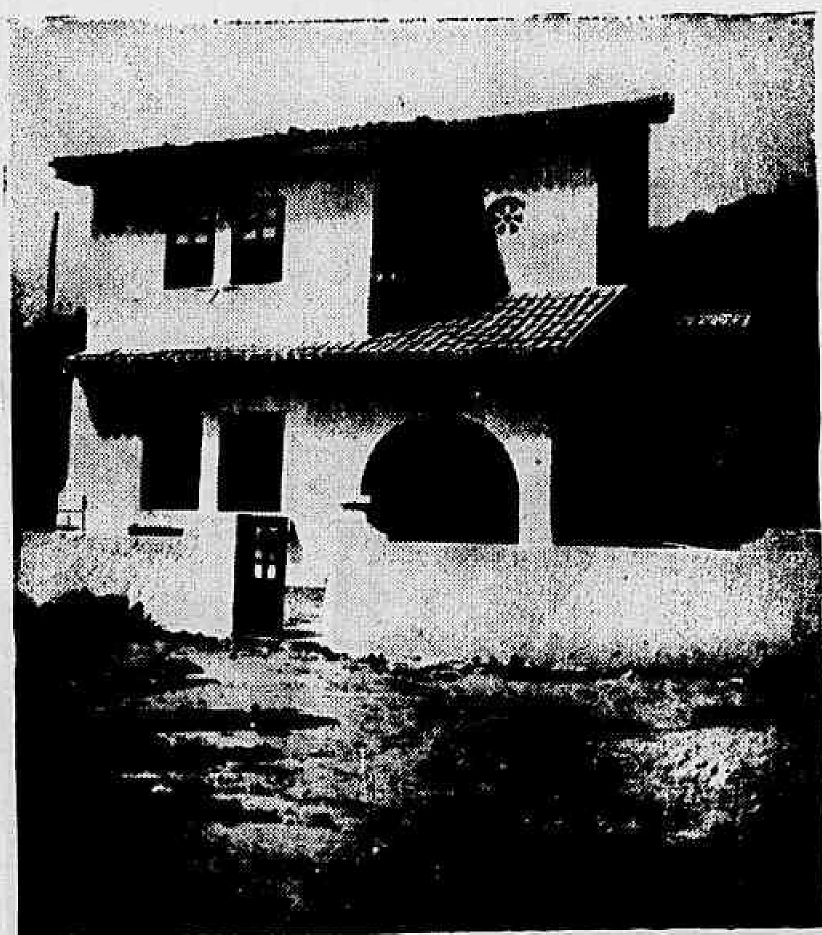
ENSAIANDO A ORQUESTRA





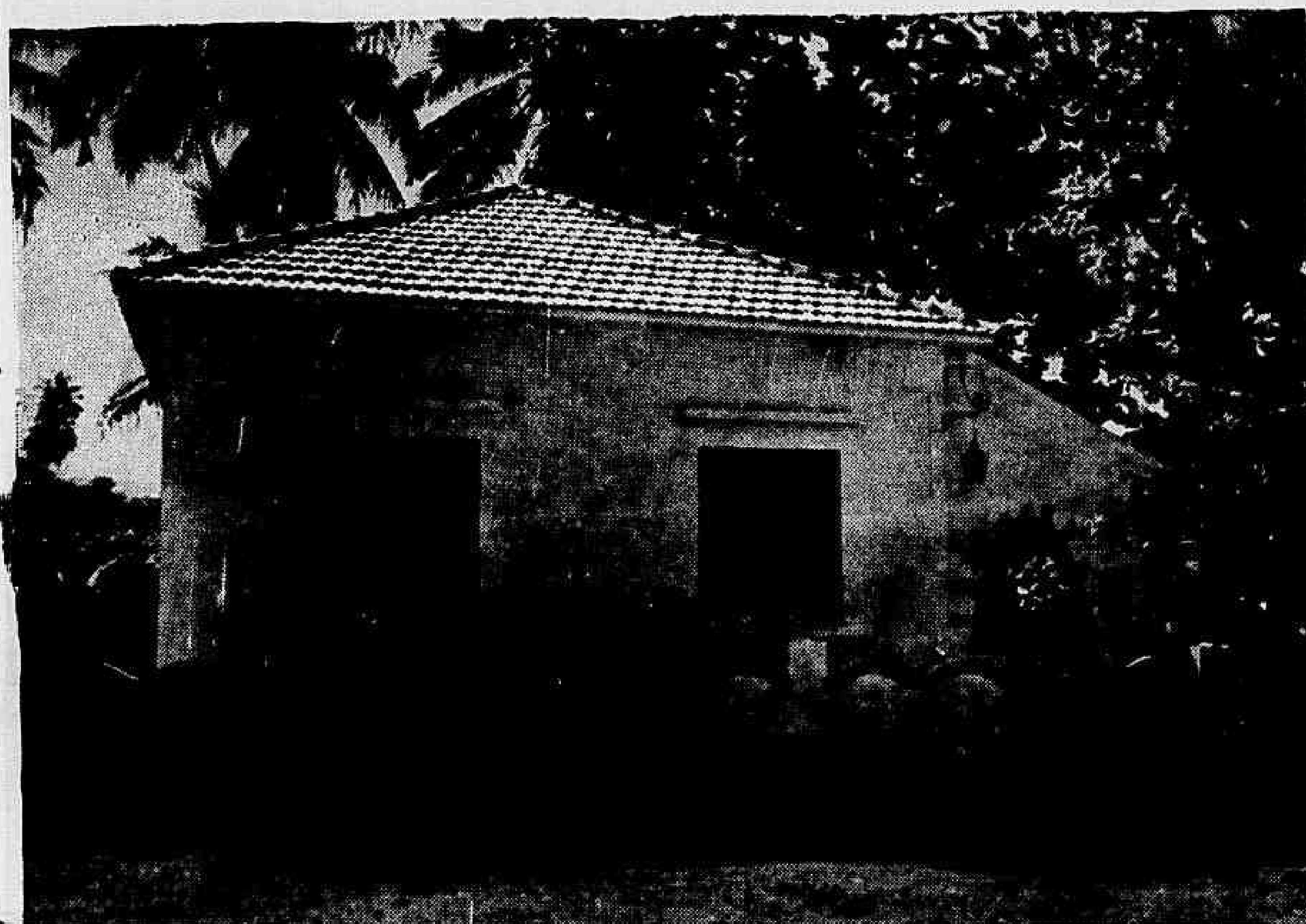
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

DE ALAGOAS



PELA atenção que vem dando ao problema da escassez de moradia, merecem especial destaque as realizações da Caixa Econômica Federal de Alagoas. Terminado o último conflito, a cidade de Maceió sofria da sêde de construções, tais eram as necessidades de sua população, que, neste particular, foi das mais prejudicadas pelas dificuldades decorrentes da guerra. Compreendendo a situação de angústia da população que lhe cabia assistir, a Caixa Econômica Federal de Alagoas soube impor-se à altura, focalizando sobretudo as premências da classe média e as menos favorecidas ainda. Fugindo de financiar edifícios suntuosos e mesmo casas destinadas a aluguel, dentro de uma diretriz inflexível para facilitar a aquisição da casa própria aos realmente necessitados de moradia, a Caixa Econômica Federal de Alagoas vem aplicando a maior parte de seu orçamento, cêrca de 60%, na solução dêsse problema. Dezenas de conjuntos residenciais foram construídos; casas do tipo médio e submédio, muito poucas ultrapassando o preço de cem mil cruzeiros.







PONTOS DE NAMÔRO NO RIO

UM ESTUDIOSO, EM RECENTE OBRA, ACABA DE CONCLUIR QUE A SOCIEDADE TENDE A NÃO SE INTERESSAR MAIS PELO AMOR PURO E SIMPLES ★ A PROPÓSITO VALE DIZER, QUE NO RIO DE JANEIRO, COMO SE SABE, NÃO É BEM ASSIM.

Texto de DANIEL CAETANO



UM estudioso de Pinhal, Santa Catarina, conseguiu levantar, depois de longos raciocínios, uma estatística assaz curiosa: mas até agora há debates tremendos e teses contraditórias naquela cidade sôbre o valor das conclusões. A matéria é delicada: trata-se do amor, o amor da juventude. Sabe-se exatamente hoje que as moças e os rapazes da localidade catarinense estão namorando pouco. Em consequência, casam-se menos — provam os números. O grito de alarme é de um pai de sete filhas, tôdas, no seu dizer, mais ou menos bonitas, mas até aqui solteiras. Êsse preocupado homem acaba de dar à publicidade um estudo interessante, sério e corajoso sôbre o asunto.

Sucede que muito vem chamando a atenção de todos para sua obra, simplesmente isto: os jovens não acreditam hoje em dia no amor. A mocidade, diz o autor (êle é um professor primário) deixou de namorar como antigamente, namôro, aqui é no sentido de namôro para... casar). Um detalhe importante: o campo de observações dêsse curioso homem foi sua própria casa. As filhas dêle não acreditam no casamento por amor puro e simples, o que as vem deixando no celibato e leva o pai a perder cabelos e a encher laudas. Ora, em princípio, talvez, o professor esteja com tôda a razão, mas os rapazes e as moças do Rio possìvelmente têm pontos de vista muito próprios sôbre a matéria.

O NAMÔRO AS ESCONDIDAS

Agora, por aqui, está melhor, mas alguns anos atrás era bem diferente. Na verdade, de vez em quando os namorados do Rio têm relativa folga. Os corações de Pinhal podem ser calculistas, mas os do Rio não chegam a tanto. Aqui, as queixas são outras. Corre a culpa, afiançam as meninas e os meninos, por conta de outros motivos.

Logo depois que apareceu a Rádio Patrulha, não era mais possível nem dar a mão sem o risco de acabar prêso.

Diante dêsse argumento, em relação ao

OS BANCOS de jardim não foram feitos para outra coisa — e nestas noites quentes, nada mais agradável que trocar juras afetuosas, mãos nas mãos, cabeça no ombro dela...

E QUANDO o calor aperta, uma soneca sob o céu estrelado, perto da deusa de seus amôres, é uma delícia. A cama pode ser dura, mas a companhia agradável inspira sonhos bonitos!





OUTROS VÃO namorar junto ao muro do Flamengo. Quem passa não vê o rostinho da garôta, nem precisa ver. Ela ouve os madrigais e... certamente o idílio acabará em beijos



ÊSTES NÃO desprezam o guarda-chuva. O tempo pode virar e uma pancada de água naquela altura faria esfriar o entusiasmo. Mas se chover ela não voltará sozinha para casa

Rio, o trabalho do professor de Pinhal vai por água abaixo. As idéias dêsse pai inteligente e bom, cujas sete filhas, a seu ver, andam muito erradas, quando acham uma bobagem olhar a lua, deviam, antes de mais nada, ser difundidas nos meios policiais. Mas não sòmente por lá. O amor, já avisava Augusto Comte, um homem sabidamente positivo, é tudo na vida. Mas há muita vizinha que não compreende tamanhas sutilezas. Para elas, o professor redigiu também algumas páginas. Se as moças não chegam a namorar direito, ao casar-se — quando conseguem — casam-se quase sempre mal, diz êle, dirigindo-se às vizinhas. Portanto, acrescenta, não atrapalhem...

Mas há o capítulo do namôro às escondidas, resultado de proibições tolas de certos pais e do disse-me-disse. O maior golpe que se poderia aplicar contra o namôro às escondidas seria ninguém sentir-se indignado ao ver os casais se beijando. Aliás, tôda gente sabe, o beijo nos Estados Unidos, em plena via pública, é comum. O pai de Santa Catarina, que estudou exaustivamente êsse assunto, garante que os jovens buscam as ruas escuras para trocar de vez em quando alguns beijos. Acha isto uma tolice imposta aos namorados porque vê no beijo uma coisa feia. Refere então grande número de fatos seus conhecidos, que não vêm agora ao caso, mas não custa adiantar: relacionam-se com as meninas que ninguém diz, mas...

Êsse pai diferente continua com as sete filhas solteiras, é entretanto bem notório o seu esfôrço heróico para mudar a situação.

OS MELHORES PONTOS

O negócio é que namôro em cidade pequena é uma coisa; em grande, outra. Os moços do Rio sabem disso. Poderiam escrever um trabalho como o do professor, refutando pontos. Aqui, o amor se distribui, conforme a condição social dos namorados, pelos cinemas, veículos de transportes, pelas praias e ruas. Mas o namôro de rua é o mais importante. Na opinião dos entendidos, o bairro adequado por excelência ao namôro honesto é o Botafogo. Ainda é o Botafogo, seria o caso de acrescentar-se, pois o bairro, chamado outrora aristocrático, sempre foi apontado como ótimo ponto para amôres. Suas ruas de casas antigas ladeadas de árvores, à noite, despejam conveniente escuridão em certos muros, e êstes, como é natural, ficam cheios de casais. São pontos decentes, tranqüilos e poéticos. Calha às vêzes de um pedaço de sombra extender-se por cinco metros mais ou menos, caso em que dê-

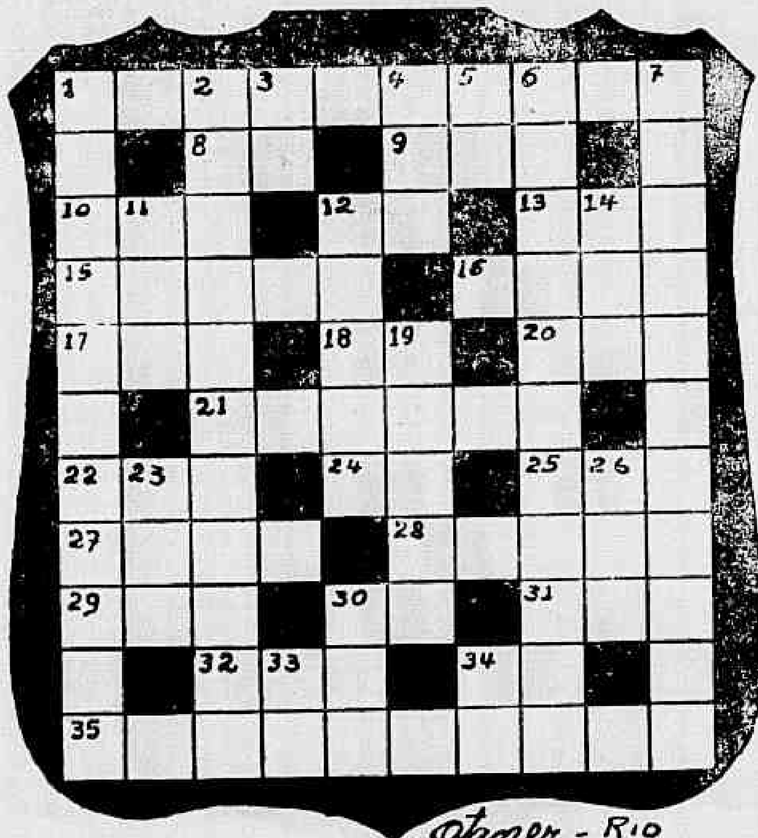
OS MAIS românticos escolhem as rampas dos jardins, sentindo o perfume embriagador das flôres. Sentam na relva, trocam as suas confidências e fogem aos olhares indiscretos!



PALAVRAS CRUSADAS

PROBLEMA N. 34 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Prática de feitiçaria 8. Espécie de flecha usada pelos índios brasileiros — 9. Origem do mundo material na religião persa. — 10. Medida de extensão do Tonquim — 12. Nota musical — 13. Duzentos e um romanos — 15. Sedento — 16. Peripatéticos — 17. Repete — 18. A segunda pessoa da trindade confuciana — 20. Unidade monetária da Letônia — 21. Orvalho — 22. 3ª letra do alfabeto gótico — 24. Ninfa convertida em ilha — 25. Também não — 27. Rio da Sibéria oriental — 28. Militar nobre entre os hindus do Malabar — 29. Amizade, cuidado, para os hindus — 30. 3ª letra do alfabeto árabe — 31. Júpiter na Grécia — 32. Araqui — 34. Moenda — 35. Rêde de pescar tainhas.

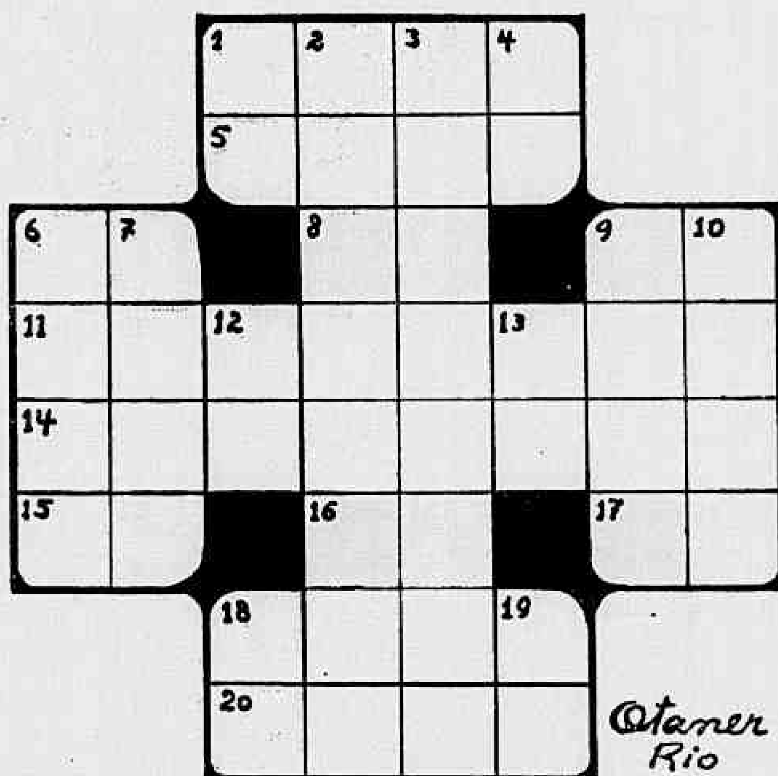


VERTICAIS: — 1. Rigorosos — 2. Alimentício — 3. Prefixo que traz a idéia de repetição, refôrço — 4. Língua africana do grupo eburneo-liberiano — 5. Modo de andar — 6. Reduziu de novo à condição de colônia — 7. Recrutamento — 11. Cidade da Finlândia — 12. Modêlo — 14. Erva-mate — 19. Indígena caraíba dos rios Jari e Peru — 23. Espécie de macaco — 26. Primeira grande divisão dos tempos geológicos — 30. Amuleto dos pretos malês — 33. Antiga nota musical — 34. Tropel.

★

PROBLEMA N. 34 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Habito — 5. Aplicar — 6. Aqui — 8. Preposição — 9. Mil e cem em algarismos romanos — 11. Aranqüilidade — 14. Espécie de rato silvestre — 15. Semelhança — 16. Zomba — 17. Artigo plural — 18. Camareiras — 20. Mulher formosa.



VERTICAIS: — 1. Perversa — 2. Trabalhador — 3. Perigrinação religiosa (pl.) — 4. Aragem — 6. Busca — 7. Ligar — 9. Saguí — 10. Tribo indígena dos rios Igatimi, Escopil e Miamaia — 12. Atmosfera — 13. Ttítulo do soberano da Pérsia — 18. Clima — 19. Ilha do ria Parnaíba.

★

Soluções dos Problemas do número anterior

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 33 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Sesta Mau — As — Aa! — Varonil — Al — Lã — Mãe — Miolo.
VERTICAIS: — Em — Salomão — Tu — Cavar — Balão — Sal — Til — Mi — El.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Moliana — Mapa — Nhom — Parti — Doses — Ter — Achar — Sim — Abra — Aui — Atro — Saale — Aloes — Embiara — Aratá — Aliar — Rafa — Ada — Ébia — Ala — Anelo — Ers — Anais — Acorí — Oira — Garo — Tisnara.

VERTICAIS: — Mar — Opta — Laica — Andai — Nhor — Aos — Marra — Mesto — Peba — Sire — Tascara — Humilde — Mostras — Aleta — Alale — Ema — Ara — Rala — Afano — Íbero — Airí — Ansas — Alaga — Airí — Oscar — Ait — Ora.

★

Colaborações e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



«CHI, AMOR! O moço bateu a chapa, e agora?» — Mas o rapaz não liga para o fotógrafo. Êstes sabem que estão sendo aproveitados para a reportagem, e o outro parzinho, n m liga!

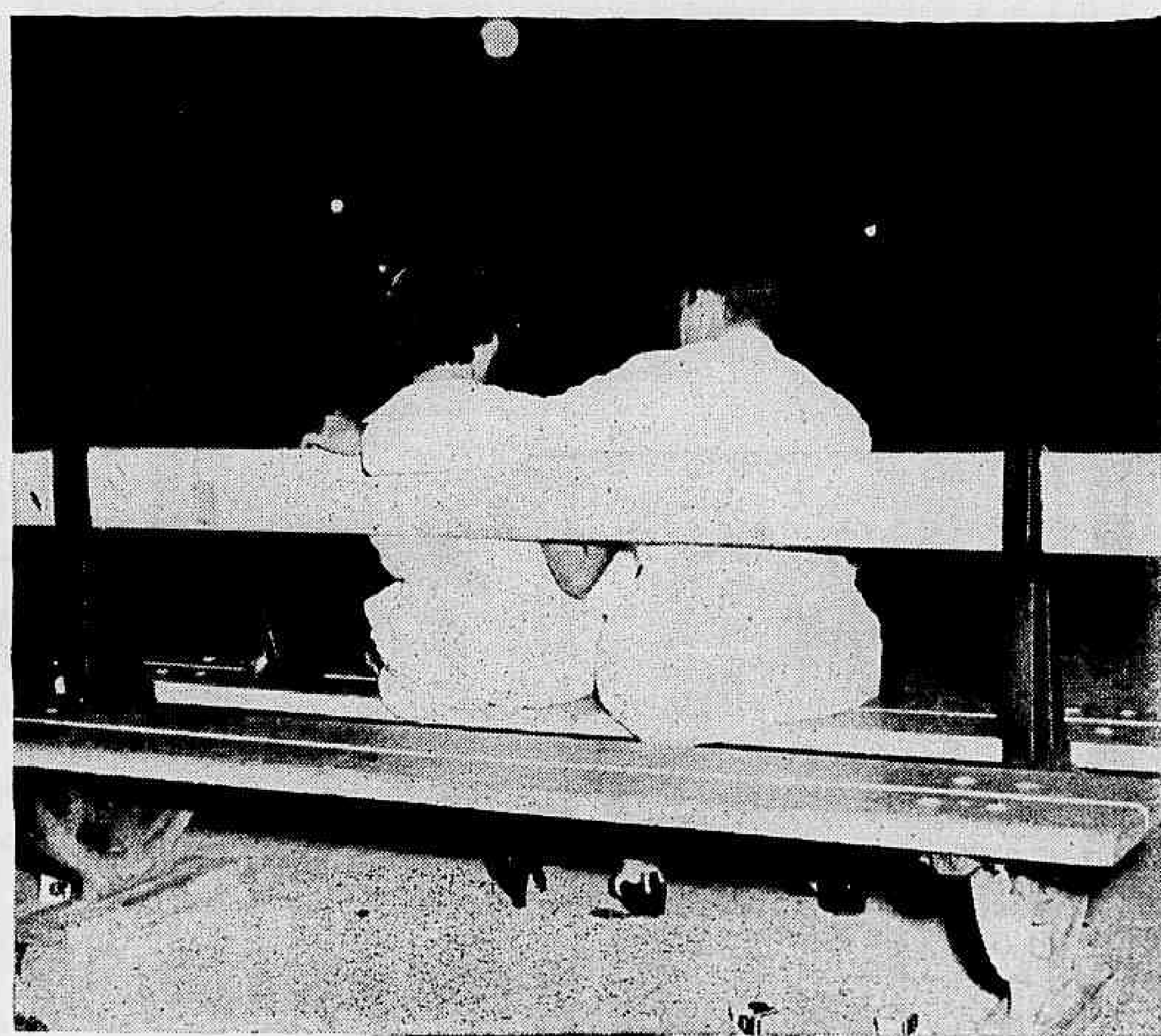
le se aproveitam exatamente cinco pares. Quem passa nada ouve. Parecem mudos. O máximo que se pode ver são bocas talvez juntas demais. A vizinhança, ao que se diz, nunca chamou a Rádio-Patrulha, se bem que, segundo afirmam, a Rádio-Patrulha não trata mais disso.

Acontece que os bons pontos de namôro do Rio são muitos. O Meyer, quando se fala nos subúrbios, está na frente como o preferido. A localidade atrai. Namorar no Meyer, diz-se, fica bem, ainda que êle e ela venham de outras estações. As ruas lá de dentro são calmas, asfaltadas e cheias de pontos secretos. Nem toda estação tem isso. Madureira, por exemplo, que é a primeira localidade dos subúrbios sob certos aspectos, não é boa para namorar. Falta-lhe beleza. Ruas de terra, sem vegetação e perigosas — há indivíduos maus que atacam os casais.

Mas isto é de um lado dos subúrbios, do outro, a estação mais credenciada é Penha, onde as ruas são devidamente sossegadas. Os casais de diversas estações da Leopoldina marcam seus encontros lá. E' melhor, dizem eles. Talvez se trate de mera simpatia. Está visto que o amor, como garantem os poetas, floresce em qualquer parte. Mas no que respeita ao cultivo dêle as coisas mudam. Depois que o João encontra a sua Joana vem a fase para ver se o idílio continua, e que exige ambiente.

Por fim, se os moços e as moças do Rio quisessem explicar certas coisas ao professor de Pinhal, na tentativa de convencê-lo de que nem todos os corações jovens se acham assim empedernidos, cumpriria defender Copacabana. Para muitos, o namôro lá é sempre feio. Na verdade, os namorados de Copacabana beijam-se com maior desembaraço. Já ninguém liga. Nas ruas transversais há árvores, mas os casais não se incomodam em procurá-las. Não pensam em se pôr debaixo delas apenas para um beijo. Fazem isto em qualquer banco da praia. Agora, quanto ao resto, tudo é mera difamação.

Em Pinhal, Santa Catarina, pode ser como o professor diz, mas na Tijuca, Rio de Janeiro, e outros pontos daqui mesmo, todos nós sabemos, a coisa é outra...



MUITAS VEZES o repórter pode estar enganado. Há casais que vão conversar no banco do jardim, não para namorar, mas para acertar diferenças, como êsse. Estarão brigando?

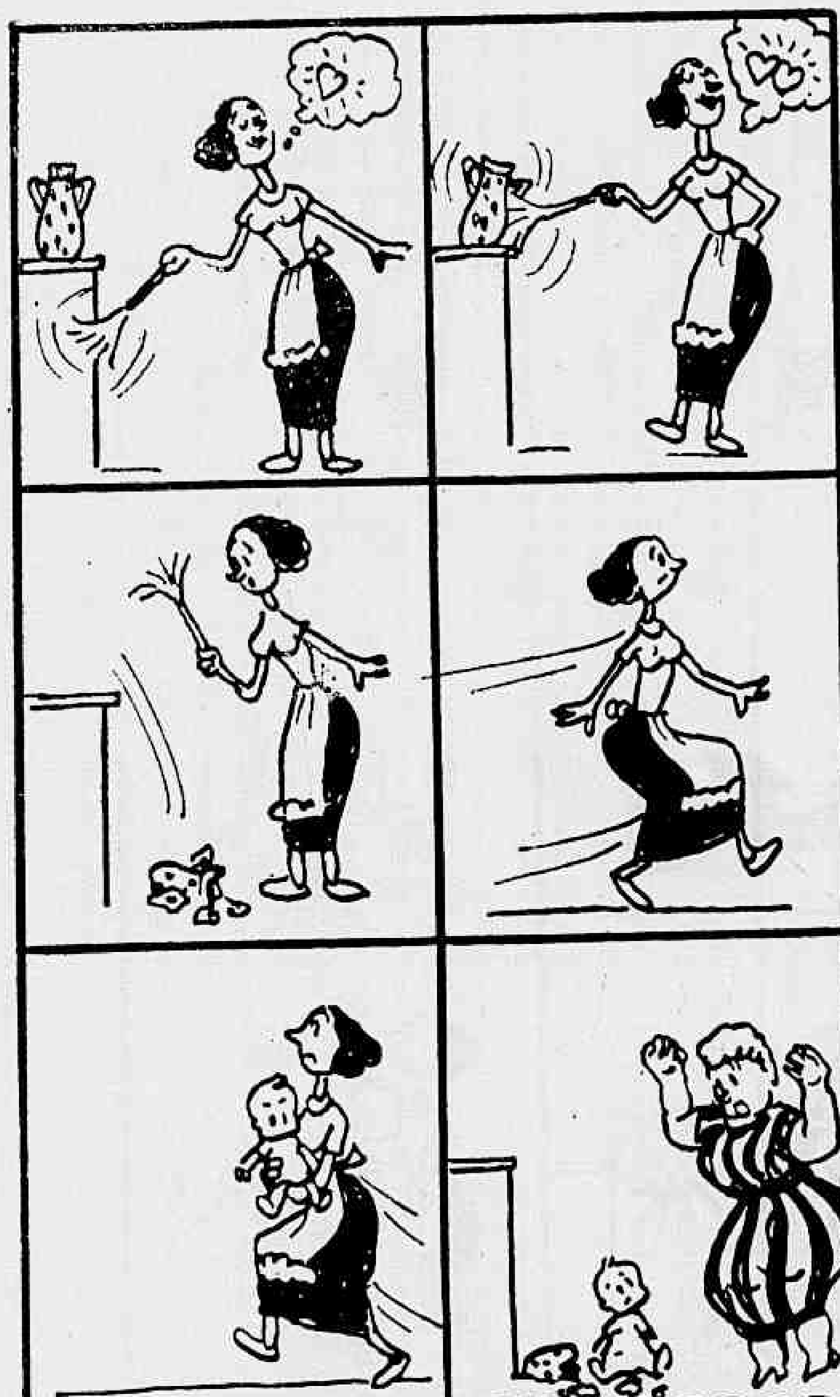
ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

"CHARGE" DE DARCY

Oh! as domésticas... brrrrrrrrrrrrrr!...









PRECISA-SE DE UMA CASA, COM VISTA PARA O MAR, SEM CRIANÇAS, CACHORROS OU PASSARINHOS, QUE TENHA PIANO, DEPENDENCIAS PARA A EMPREGADA, IDEPENDENTES. COSINHA-SE. PREÇO A COMBINAR.

DEMOCRACIA...

MARIA CONCEIÇÃO DA SILVA
COSINHEIRA DE FORNO E FOGÃO

PARTICIPA QUE NA PRÓXIMA QUINTA-FEIRA SEUS PATRÕES PODEM RECEBER CONVIDADOS PARA O JANTAR



novo TRANSMISSOR para a

RADIO BANDEIRANTES



A MAIS POPULAR EMISSORA PAULISTA

INICIARÁ
O ANO
NOVO

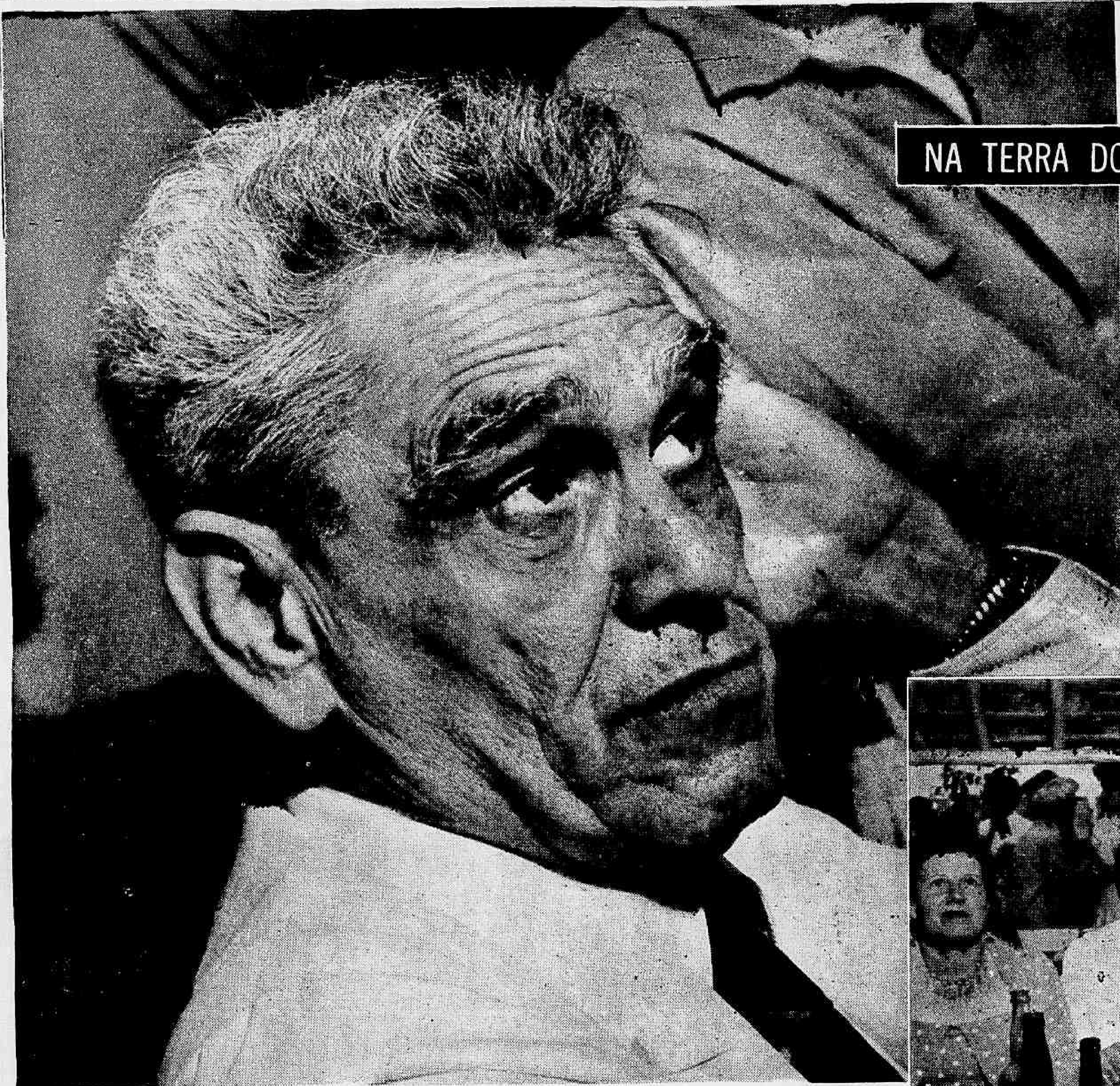
com um transmissor

WESTINGHOUSE



de 10.000 watts.

SOM • POTENCIA • POPULARIDADE





SILVESTRE PÉRICLES DE GÓIS MONTEIRO, nos últimos dias de seu mandato. Aparece, no detalhe, em pleno churrasco, no dia em que era inaugurado o serviço de abastecimento de água para a capital alagoana



MAU POLÍTICO, BOM ADMINISTRADOR

EM CONTACTO COM O GOVERNADOR DE ALAGOAS ★ FIM DO MANDATO ★ A FAMÍLIA ★ ABASTECIMENTO DE ÁGUA PARA MACEIÓ.

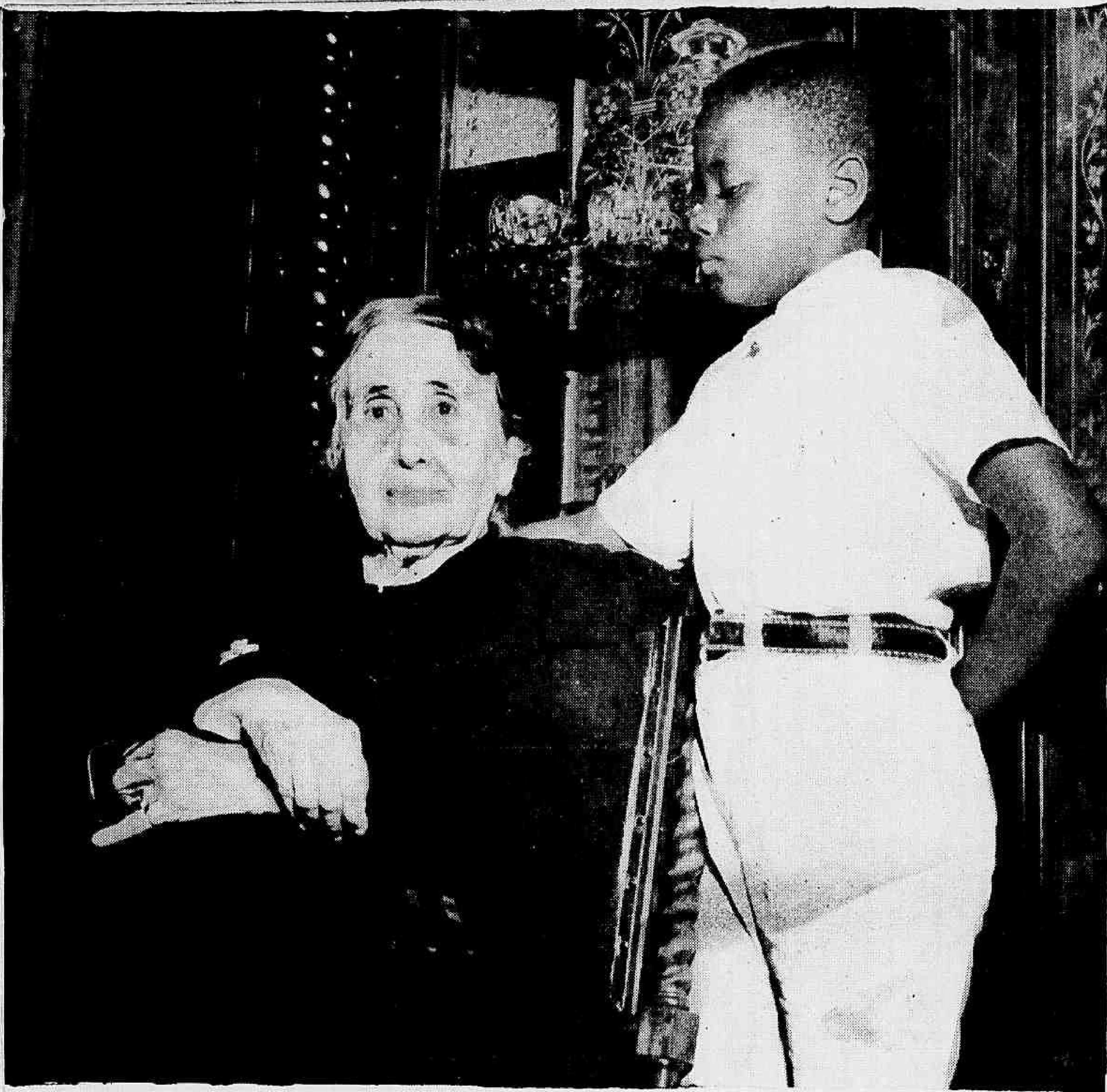
Texto e fotos de SABINO CANALINI.

NOSSA rápida viagem ao norte, em que demoramos alguns dias em Maceió, não obedeceu a nenhum propósito de reportagem especial. A convite do Governador de Alagoas, seguira para Maceió um avião com vários jornalistas cariocas que iriam assistir à inauguração de alguns melhoramentos para a capital alagoana. Logo que nosso destino foi conhecido, recomendaram-nos tomar cuidado com as balas que costumam assobiar nas ruas da cidade nordestina. Como já tivemos ocasião de escrever, ouvíramos tantas excentricidades a respeito de Alagoas, que surpresos ficamos ao verificar o ambiente existente por lá. A calma e o sossêgo que encontramos seriam conseqüência do resultado das eleições? Seria desejo, por parte das autoridades, de mostrar que, além de politicos, eram também bons administradores? Estariam cansados da luta eleitoral da qual tanto esperavam e que tanto os desiludiu? Talvez não fôsse nada disso, ou então um pouco de cada coisa. Não importa, não entremos em detalhes. Registraremos apenas.

Atrasando o avião, descemos no aeroporto de Maceió às 14 horas, seguindo imediatamente para o churrasco que esperava a comitiva do Rio, no "Parque Othon". Desde logo verificamos que o Governador Silvestre Péricles fugia dos jornalistas, principalmente das objetivas fotográficas. Mesmo assim conseguimos alguma coisa, quando êle, sentado à mesa, deixava que por baixo do paletó aparecesse a ponta da arma no coldre.

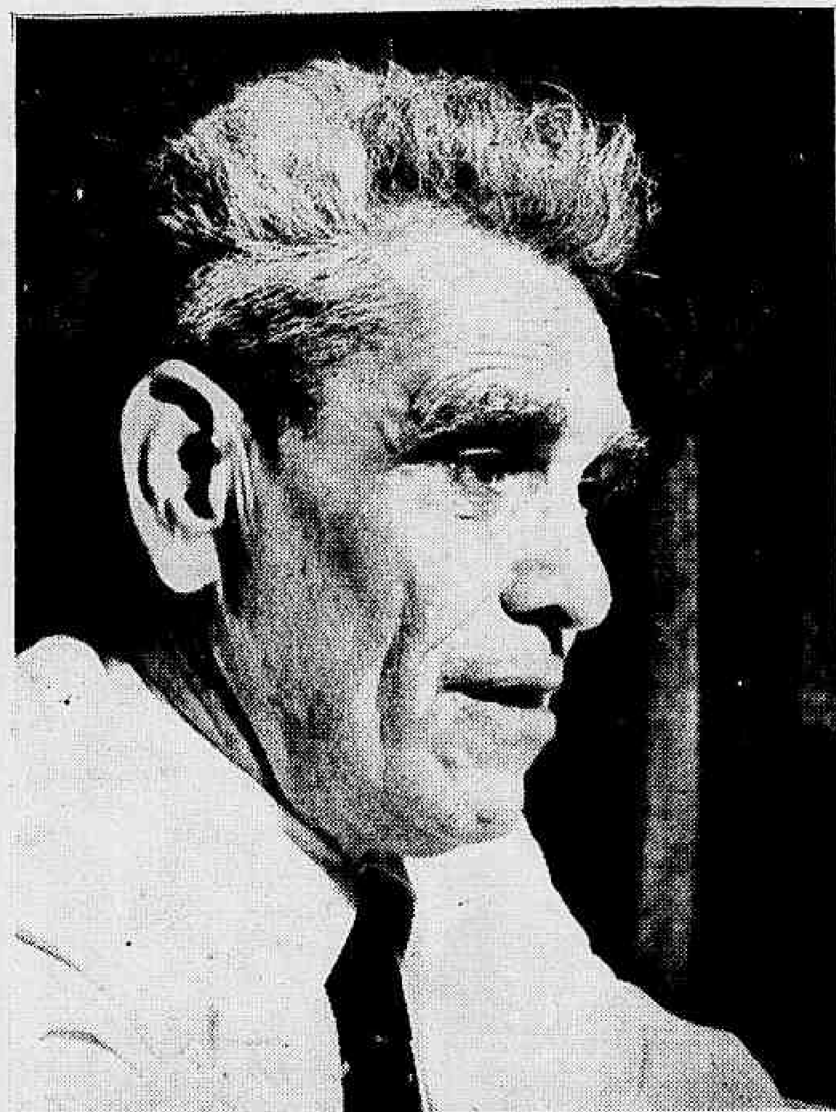
A maioria ostensivamente mostrava suas armas e francamente não compreendemos o motivo. Pareceu-nos que o governador estivesse triste. Nada mais natural, desde que havia perdido uma eleição, o que, de resto, espantou a muita gente boa por êsse Brasil. Enfim, assistimos à inauguração do novo abastecimento de água para Maceió. Sonho dourado de algumas gerações, só agora foi realizado, sob a mais moderna técnica, em espaço de tempo relativamente curto, dando trabalho compulsório a centenas de operários, e fazendo sentir seus efeitos no mesmo dia pela cidade. Após o churrasco foi visitada a barragem do Catolé, em lugar muito bonito, cuja reserva de água constituirá, de agora em diante, uma esperança para os habitantes da capital alagoana. Depois, seguimos para o Cardoso, subúrbio de Maceió, onde ficam instaladas as bombas e os filtros da água. Processos e maquinaria modernos. Vimos os tanques se encherem do precioso liquido e os matutos lamberem os lábios de antegôzo. Na cidade, reparamos uma coisa: quase não há rua em que não tenha sido efetuada a troca de canalização, usando-se agora tubos de concreto. Buracos por todo lado, mas em todo caso bem-vindos, pois serviram para trazer a água de mais de vinte quilômetros de distância. À noite, a pressão

COMO BOM ALAGOANO, o governador não dispensa a companhia de uma boa arma, disfarçada por baixo do paletó

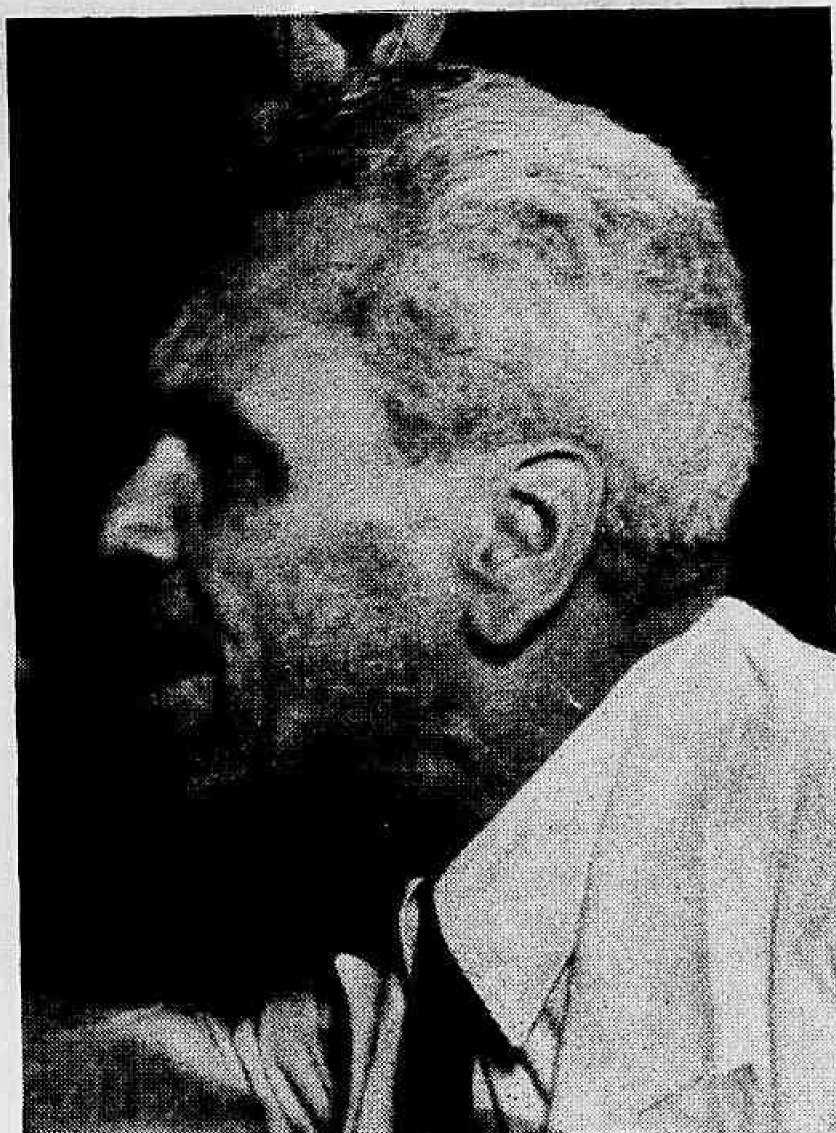


D. CONSTANÇA CAVALCANTI DE GÓIS MONTEIRO, mãe do governador Silvestre Péricles, tendo ao lado o pretinho Heleno, que ela está criando. Na foto abaixo, vemos a espôsa e as três filhas do governador de Alagoas





PARA ALGUNS, o sr. Silvestre Péricles de Góis Monteiro é apenas um perseguido político. Seja como fôr, tanto



os seus amigos como os inimigos, apesar de chamarem-no mau político, reconhecem nêle um bom administrador





NÃO FOI INAUGURADO, mas lá está o monumento ao senador-general Góis Monteiro, irmão do governador «Homenagem do povo alagoano em nome do Brasil»!



PERGUNTOU-NOS o governador Silvestre Péricles, se havíamos fotografado as meninas, dizendo-se satisfeito por isso. Aí estão suas três filhas: Lúcia, Ana Maria e Teresinha, ladeadas por três amiguinhas: Sônia, Marinalva e Teresa

da água se fêz sentir nos condutos velhos ou mal ajustados, houve algum arrebentamento e foi preciso deixar abertos os registros em vários pontos para desafogar a impetuosa pressão de água. Deve ter sido novidade para os maceioenses ver tanta água se gastar à-toa.

Foi no Cardoso que se ouviram os discursos. O último foi o do governador. Depois de historiar sua iniciativa e realização em prol de água abundante, terminou falando sôbre o momento político. Extravasou, então, tôda a amargura que vinha contendo desde o 3 de outubro, acusando os desembargadores do Tribunal de Justiça e a maioria dos representantes do povo alagoano nas Assembléias Legislativas Estaduais e Federais. Previu a terceira guerra mundial, atacou a interferência das fôrças do exército nos assuntos estaduais, disse que houve fraude, fêz advertências contra a infiltração comunista, registrou o semi-analfabetismo e a inconsciência dos eleitores, terminando assim um discurso friamente aceito e de que guardamos cópia.

À noite, houve recepção em palácio, durante a qual atendidos foram os jornalistas em suas pretensões, no que diz respeito a declarações, e na parte fotográfica. Com seu modo todo pessoal, demonstrando a máxima liberdade e "não ter papas na lingua", Silvestre Péricles emitiu opiniões sôbre a situação atual no cenário nacional e mundial. Deixamos de registrá-las por não nos interessar a politica. Notamos a afabilidade com que eram tratados os homens de imprensa. Perguntou-nos se havíamos fotografado "as meninas". À nossa resposta afirmativa, disse que então nada mais importava, estava satisfeito. Pudemos assim colhêr flagrantes da senhora dêle com as filhas, de D. Constança, a mãe, junto com o pretinho Heleno, que a família está criando. Já no fim da recepção havíamos decidido ficar mais uns dias em Maceió para conseguir material para as nossas reportagens, e que foram publicadas nos dois números anteriores. E' nosso dever agradecer as atenções e as facilidades recebidas para levar a cabo êsse intento, especialmente dos srs. José Marinho Júnior, secretário da Fazenda, e Muniz Falcão, delegado regional do Trabalho. Facilitaram êles a condução, que correu por nossa conta, numa terra onde o táxi é um dos negócios que permite maior exploração dos forasteiros. Conversando com partidários e inimigos políticos do governador, vimos que há identidade de pontos-de-vista sôbre a personalidade de Góis Monteiro. Foi apontado como mau político, devido a um suposto despotismo ou feudalismo, digamos assim, do regime mantido sob o seu govêrno. Reconhece-se, entretanto, que o ministro realizou boas obras no campo administrativo: deu água para Maceió, restaurou o molhe do pôrto, abriu as avenidas à beira-mar, escolas primárias na capital e no interior e, finalmente, construiu perto de quarenta açudes no interior, destinados à irrigação dos sedentos campos alagoanos, principal fonte de riqueza do Estado nordestino.

Quanto à situação de intranqüilidade, da qual os jornais vinham falando, nada podemos dizer por não contar com elementos suficientes e por ter sido outra a nossa missão. Sôbre o atraso da terra, consideramo-lo mal geral e não local. Possibilidades e esperanças de melhor futuro não faltam, basta apenas dar tempo ao tempo e as boas sementes darão seus frutos sadios.

E o tempo também se encarregará de revelar aos homens se os Góis Monteiro de fato são o que dizem muitos ou se às vêzes agiram acertadamente.



FIM DE MANDATO



NA REPRÊSA DO CATOLÉ



A SALA DAS BOMBAS



ABRINDO A BARRAGEM



ÓLEO DO ARTISTA coreano Louis Pal Chang, representando as Beatas Colomba e Agnese



NOSSA SENHORA com o Menino Jesus, tela de Maria Clara Suzuko Kimoshita, da China

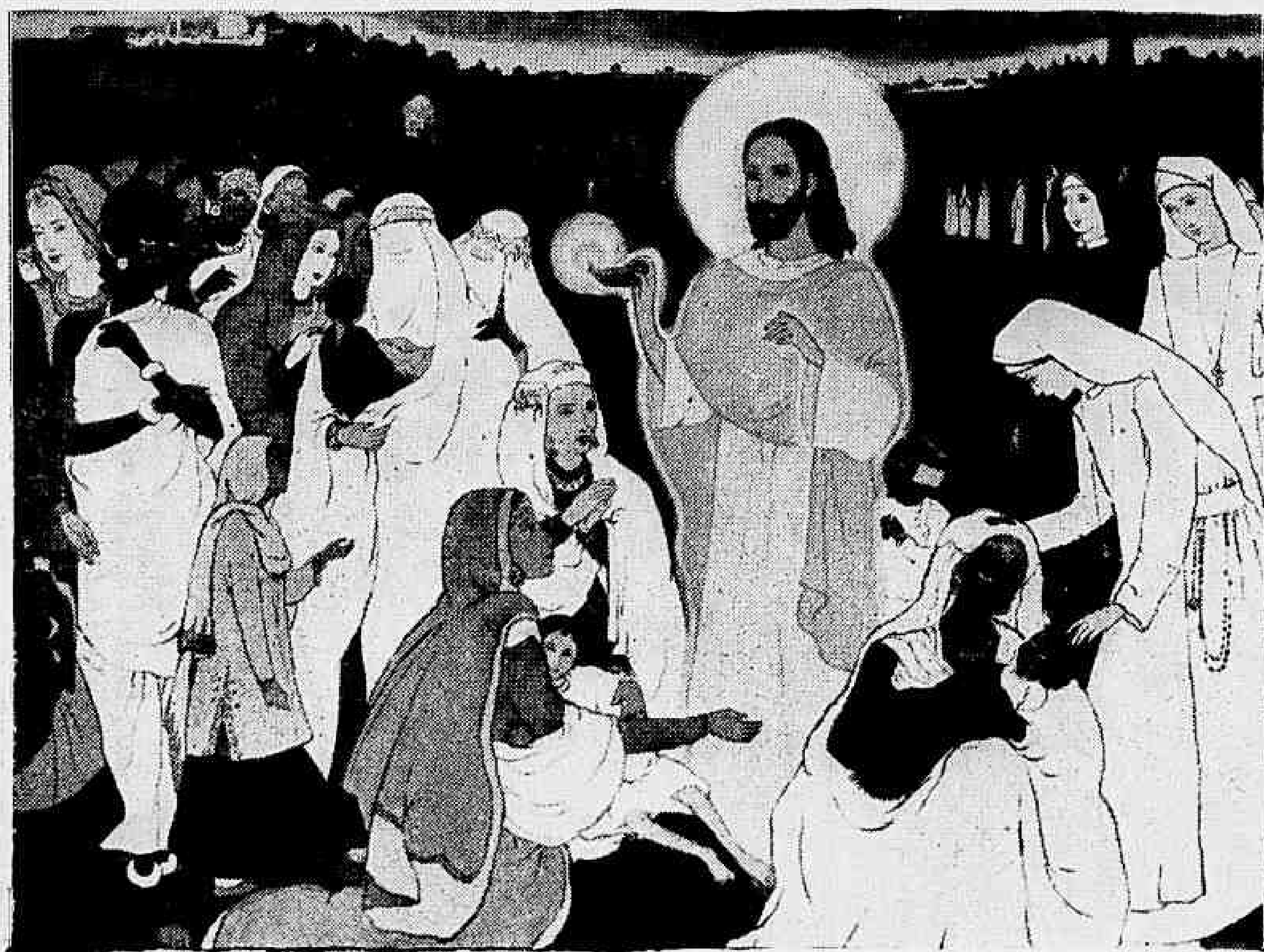
ARTE SAGRADA NOS PAÍSES ONDE OPERAM AS MISSÕES

UM PANORAMA COMPLETO DA ARTE SAGRADA REALIZADA NOS PAÍSES ONDE SE ENCONTRAM MISSIONÁRIOS ★ PALAVRAS SÁBIAS SÔBRE A CURIOSA INICIATIVA ★ CARACTERÍSTICAS DO ANO SANTO RECÉM-FINDO

Texto de LEONARDO COCCI

(Exclusividade da IPA para a REVISTA DA SEMANA)

O Ano Santo de 1950 tem como característica uma série de interessantíssimas exposições de arte sacra, com obras antigas e modernas, organizadas nos diversos centros regionais da Itália. Roma, como centro do catolicismo, não poderia deixar de se encontrar entre as cidades onde as exposições tem por fim afastar a mente humana do materialismo da vida diária, encaminhando-a em direção à pureza das imagens sagradas: e conseguiu ultrapassar tôdas as outras, organizando, sob a prestigiosa orientação de S. E. o Mons. Celso Constantini, secretário da sagrada congregação de propaganda Fide, e com a colaboração das missões católicas, das ordens religiosas, das congregações e missões, além do auxílio prestado pelos governos da França, Bélgica, Vietnam — uma *Exposição de Arte Sagrada nos Países onde Operam as Missões*. Esta Exposição é simplesmente uma grande revelação, panorama completo da arte sagrada feita nos países onde se encontram missionários. Os objetos estão dispostos em 23 repartições, subdivididas em duas seções. A primeira, para os países do Extremo-Oriente, e a outra, para os



BELO QUADRO de Angela Trinidade, da India, representando Cristo curando enfermos



COMPOSIÇÃO de arte japonêsa, mostrando a mártir Grazia Hosegawa, de Luca Hosegawa

países orientais. Passando uma vista d'olhos pelos 4.500 metros quadrados onde estão expostas as obras de escultura, de pintura, objetos sagrados, etc., temos noção de como a nossa religião conseguiu penetrar na alma dêstes ex-pagãos, conseguindo transformá-los em verdadeiros artistas cristãos, sem contudo perderem suas características de origem. Estas obras são documentos de jovem fonte de inspiração que êstes nativos tiram da profunda fé, coisa que tão raramente transparece, quando contemplamos obras sagradas de pintores modernos.

As Madonas, Cristos e Santos, representados por escultores indianos, chineses, japonêses, indo-chineses, filipinos, coreanos, indoneses e ainda os da África setentrional, estão impregnados por esta fé. A exposição revela que a arte destas civilizações antigas da Índia e do Extremo-Oriente está apta a executar as mais belas obras, inspiradas nos temas cristãos, e por-se assim ao serviço do culto católico, dando uma prova de alto grau espiritual.

Muito sábias foram as palavras pronunciadas pelo S. E. Mons. Constantini, aos jornalistas, antes que êstes entrassem na sala, onde se achavam os objetos: "A exposição encerra também manifestações artístico-religiosas de povos primitivos, e é com a mesma alegria com que se recebe o primeiro filho e com a mesma paciência para ensiná-lo a viver, é assim que a grande família católica aprecia e aceita as ingênuas manifestações artísticas dêstes homens primitivos". Também Mons. Sorin, vigário apostólico de Port Moresby, na Papuasoa, escreveu: "Alma de negro, alma de branco; uma e outra vieram de Deus — ambas são boas. Sabemos que Deus deseja ver que todos tiram proveito dos talentos que Êle deu a cada um; seria justo então, proibi-los de louvar o Senhor da forma a êles mais natural? Não. Mesmo se o desenho é esquisito, não representa êle uma homenagem religiosa que vai das mãos de quem o fêz ao espírito daquele que o idealizou."

Estas manifestações da alma primitiva, tomam para nós um aspecto quase que infantil e esquisito. As imagens de São Francisco falando aos pássaros (representados por papagaios, pois são êles os mais comuns); as cruzes às costas de cavalos-marinhos e tartarugas; os rostos das Madonas e Santos com os mesmos traços característicos da raça do autor — eis como se apresenta esta arte, mesmo em suas formas menos evoluídas. Porém, como já foi dito mais acima, o que mais impressiona é a profunda inspiração religiosa que transparece em tôdas as obras.

Como os Missionários conseguiram fazer, de fato, esta valiosa entrega, está explicado nas palavras do Santo Padre, o Papa Pio XII: "A grande tarefa das Missões é a de estabelecer a Igreja em terras selvagens, e de fortalecê-la de tal forma, que possa um dia desenvolver-se e viver sem o auxílio das Missões. Sua obra não é um fim em si: ela tende, com ardor para aquêle outro fim, e quando o conseguiu, ela se retira."

E' impossível citar todos os nomes, tanto dos organizadores como dos artistas, porque há pouco espaço. Por isso, limitar-nos-emos a indicar alguns dos principais. Na repartição indiana, organizada pelo padre jesuíta Heras, encontram lugar de destaque as geniais obras de Chadakant Mhatre, Olimpio Rodrigues (hindu com nome espanhol) e também da pintora Trindade. Na repartição chinesa, que teve por organizador o Padre Jesuíta Merveille, temos as obras de Chang-Shao-Ho, Luca Toen, e um pintor chinês de origem belga Padre Van Genechten. A repartição japonêsa contém obras de Kimura Keiso, Okayama Sinkyo, Nakata Hidekasu, Teresa Koseki e vários outros, enquanto que a repartição indo-chinesa expõe vários trabalhos de pintores vietnamesi, tendo à frente Le Van De. As obras dêste último têm um cunho todo original.

Uma visita a esta exposição, arrumada num dos tantos palácios que foram ràpidamente erguidos na Praça de São Pedro, no Vaticano, reconforta espiritualmente os peregrinos que continuam chegando a Roma, em número cada vez maior.

E' mais uma etapa gloriosa que a Igreja Católica alcançou no caminho infinito que ela, em nome da verdade, continua a trilhar em todos os continentes. A canoa de Pedro, o grande pescador, supera as tempestades e as ondas que parecem querer naufragá-la. De cada canto do mundo o materialismo — fruto do progresso da ciência e da técnica — corrói a alma humana, arrastando-a para desvios perigosos, mas a igreja católica, zelosa e fiel, vela por todos, mesmo nos mais longínquos pontos da terra, onde as elevações exaltam a glória do Criador. (IPA).



Escultura da África Inglêsa. A Virgem com o Menino Deus

SEM ESTELA

Novela de LOIVA LEIRIA BORBA

NÃO era preciso que me dissessem. Não precisava Sandra ter-se dado ao trabalho de ir lá a casa me prevenir. Não era necessário nada disso. Eu, bem dentro de mim, já sabia. Meu coração vaticinara tudo... Agora estava aí. E eu serena, tranquila em face dos acontecimentos.

Sandra dizia:

Mas, Raquel, você não vai fazer nada pela sua felicidade? Vai ficar assim impassível?

Imperturbável, servi-lhe a bebida:

— Em absoluto. Sempre acreditei que não se devem forçar os sentimentos.

— Raquel! Você não fará nada demais lutando pelos seus direitos. Qualquer uma, no seu lugar, lutaria pelo que lhe pertence... Afinal, você lhe deu os melhores dias de sua vida... Escravizou-se a êsse amor...

Eu bebericava plàcidamente. Respondi com determinação:

— O que fiz, fiz pelo coração. Não foi nenhum sacrifício, nem me escravizei tampouco, como você e as outras colegas presumem...

Larguei o cálice sôbre a mesinha:

— E, depois, eu soube sempre que êle só teria que embicar por êsse caminho. Tinha a certeza de que, mais dia, menos dia, isso teria que acontecer...

Levantei-me. Ela me encarava atônita, cálice na mão. Gaguejou:

— Quer dizer... você o aceitou assim, sem restrições...

Fui firme, sincera:

— Naturalmente. Quando entrei para o Escritório e fui trabalhar com vocês sob as ordens de Rodolfo, vocês me preveniram, não é verdade? Lembro-me até que Regina me falou com aquêle seu jeito de gasguita: "Raquel, para seu govêrno, eu a previno contra o chefe. Êle é bonitão e sabe que tôdas nós vivemos apaixonadas, só desejando a oportunidade de um sorriso, e se mostra superior e indiferente com tôdas. Seus olhos e seu coração estão voltados para a filha grã-fina do outro sócio milionário... Portanto, não crie ilusões a respeito..." — e aí está: eu nunca alimentei esperança alguma, e as coisas aconteceram porque assim devia ser. E pronto.

— Não sei como compreendê-la. O certo é que, de qualquer forma, jamais saberei aplaudir sua atitude de agora.

Sandra foi apanhar os seus objetos e, à despedida, falou ainda:

— Admiro a sua serenidade. Eu, francamente, no seu lugar, defenderia os meus direitos.

E, quando ela saiu, eu fiquei pensando uma porção de coisas, interrogando-me intimamente se não estaria mesmo errada em aceitar os acontecimentos assim, com essa passividade assustadora. Mas, acabei chegando à conclusão de que, para agir de outra forma, para reagir abruptamente ao gesto de Rodolfo, eu precisaria primeiro voltar ao princípio da minha consciência e partir dali novamente, tomando por outro caminho. Para proceder de forma diversa, era preciso que eu modificasse tôda a minha estrutura íntima.

★

Passava já das 11 horas, eu estava lendo, reclinada no "sumier", quando escutei um barulhinho na fechadura, e logo seus passos no corredor. Larguei o livro e fui-lhe ao encontro com a mesma solicitude de sempre. Sacou o capote e, enquanto eu o dependurava no cabide, foi jogar-se pesadamente numa poltrona:

— Você me esperava?

Voltei ao "sumier":

— Naturalmente, Rodolfo. A noite está fria, não é verdade, querido?

Notei-lhe o abatimento, tentei dissimular:

— Quer uma bebida?

Recusou:

— Não, não, obrigado... Preciso ter as idéias claras esta noite, Raquel... Nada que me perturbe... Vim para lhe falar sèriamente...

Pressenti logo:

— Diga. Sabe que sempre o escutei com atenção, sempre procurei compreendê-lo.

Êle se levantou bruscamente, pôs-se a andar nervosamente sôbre os tapêtes:

— Eu sei disso. E é justamente isso que dificulta tudo.

Eu adivinhava seus pensamentos e fiquei aguardando silenciosa. De repente vi-o parar diante de mim, decidido.

— Você, naturalmente, mesmo que nunca tenhamos tocado nesse assunto... deve ter sabido sempre que eu já era noivo quando nos conhecemos...

Não respondi logo. Afastei o cobertor das pernas, fui-me levantando pausadamente, sem tirar os olhos dêle. Só então, face a face, disse-lhe firme:

— Rodolfo, você está se mortificando à-toa. Agradeço-lhe a satisfação que se sentiu na obrigação de me dar. Isso é a sua maior prova de consideração para comigo. Não precisa mais nada, querido. Eu compreendo tudo.

Profunda transformação se operara nêle. Recebia minhas palavras, meu olhar, minha determinação com crescente surprêsa. Na certa, havia pressuposto uma vulgar cena de ciúme e de lágrimas da minha parte. Mas, muito se enganara. Apelando para tôda a minha pobre inteligência, tratei de torcer os acontecimentos em meu favor. Assim acabei por me libertar daquela impressão chocante de humilhação que êle devia ter criado a meu respeito diante do que viera dizer-me. Depois, era êle mesmo quem se perturbava:

— Estranho essa sua aceitação tão pronta... Naturalmente, esperei compreensão da sua parte, porém, jamais essa beatitude impressionante... essa concordância imediata...

Expliquei-lhe meigamente o meu ponto-de-vista:

— Eu compreendo o amor assim, dessa maneira, Rodolfo. Nossos sentimentos têm que ser espontâneos e sinceros. Tudo o que é forçado, não pode trazer tranquilidade ao espírito, nem felicidade ao coração.

Olhou-me longamente, profundamente, e balbuciou de testa franzida:

— Você é uma criatura bastante estranha, Raquel...

Sorri sem querer:

— Não se preocupe comigo, Rodolfo. Siga a sua determinação para ser feliz. E é só felicidade que lhe posso desejar neste momento, pelo grande bem que lhe quero. Aliás, ainda fico-lhe grata pelos dias de ventura que me proporcionou, querido. Você sabe, minha vida foi sempre tão vazia, tão sem razão de ser, antes de eu conhecer você...

Quis reter minhas mãos, escapei:

— Só lhe peço uma coisa, Rodolfo: nunca mais me procure. Nossas vidas tinham um destino a cumprir, nossos caminhos deviam cruzar-se por um instante. Porém, agora, que tudo está consumado, aceito a realidade com um certo fatalismo... Vou fazer as malas e hoje mesmo me afastarei de sua vida.

— Não, não!

Não compreendi logo. Já êle me tomava pelos ombros:

— Raquel, permita-me uma coisa: não saia daqui. Não deixe o apartamento... E' seu, fique nêle, querida... Deixe tudo como está, não mude nada. E' como se a vida continuasse...

Mirei-o intrigada e êle explicou-se logo:

— Não faça juízo apressado, Raquel... A vida pode continuar nas recordações...

Nem sei por que concordei prontamente. O certo é que me vi dizendo com resolução:

— Está bem. Eu ficarei. Mas, com a condição de que você não tente penetrar mais na minha vida, Rodolfo. De hoje em diante você deverá ser apenas o meu chefe de trabalho. Mais nada.

Êle me olhou tristemente, longamente, e foi apanhar o capote e o chapéu com gestos pensativos. E eu, naquele instante, tive uma rápida intuição dos seus mais secretos sentimentos.

★

Fazia já uma porção de dias que não nos aproximávamos um do outro, desde a noite do desenlace. Naquela manhã de sábado, êle deixou o escritório particular e veio à minha mesa de trabalho. Disse em voz alta e imperativa:

— Raquel, tenho um trabalho para você. Venha ao meu gabinete.

Acompanhei-o e, de passagem, não pude deixar de perceber o espanto com que me seguiam os olhos de minhas colegas.

Mal encostou a porta, êle voltou-se para mim:

— Raquel, aconteceu algo desagradável... muito desagradável...

Esperei. E êle:

— Minha noiva foi inteirada de tudo.

Espantei-me sinceramente. Aquilo poderia causar grandes transtornos em sua vida.

— Alguém lembrou-se de mandar uma carta anônima a Estela...

(Cont. na pág. 44)



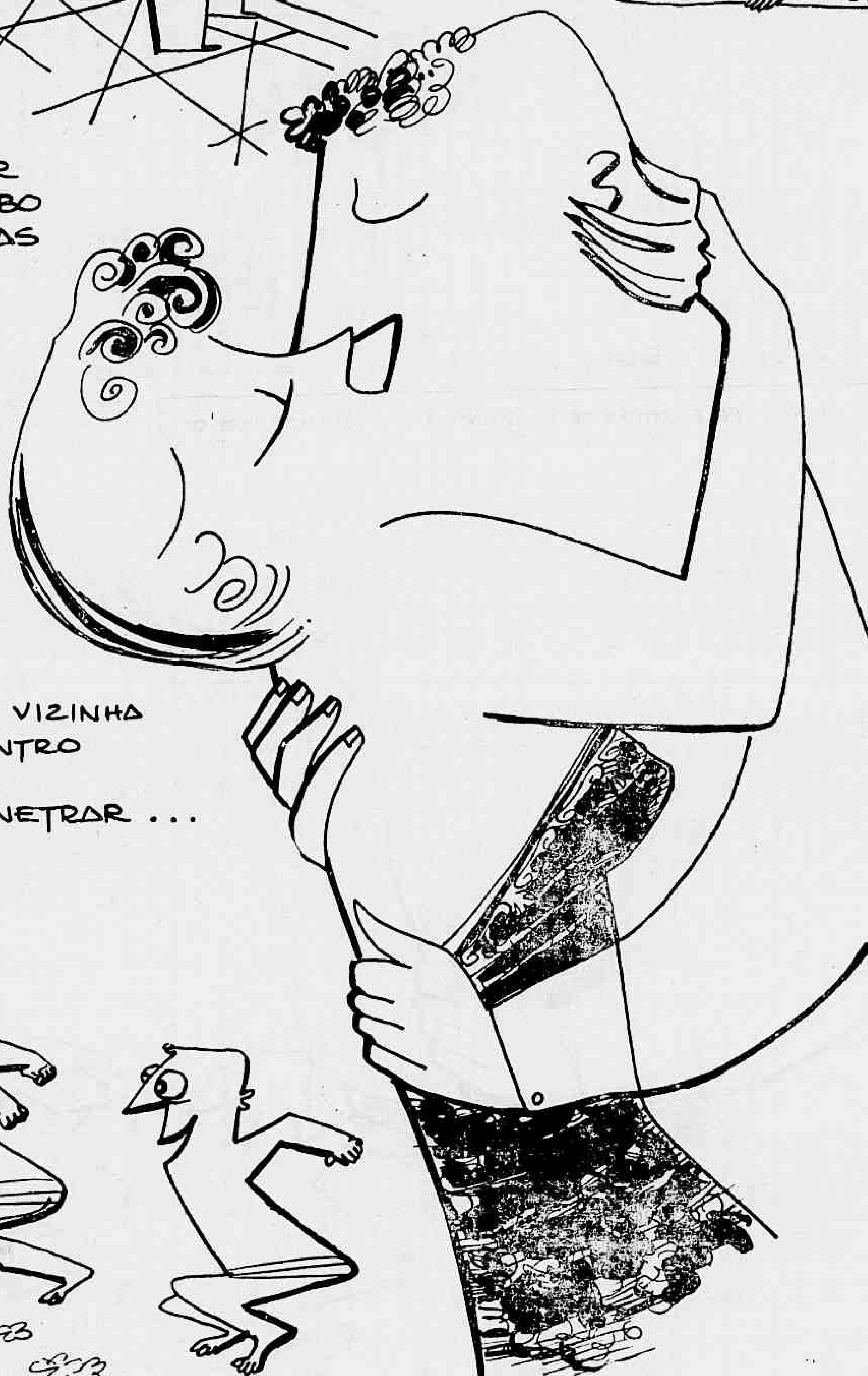
NICODEMUS

PROVA E SABOREIA UM DÔCE

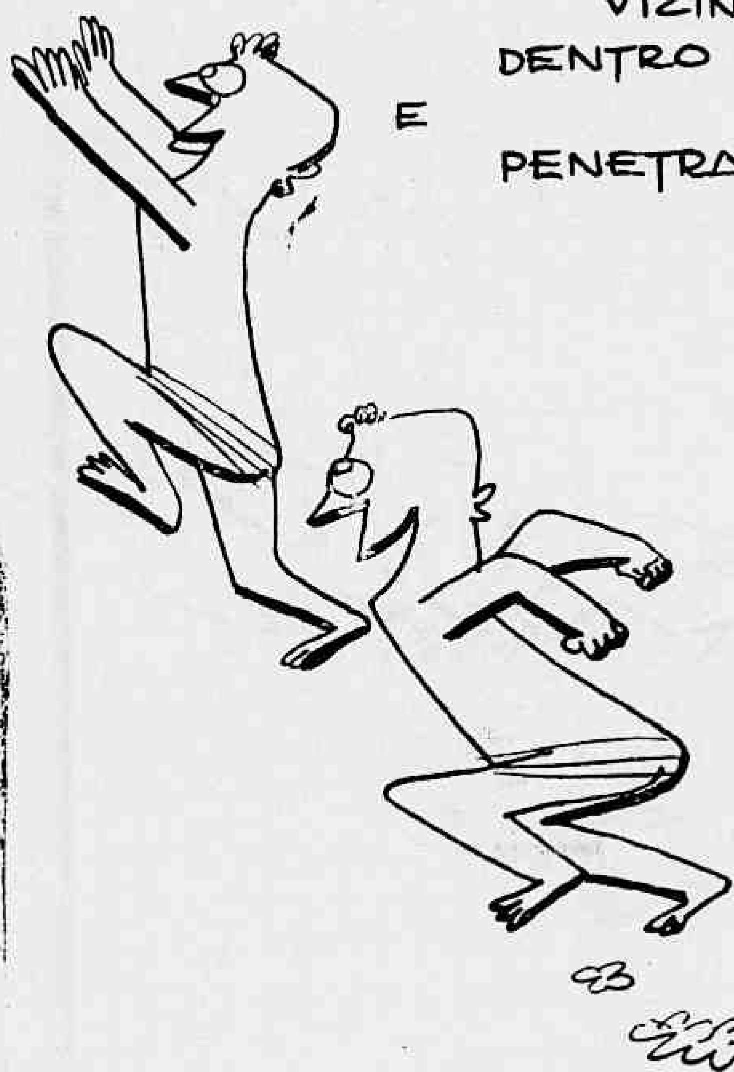
SONHO



PARA SONHAR
NÃO E' PRECISO
ESTAR DEITADO
O QUE
NO ENTANTO
FACILITA
O TIRAMENTO
DE UMA PESTANA.
SONHA-SE
EM PE'
AJOELHADO
DE CÓCORAS
DE QUATRO . . .



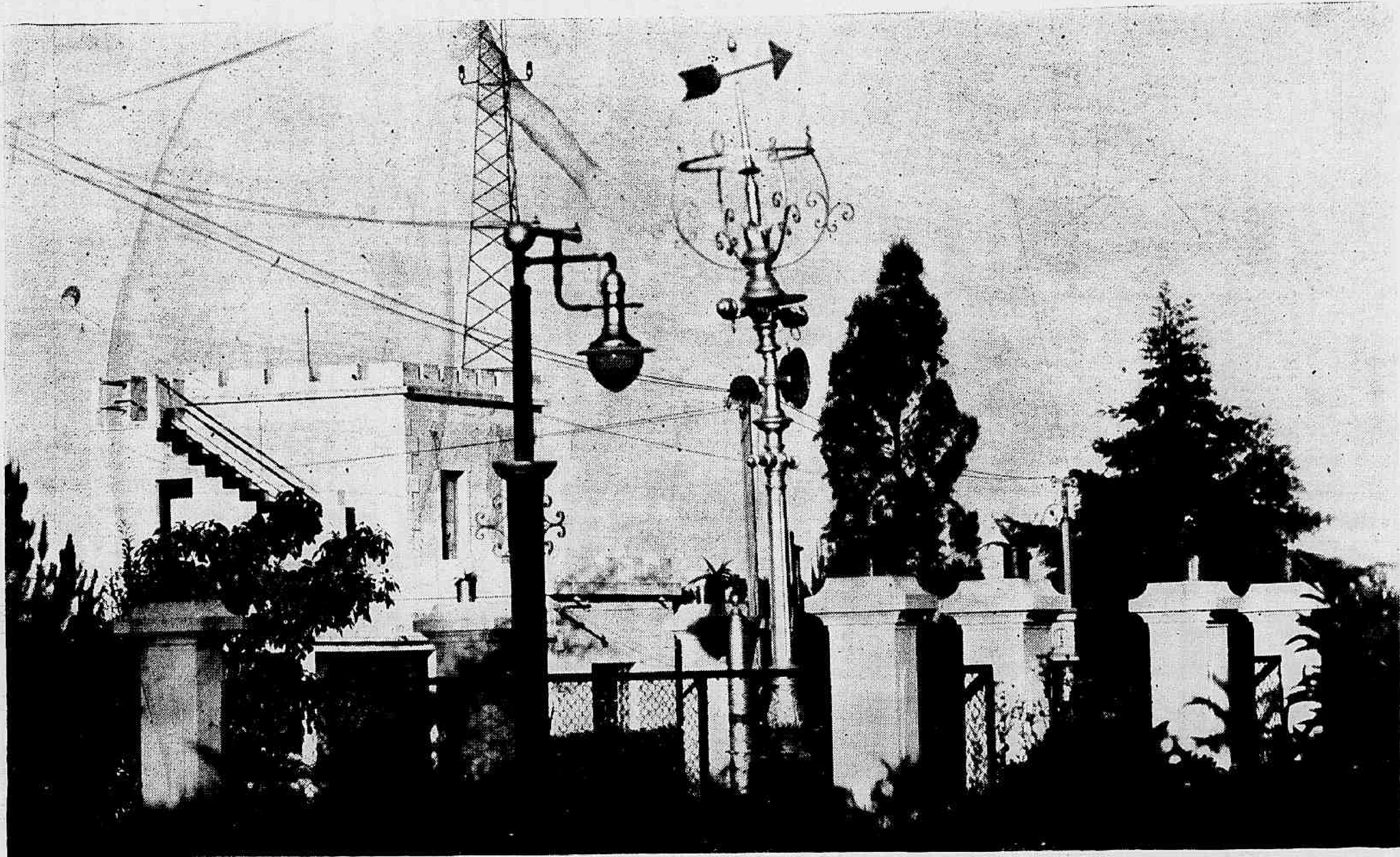
SONHAR E' VOAR
E' TOMAR TOMBO
CAINDO ESCADAS
BRINCAR
DE
SAPO
DANDO
PULINHOS
ATE'
A JANELA
DO
BANHEIRO
DA
VIZINHA
COM
A
VIZINHA
DENTRO
E
PENETRAR . . .





SONHAR
E'
TER
A
PAPO DE ANJO —
— AÇUCARADA
ILUSÃO
DE
UM
BEIJO
PROLONGADO,
MOR-
DI-
DI-
NHO,
SEM
CHICLET
NEM
SALADA
COM

CEBÔLA! ...



NO "CASTELINHO", independente e afastado da "casa grande", ficam as dependências do. sr. Getúlio Vargas. Ali reside com seus secretários particulares e o ingresso é permitido apenas em casos especiais. Ninguém entra no "castelinho" sem convite. Para atender aos visitantes e para as refeições, s. ex. comparece ao solar da estância várias vêzes por dia

48 HORAS NA ESTÂNCIA SÃO PEDRO

A "REVISTA" NA FRONTEIRA BRASIL-ARGENTINA, EM CONTACTO COM OS SRS. GETÚLIO VARGAS E BATISTA LUZARDO ★ O SOLITÁRIO DO "CASTELINHO" E SEU CÃO-FIEL ★ UMA ENTREVISTA NEGADA QUE SE OBTEVE DEPOIS ESPONTÂNEAMENTE ★ "NEM SEMPRE AS MINHAS PALAVRAS SÃO BEM INTERPRETADAS" ★ O PRIMEIRO ALMÔÇO: SOPA DE TRIGO INTEGRAL, CHURRASCO DE TERNEIRO, FRUTAS E COALHADA ★ PRIMEIRAS REVELAÇÕES: QUE A GENTE DE TEATRO INDIQUE O HOMEM EFICIENTE PARA AMPARÁ-LA E A SUGESTÃO SERÁ ACEITA ★ CINEMA BRASILEIRO EM MARCHA ★ SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA DO TRÁFEGO NO RIO, SÓ COM O "METRO" ★ O HOMEM VISTO DE PERTO, EM BOMBACHAS E DE BOM HUMOR ★ ÊLE PERGUNTA MUITO MAS RESPONDE QUASE NADA. PREFERE OUVIR ★ QUE GRANDE ENTREVISTADOR! ★ O RESTO NÃO E' SILÊNCIO: VIRÁ DEPOIS

Reportagem exclusiva de CELESTINO SILVEIRA
(Fotos do autor e de Lauro Porto)

O avião da "Cruzeiro do Sul" que nos levou do Rio naquela manhã chuvosa de dezembro, chegou a Pôrto Alegre em dois maravilhosos saltos de gaivota. Desta vez, o clássico mau-tempo da rota sul primou pela ausência, ficou para trás do Rio — e nem São Paulo está sem teto, como é de seus hábitos. Em Congonhas não ficamos mais de quinze minutos, o bastante para engolir um café detestável e para renovar o sortimento de jornais. O segundo salto, à capital gaúcha, faz-se com um céu de rosas. A bordo, um estancieiro diz para o vizinho, comentando as notícias que a gazeta lhe fornece:

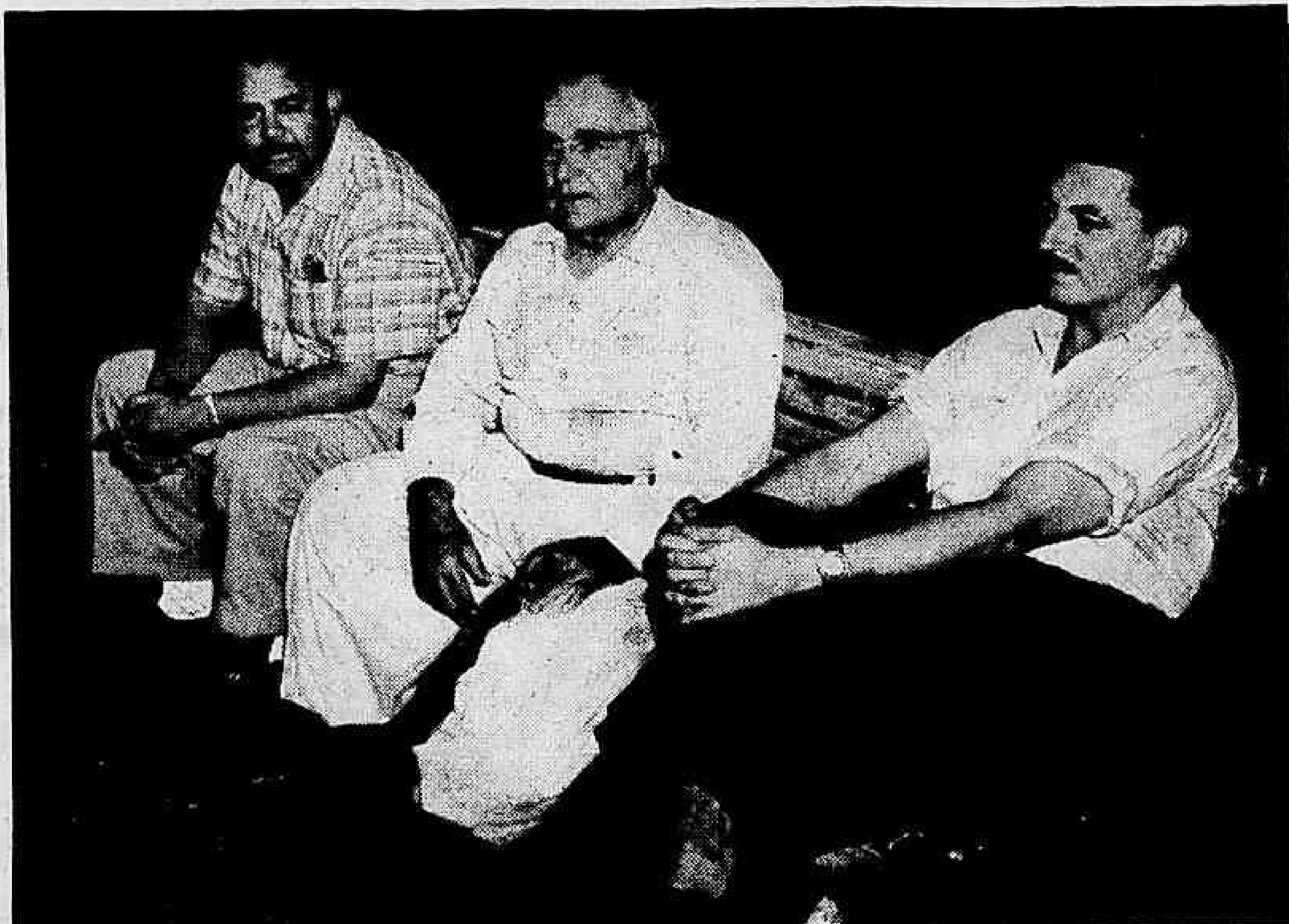
— Veja você, êste mundo está perdido. Tudo trocado. Inundações no nordeste e sêca por êstes lados. Está morrendo cabeça-de-gado aos milhares. Você vai encontrar pelas estradas o couro de muito boi mirrado, só o couro, porque o miolo, urubu comeu!

Pode ser verdade, mas o dia é luminoso e claro, o firmamento lírico de um azul celeste, sem nuvens. Lá fora, o ar deve ser penetrante e fino. A planície sem igual dos pampas vai perpassando, muito em baixo. Estamos a várias centenas de metros de altitude, mas a claridade faz-nos parecer que tudo se encontra mais próximo, ao alcance das nossas mãos.

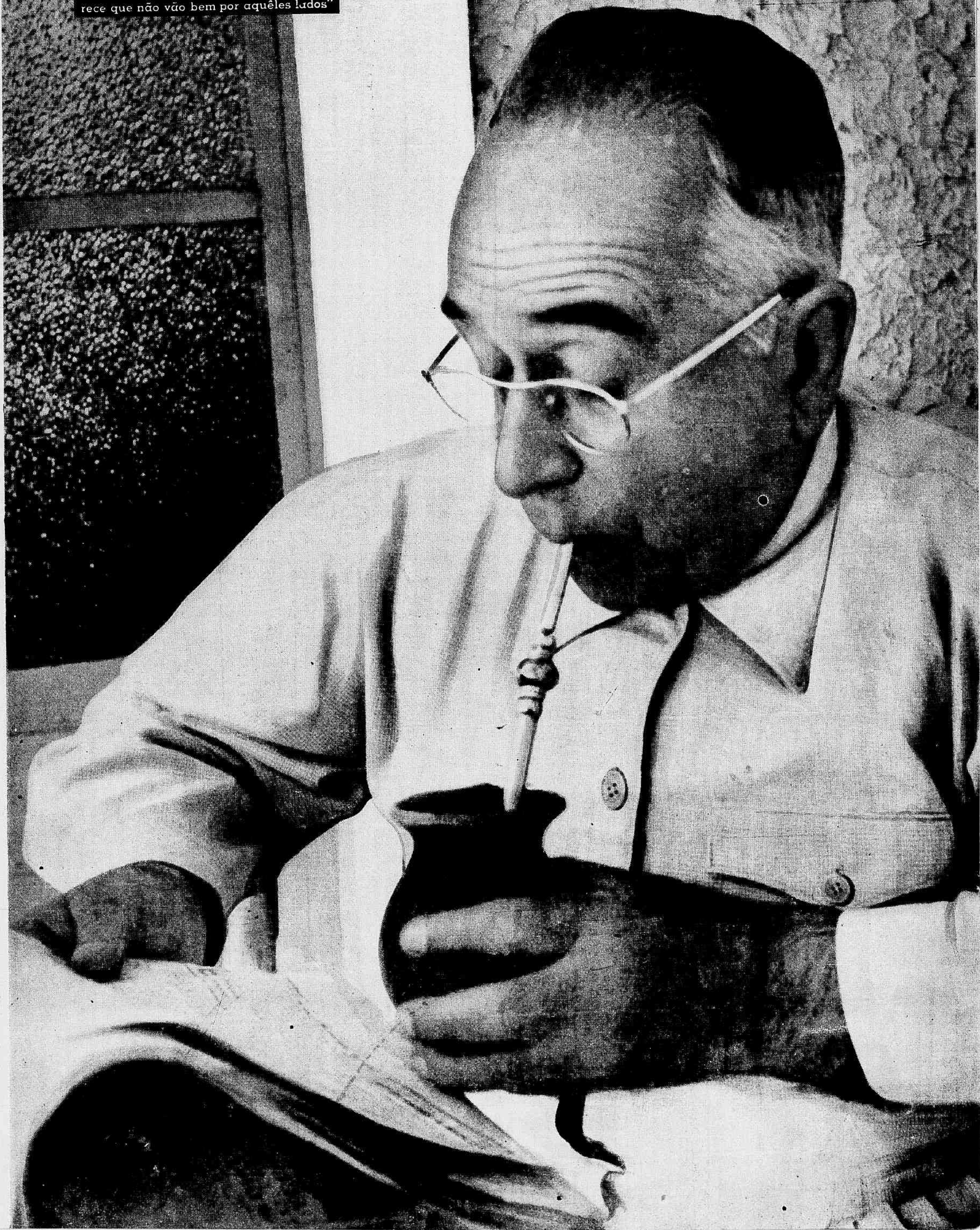
E, em Pôrto Alegre, também não temos vagar para ir à cidade, nem a cidade interessa no momento. Fica para outra vez.



O "AMARGO" DA MANHÃ, saboreado no "castelinho" e as notícias de um jornal da véspera. Flagrante obtido por Lauro Pôrto, quando o repórter fazia o mesmo com s. ex.



AO CAÍR DA TARDE, na pequena "ilha" para lá do "castelinho". E' a hora da "conversa em família" com os confrades Rivadávia de Sousa e Jauri Medeiros, da imprensa gaúcha



OS TELEGRAMAS DA LUTA na Coréia absorvem a atenção do candidato eleito — enquanto êle vai também absorvendo o chimarrão matutino. E diz: "As coisas parece que não vão bem por aquêles lados"



A SRA. ALZIRA VARGAS do Amaral Peixoto e a sra. Batista Luzardo, quando a primeira foi despedir-se do pai antes de embarcar para a Europa em companhia do seu marido

o ensejo de matar saudades. Agora, é preciso ganhar tempo e aproveitar o avião da "Varig" que vai para Uruguaiana dentro de hora-e-meia. Caras amigas, conhecimentos que se revêem com satisfação — e num grupo de recém-chegados, por outro aparelho, que veio da fronteira, divisamos a figura garôta e simples da sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto. Ninguém vai dizer que ali esteja a filha do candidato eleito ao Catete. Entre as senhoras que se misturam no minúsculo aeroporto, ela é das mais singelamente vestidas. Sardenta, tostada pelo sol, com dois embrulhos de bom tamanho, não chega para as encomendas.

Faz meio ano, quando voltávamos da festa da uva em Caxias, também ali a encontramos, mas então menos assediada pelos grupos. Natural: faz meio ano, a vitória eleitoral do sr. Getúlio Vargas era hipotética para muita gente. As coisas mudaram bastante neste semestre...

Bem, mas não sobra tempo para outras observações. O aparelho da Varig é pontual, o microfone deu o sinal de embarque e minutos depois Pôrto Alegre é um quase-nada que se vai deixando para baixo e para trás, enquanto um terceiro salto nos transporta às vizinhanças da Ponte Internacional. Estranhamos o número reduzido de passageiros rumo a Uruguaiana, quando no Rio se afirmava que meio-mundo voava neste instante, rumo à estância do sr. Batista Luzardo, para onde também vamos.

Talvez a vizinhança das Festas tenha feito arrefecer o entusiasmo dos visitantes de São Pedro.

Pisamos Uruguaiana ainda dia claro e nesse fim-de-tarde poderíamos, utilizando o táxi-aéreo do jovem pilôto José Herbstrith, atingir a etapa final. São Pedro é logo adiante, a menos de meia-hora em aparelho de velocidade reduzida, mas será melhor deixar o remate da viagem para segunda-feira. Domingo deve ser um dia estafante para o homem a quem vamos ouvir — e preferimos deixá-lo em sossêgo. Combinamos com Herbstrith o vôo para a manhã seguinte, iremos encontrá-lo no Hotel Minhota — a eterna presença do imigrante luso "em terras de Santa Cruz", como dizem os seus patrícios — e vamos esticar as pernas para o lado da ponte, cruzá-la se fôr possível, ver de perto o outro lado, já pisando torrão argentino.

★

Mas, o resultado dêsse estirão a Paso de Los Libres será objeto de outra reportagem, mais adiante. Nossa vizinhança com os portenhos, uma vizinhança mais em evidência nesta hora de renovação governamental no Brasil, e as propaladas afinidades que podem surgir com a terra do general Perón, merecem um capítulo à parte. Temos algumas observações curiosas sôbre a vida na fronteira, a eficiência da Ponte, o modo por que se processa a vigilância de ambos os lados — e outras curiosidades. No momento, urge deixar a fronteira para a volta, e tocar adiante. Ardemos em curiosidade para conhecer a

A SRTA. IVONE, sobrinha do sr. Batista Luzardo, fixa uma atitude sorridente do sr. Getúlio. Vargas. Assistem, em segundo plano, a professôra Dilza Rodrigues Bellomo e a sra. Idalina S. de Coudeu, espôsa do cônsul do Chile em Pôrto Alegre. Foram a São Pedro em visita ao candidato eleito e ali permaneceram por vinte e quatro horas, como hóspedes do anfitrião





MESMO COM O VERÃO forte de dezembro, a lareira do galpão é acêsa, iluminando o rosto dos "piões", à noite, depois da ceia. E' quando a turma se reúne para o bate-papo antes de dormir, girando a cuia de mão em mão, enquanto os tocadores de viola e "gaita" alegram o ambiente com suas melodias regionais. Êsses homens não dormem sem o "amargo"

famosa estância do sr. Batista Luzardo, mas ainda mais para saber como vive dentro dela o homem que por três lustros governou a nação. Também o fruto de nossa visita à estância São Pedro, tudo quanto ali pudemos fixar — e nenhum impedimento nos foi criado, diga-se desde já — tem de ficar para outra ocasião. Compreendemos agora que esta nossa viagem terá de ser dividida em três capítulos distintos: Getúlio — Estância e Fronteira.

Êste é o primeiro e tudo quanto desejamos consiste em fazer que o leitor nos acompanhe fielmente na última etapa aérea, descendo conosco em São Pedro para sentir bem de perto, como se lá estivesse, todos os pormenores do que então se passou.

★

Em menos de trinta minutos o táxi-aéreo vai pousar, remançoso, dentro da propriedade do antigo embaixador do Brasil na Argentina. Um avião de maior potencial cobriria o percurso em pouco mais de dez minutos. Êste, que nos transportou, mais parecia um automóvel de boa marcha, provido de asas. Quando nos sentamos junto ao pilôto, quase duvidamos que tão leve estrutura pudesse alçar vôo — e quando nos sentimos guindados no espaço, é como se brincássemos de aviação. Se alguma vez o leitor teve um dêsses nossos costumeiros pesadelos de levitação, pesadelos que nos dão a idéia nítida de adejar pelo espaço, milagrosamente, como se fôssemos providos de asas de alumínio — poderá imaginar a nossa emoção. Quem se habituou a viajar em possantes transatlânticos do ar, cruzando continentes, sentirá o mesmo. O táxi-aéreo é qualquer coisa de brinquedo, de infantil. E a simplicidade do "painel" que o pilôto maneja como se apenas dirigisse um carro de corridas na Gávea, mais faz acentuar essa impressão.

Enquanto voamos, Herbstrith vai nos mostrando lá em baixo os limites da propriedade do sr. Batista Luzardo. Desde o meio da viagem em diante, tudo pertence à estância São Pedro. E o rio Uruguai, onde fica? Para a direita, muito para a direita mesmo. Em dado momento, tudo quanto nossos olhos abrangem em todos os sentidos, está dentro dos limites da estância. A planície é a clássica dos Pampas, tudo raso, pasto, gado em quantidade — manchas de ovelhas, rebanhos que se deslocam para tôdas as direções, manchas mais escuras de boiadas que se espreguiçam pelo solo matizado, de um verde em todos os tons. Tapêtes que se afiguram macios, vistos de cima. E pouca vegetação mais alta, até quando nos avizinhamos da casa-grande. Mas, a casa-grande é de um pavimento, baixa, escondida no arvoredo, que agora se robustece aos nossos olhos. Sobressai então, muito alvo, mais alto e quadriculado, o castelo.

— Êsse é o famoso "castelinho" onde mora o Presidente. (Para govêrno do leitor: é assim que tôda a gente se refere ao sr. Getúlio Vargas. "Presidente êle foi, presidente volta a ser, não podemos tratá-lo de outro modo", já ouvimos antes de um hoteleiro na cidade fronteiriça).



A CAMAREIRA, incumbida dos arranjos do "castelinho". Tem o privilégio de penetrar no recinto secreto. Veio da Ucrânia com o marido, que trabalha em serviços de lavoura

"SEI QUE VOU SENTIR muito a falta dêste "à vontade" e bom seria se pudéssemos adotar no Rio, indumentária mais simples e condizente com o clima. Contudo, não é fácil..."

— Mas, o Presidente mora afastado da família Luzardo? — interrogamos.

O pilôto sorri, resolvendo o problema da descida, embicando o aviãozinho de brinquedo para o alvo branco do castelo:

— Tudo isso o senhor saberá não tarda muito.

★

Ao contrário do que se poderia esperar, ninguém vai ao nosso encontro. O táxi-aéreo baixou, fagueirinho, meteu-se por um caminho trabalhado na grama de tanto ali baixar avião e parou o motor depois de três ou quatro voltas em terra firme. E' como se todo o percurso fôsse feito no solo, de automóvel — e à nossa frente algumas ovelhas tosquiadas dias antes, parecendo criancinhas despidas, nem se dão ao trabalho de abrir caminho. O gado em São Pedro deve andar acostumado à descida e subida constante daqueles pássaros de aço, competindo com as outras aves que ali vivem no arvoredo ou nas estacas altas do pasto.

Descemos e rumamos para a casa-grande. Deixaremos que as coisas corram ao sabor do imprevisto: temos um cicerone, homem afeito às lides daquela propriedade. Muitas vêzes, no mesmo dia, o nosso pilôto tem levado outros visitantes aos domínios em que então faz pouso o sr. Getúlio Vargas.

E quando em nossa direção aponta um ilustre desconhecido, já bem perto da varanda do edifício residencial. Dizemos quem somos, ao que vamos, e êle pede que aguardemos alguns minutos. Não tarda a aparecer outro jovem, para nós desconhecido. Êste, porém, reconhece o repórter de qualquer coisa por êle publicada. E o recebe cordialmente, permitindo-nos o acesso à varanda, onde, em confortáveis divãs e cadeiras de aço, estão sentadas várias pessoas. Não são ainda dez horas, mas observamos que êsses visitantes foram realmente madrugadores. Alguns cavalheiros aguardam, com certeza, o que também desejamos — defrontar-se com o ilustre hóspede do sr. Batista Luzardo.

Sabemos então que o sr. Getúlio Vargas é esperado a qualquer momento. Já se levantou, mas ainda não saiu de seus aposentos. Não sabemos para que lado ficam êsses aposentos, porque, recém-chegados, não nos foi possível ainda fixar um ponto-de-referência naqueles sítios. Mas, a palestra com o sr. Roberto Alves, secretário particular do candidato eleito, e a presença de dois confrades, um dêles velho amigo do repórter, começam a auxiliar a tarefa das primeiras observações! Jaury Medeiros, do "Diário de Notícias", e Rivadavia de Souza, do "Correio do Povo" (ambos de Pôrto Alegre), ali se encontram, em São Pedro, desde algumas semanas, com a tarefa de remeter cada manhã, para os seus jornais, o apanhado da véspera. Êles sabem tudo quanto se passou — ao menos exteriormente — no reduto para onde convergem, no momento, quase tôdas as atenções do país, acompanham a chegada e a partida de ilustres ou anônimos figurões, e devem ter recolhido material farto e abundante. Mas, Jaury Medeiros está acompanhado de Lauro Pôrto, veterano repórter fotográfico do "Diário de Notícias" — e dez minutos passados, somos uma só família. Sentimos que, embora cada confrade esteja disposto a mandar para o seu jornal o melhor serviço, entre êles não existe a clássica rivalidade visando a competição do "furo". Tudo está mesmo em família. A imprensa gaúcha, representada pelos seus dois órgãos de maior expressão, confraternizam — e fornecem assunto, muitas vêzes, também, para os jornais cariocas, na reprodução do que êles publicaram lá no Sul.

★

A conversa íntima é interrompida quando, da varanda, distingüimos ao longe, aproximar-se o perfil rotundo do sr. Getúlio Vargas. Êle vem em nossa direção, do "castelinho" situado a algumas dezenas de metros, em frente — palmilhando aquela fila de cimento que os jornais cinematográficos já deram a conhecer ao público. Vem ligeiramente bamboleando, de braços curtos e pendidos, que se movimentam com ritmo e cadência, para a frente e para trás, como que tentando equilibrar o corpo. Sem dúvida, o sr. Getúlio Vargas engordou bastante, mas a indumentária típica por êle adotada — as bombachas de fazenda leve e clara, as mangas fôfas do blusão — mostram-no ainda mais volumoso. Seus passos são fortes, bem pisados, mas o abdômen proeminente oscila em sincronismo com o jôgo de braços. Só a cabeça, descoberta, de tênue cabeleira esbranquiçada, e de cabelos mais ralos, se mantém firme e sobranceira. Sente-se que o sol e o vento dos pampas vêm tisnando implacàvelmente a epiderme do sr. Getúlio Vargas, bastante tostado. Os óculos de aros finos e dourados, mostram, através das lentes grossas, o olhar curioso e perscrutador de quem os traz. Por detrás daquelas lentes, adivinha-se o poder expressivo de fixação do sr. Getúlio Vargas. Traz entre os dedos sem anéis o seu primeiro charuto do dia e

48 HORAS NA ESTÂNCIA SÃO PED

ÊSTE E' O FAMOSO Sultão, popularíssimo na estância. Não s
tal modo se afeiçoou ao sr. Getúlio Vargas que, onde estiver

com certeza acabou de saborear também o seu primeiro "amargo".

Vem precedido pelo sr. Roberto Alves, que nem por sombras dá a impressão de um secretário particular do futuro presidente. Só mais tarde o vemos aderindo às bombachas; agora, está de mangas arregaçadas, a camisa aberta no peito, mesmo porque o calor é qualquer coisa de terrível naqueles dias.

Alguns passos atrás do sr. Getúlio Vargas, a figura maciça do tenente Gregório, amigo inseparável e chefe da sua guarda particular, faz sentir-se. Mas, estaciona

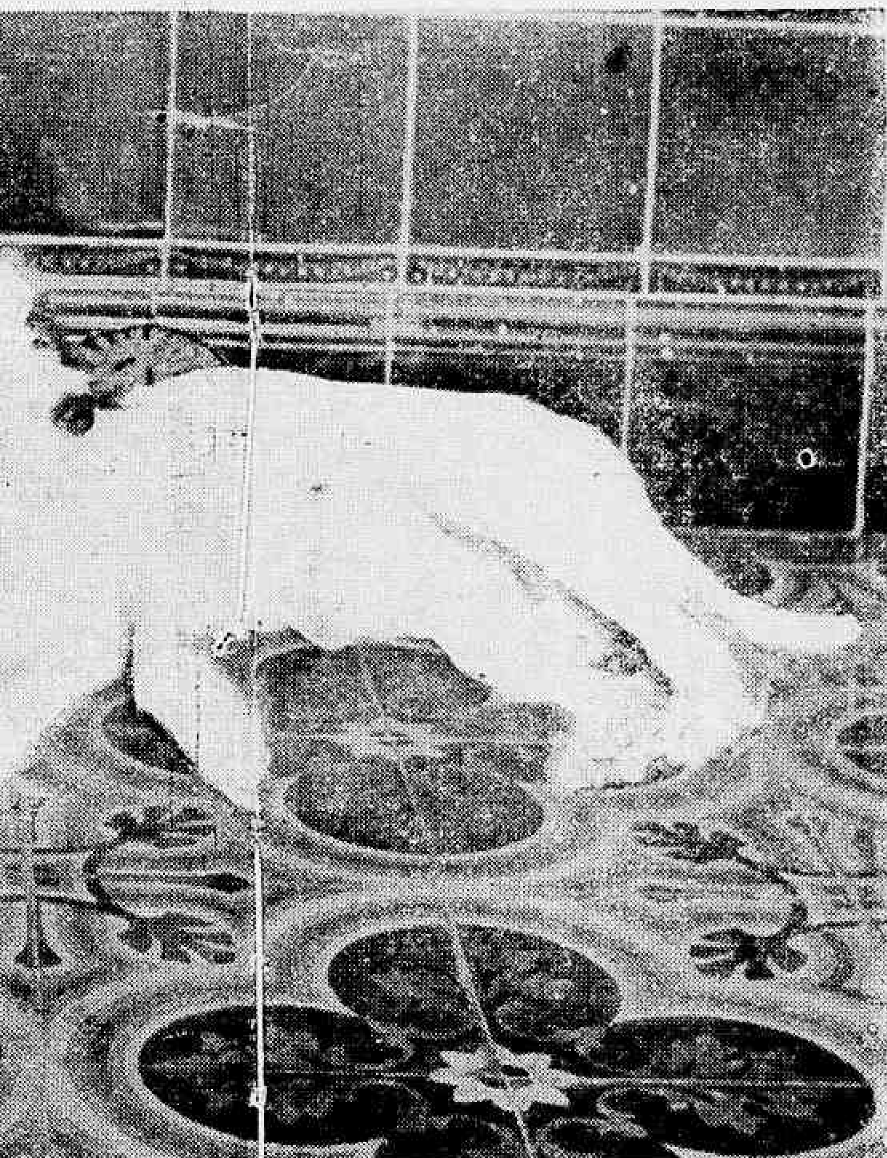
à pequena dis
trabalhador d
tário e o cand
randa.

Sem formal
dá-se início
o secretário a
visitantes que
versar com o
dêles a pales
tempo sucint
mento é escas
feira — diz-
dois dias ant

FOI O SR. GETÚLIO Vargas quem deu ao animal o nome de Sultão, "um de seus verdadeiros amigos". Houve quem perguntasse se pretendia trazê-lo para o Rio, mas a resposta foi: "Não"

A DOIS PA
vêzes por d

A ESTÂNCIA SÃO PEDRO



...o, popularíssimo na estância. Não se sabe de onde veio, mas de
...r. Getúlio Vargas que, onde estiver s. ex., também está o Sultão

...aborear também o
...
...e. Roberto Alves,
...á a impressão de
... do futuro presi-
...remos aderindo às
...de mangas arrega-
... no peito, mesmo
...uer coisa de ter-
...
...o sr. Getúlio Var-
... tenente Gregório,
...fe da sua guarda
... Mas, estaciona

à pequena distância, conversando com um trabalhador do campo, enquanto o secretário e o candidato eleito penetram na varanda.

Sem formalidades nem maior demora, dá-se início à audiência matutina. Vai o secretário apresentando um por um os visitantes que ali madrugaram para conversar com o sr. Getúlio, e com cada um dêles a palestra não se estende além do tempo sucintamente necessário. O movimento é escasso nessa manhã de segunda-feira — diz-nos Rivadávia de Sousa. Até dois dias antes, a estância amanhecia "com a lotação esgotada", gente chegando de avião, de carro, ou mesmo a pé, de todos os pontos do país.

A distância, esperando a nossa vez, vamos observando as fisionomias dos visitantes de São Pedro. Homens simples, uns, aparentemente importantes, outros, abrem pastas, desenrolam mapas, exibem documentos, expõem projetos, dão conta das razões que até ali os levaram — falam, falam, falam... Defronte, sentado na sua poltrona de vime, ligeiramente recurvado, o charuto entre os dedos, o olhar penetrante no interlocutor, o sr. Getúlio Vargas escuta muito mais do que responde. Escuta — e faz perguntas. Que admirável entrevistador nos está saindo o chamado "solitário de São Borja"! E, à uma simples pergunta que êle faz — as respostas, os esclarecimentos, os pormenores chovem em catadupas. Como falam os visitantes de São Pedro!

Mas, deve ser por fôrça interessante, proveitoso e útil para a coletividade o motivo dessas explanações. Já então sabemos que a maioria dos peregrinos a São Pedro, compõe-se de elementos de delegações trabalhistas que vão cumprimentar o seu candidato vitorioso. Há também muitos cidadãos que têm um projeto, um alvitre, uma sugestão a apresentar ao futuro Chefe da Nação. E a todos, êle escuta e atende, a todos interpela, recolhendo mais de memória que por apontamentos, o resultado dessas entrevistas. Poucos são os visitantes avulsos, pleiteando interêsses pessoais. A coletividade parece estar mais em jôgo.

★

E, quando o último dos peregrinos dessa manhã foi atendido, levanta-se o sr. Getúlio Vargas, desfaz-se do seu charuto já apagado, chama o "secretário de campanha" e quer saber:

— Não tem mais ninguém? Não chegou um repórter do Rio?

Sim, chegou. Êle aqui está, levado à sua presença pelo sempre amável e risonho secretário Roberto — que agora está começando a ficar mais íntimo... — mas suas apresentações são desnecessárias.

Não é falso o conceito adquirido pelo sr. Getúlio de ser um homem de boa memória. Ainda quando o repórter com êle deixou de avistar-se há muito tempo — talvez na metade do seu govêrno de quinze anos — dêle se recorda com presteza, à simples enunciação do nome. E' que o repórter da revista foi, em outros tempos pos, redator do "Diário de Notícias" de Pôrto Alegre, quando ainda a revolução de 30 andava encubada. Desde aí, poucas, pouquíssimas vêzes voltaram a encontrar-se, presidente e repórter — mas na fase do nosso "batente" em Pôrto Alegre, houve oportunidades bastante para que não ficasse o repórter esquecido. Por outro lado, a REVIST DA SEMANA possui, por si mesma, credenciais bastantes para ser lembrada — e daí resulta que as coisas começaram a melhorar para o repórter. Mesmo porque seria triste empreender viagem tão fatigante para ter frustrado o seu propósito, o único que nos poderia levar a São Pedro — o de recolher, "in loco", o material para esta reportagem. Eleito o sr. Getúlio Vargas, era natural que os leitores da REVISTA DA SEMANA dela desejassem uma reportagem trabalhada com a isenção de espírito e o exato propósito informativo que se impõe no caso. Tudo isso fêz que nos sentíssemos muito à vontade, na presença do sr. Getúlio Vargas. E a recordação de alguns episódios antigos, de mais de vinte anos, ocorridos no tempo da sua função de governador do Rio Grande do Sul, ainda mais facilitou a tarefa.

Foi então a extensa varanda residencial da Estância percorrida, nas duas direções, um sem-número de vêzes, pelo repórter, acompanhando o passo largo do candidato eleito. Mas, nem tudo poderia correr ao encontro das nossa pretensões...

— Entrevista? — atalhou s. excia., quando procuramos atacar a fundo. — Entrevista, não. Agora é inoportuno. Nem sempre as minhas palavras são fielmente interpretadas — e quando tenho uma declaração importante a fazer, então, sim, falo, mas de preferência aos colegas que aqui estão em caráter permanente, para êsse fim.

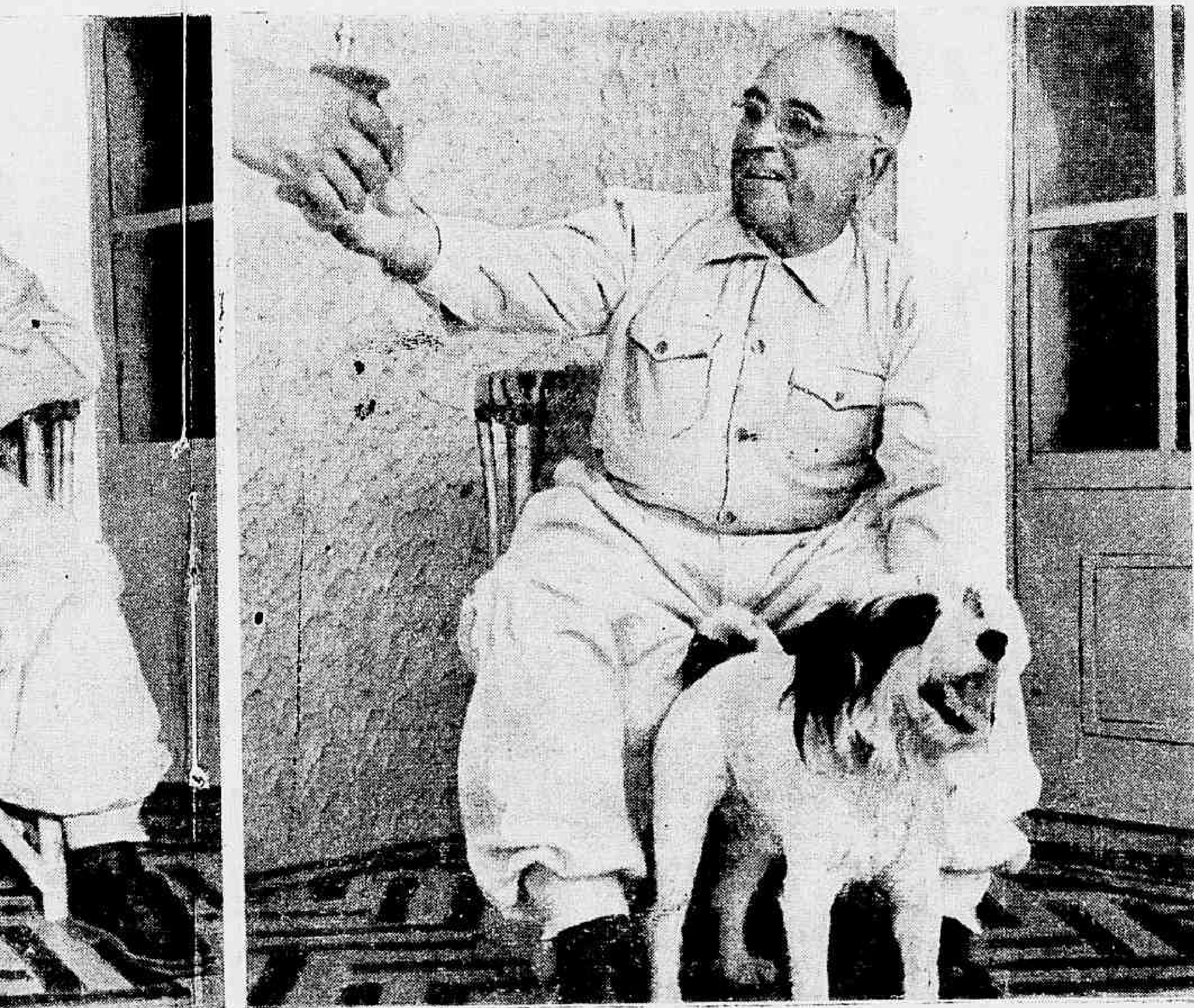
Por essa é que não esperávamos — diga-se com franqueza. Pois se o sr. Getúlio fôsse recusar-se, terminantemente, a dizer algo de novo, de que adiantaria a nossa presença naquele local?

A verdade, porém, é que s. excia. começava a atender às nossas pretensões, sem que talvez o pressentisse. A entrevista começava naquele momento exato com aquelas declarações despretensiosas.

Era nosso intuito permanecer em São Pedro apenas por espaço de algumas horas, as suficientes para recolher o material fotográfico documentário e as respectivas observações locais. Pelas dúvidas, tínhamos o táxi-aéreo à nossa disposição, para o regresso a Uruguaiana nessa mesma tarde. Foi, assim, com surprêsa que ouvimos o sr. Getúlio Vargas dirigir-



"ÊSTE SULTÃO E' LEVADO dos diabos... Mas eu gosto dêle. Sei que é um amigo fiel e desinteressado." Por ocasião da tosquia das ovelhas, Sultão também foi tosquiado

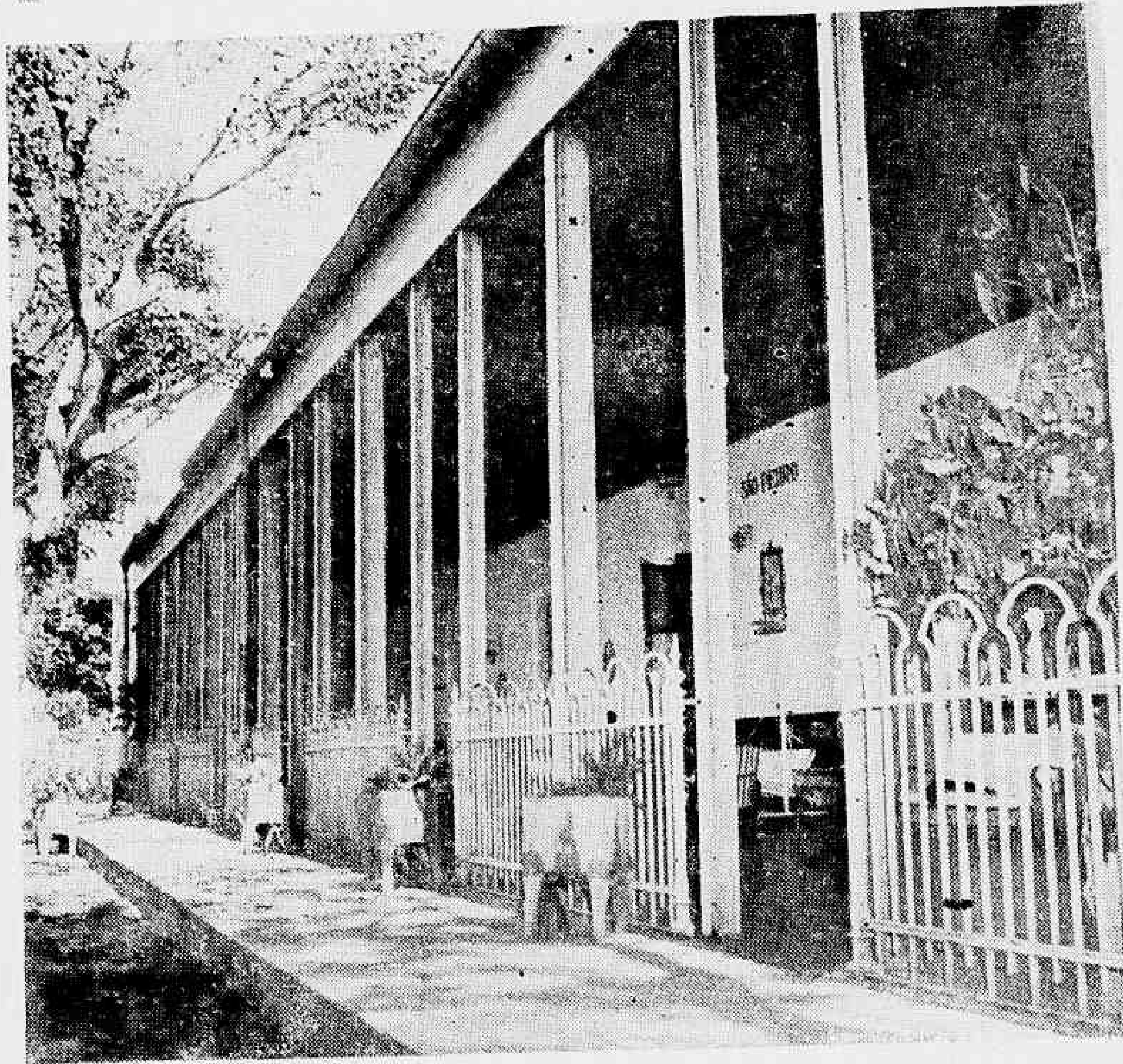


...de seus verdadeiros ...resposta foi: "Não"

A DOIS PASSOS FICA um serviçal com a chaleira fumegante para renovar a água da cuia. Três vêzes por dia repete-se o ritual, e sempre se faz sentir a presença de Sultão, vigilante e atento



NA VARANDA, SEM formalidades, o sr. Getúlio Vargas atende aos que o procuram para tratar de qualquer assunto. Quantas revelações importantes ali têm sido feitas a s. ex.!



SE ESTA VARANDA FALASSE... Em tôda a sua extensão, centenas de homens ilustres ou humildes, importantes ou não, têm procurado avistar-se com o candidato eleito do país

se ao confrade Rivadávia, nestes têrmos:

— "Seu" Rivadávia, aqui está o seu colega, tome conta dêle, ajude-o no que puder para dar conta da missão que aqui o trouxe. Está entregue a você, "seu" Rivadávia.

E, sem mais aquela, numa reviravolta brusca, retornou ao "castelinho", palmilhando a fita de cimento estreita, de cabeça erguida, olhar fito num ponto invisível do espaço — acompanhado pelo "secretário de campanha" e pelo tenente Gregório, que lhe fazia entrega de um pacote de jornais.

★

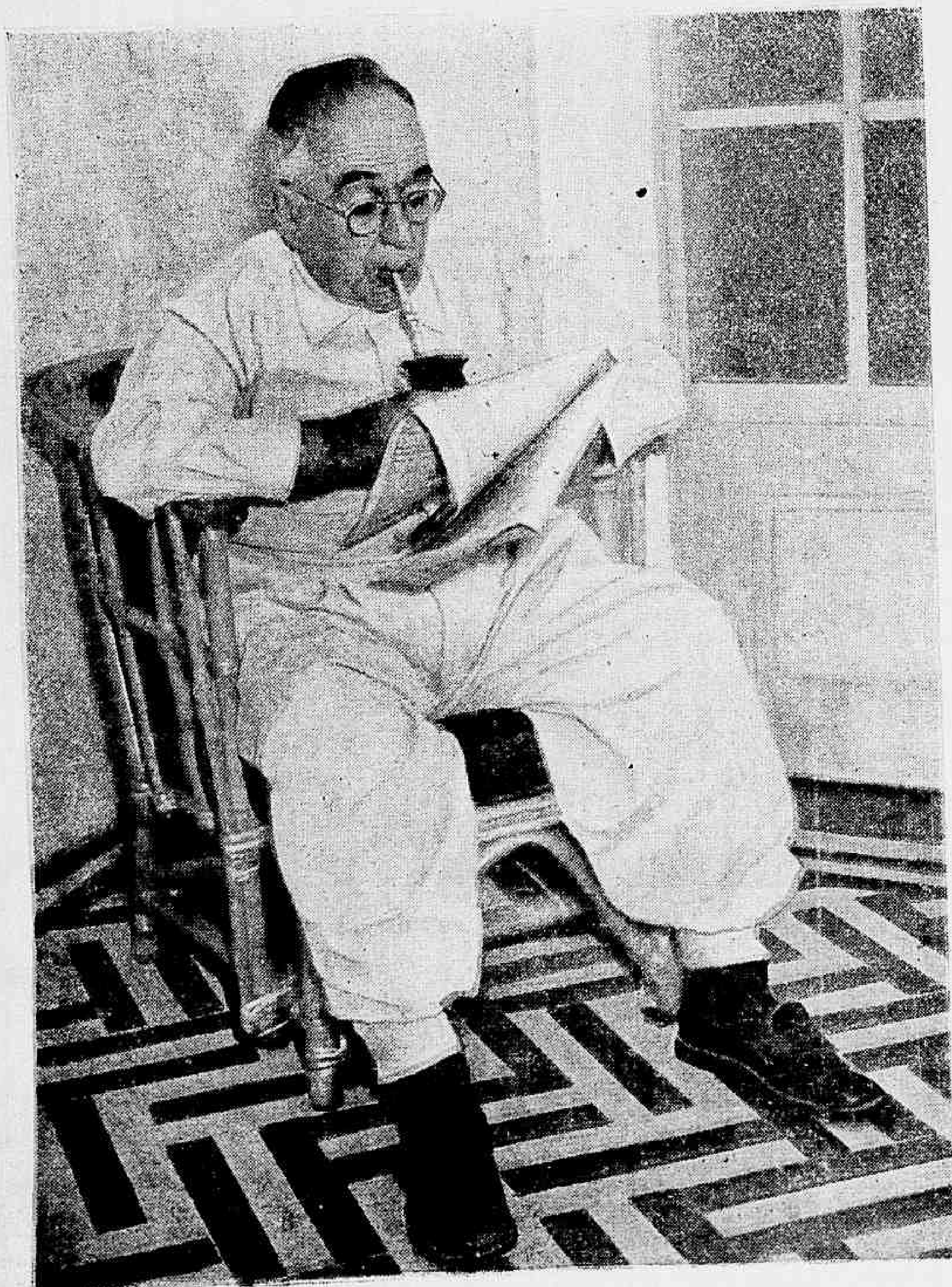
— Você sabe o verdadeiro significado das palavras que o Presidente acaba de pronunciar a seu respeito? — indagava-nos Ridavávia, momentos após.

— Realmente, não.

— Isso quer dizer que você está em sua casa, que pode dar conta do seu serviço à vontade — que o "homem" abriu as portas para a REVISTA... Nem sempre isso acontece...

E assim foi, realmente. Nosso propósito de nos quedarmos talvez, no máximo, duas horas na estância, foi modificado. O táxi-aéreo voltou a Uruguaiana sem nos levar — e por espaço de dois dias e duas noites o repórter da REVISTA teve a estância do sr. Batista Luzardo à sua inteira disposição, sem restrições, privando com a gente da casa, com a gente do campo,

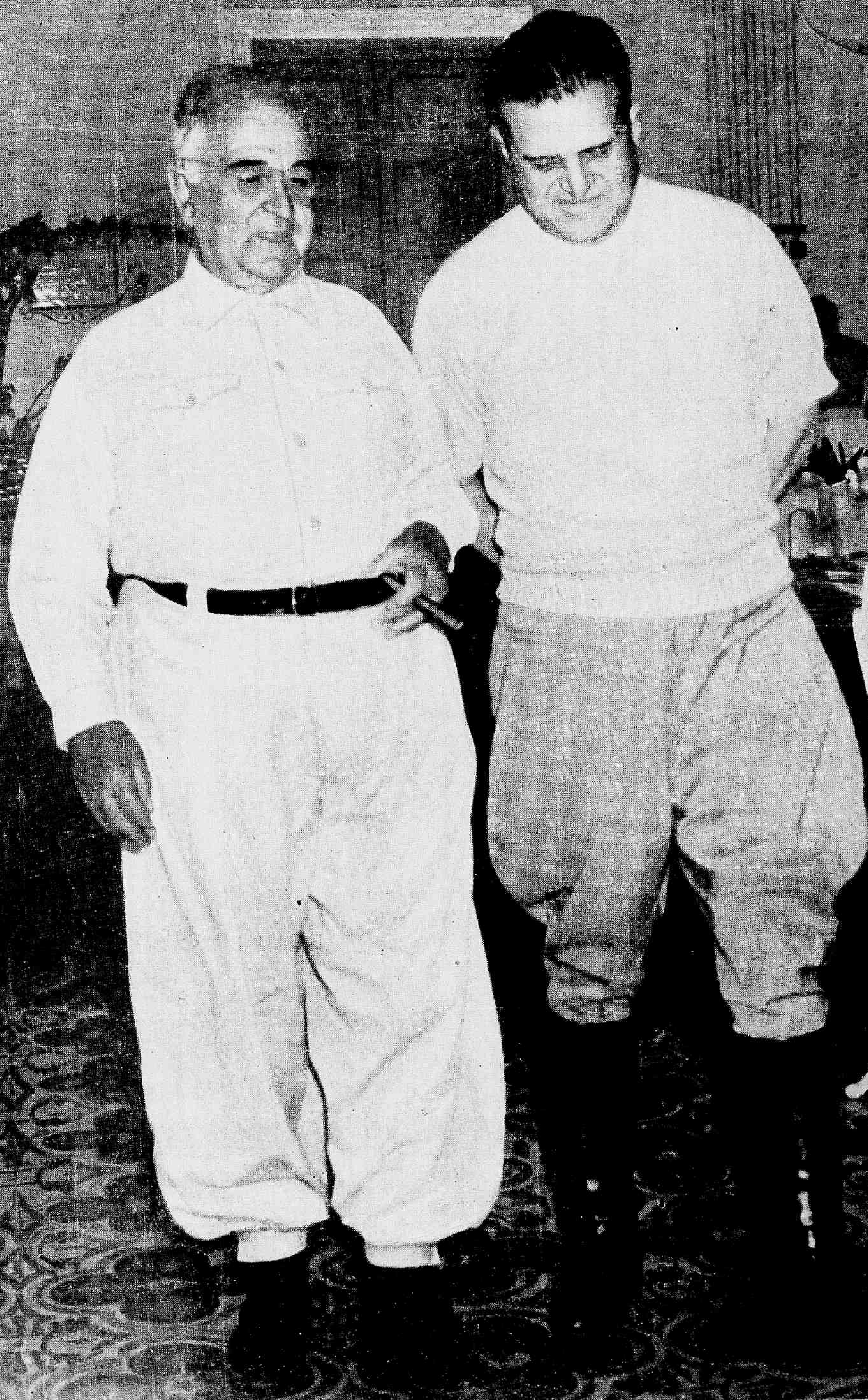
(Cont. na pág. 44)



UMA REUNIÃO IMPROVISADA na sala de refeições da estância, presidida por s. ex.. Discutem assuntos de interêsse geral. Nesse dia foi a maneira de baixar o preço da carne



MAS SEMPRE QUE o movimento aumenta e o sr. Getúlio Vargas se vê assediado, recorre ao velho truque: desaparece como por encanto. Vai para o "castelinho" e mergulha no jornal



A ÚLTIMA CONVERSA DA NOITE — Os Srs. Getúlio Vargas e Batista Luzardo percorrem, diversas vêzes, a varanda da "casa grande" em dois sentidos, trocando impressões. E' o momento das confidências, talvez.



UM GRUPO DAS "CABROCHINHAS" DO TEATRO FOLCLÓRICO BRASILEIRO COM ABSOLUTO ÊXITO EM S. PAULO



ENCANTADORA EXIBIÇÃO de um dos quadro do Teatro Folclórico Brasileiro, com o «Maracatu da Nação do Elefante», sobrevivência de costumes africanos transplantados para o solo brasileiro através da escravidão. São páginas de evocação e de saudade dos velhos tempos de nossos avós, quando a Arte Brasileira respirava brasilidade e visão histórica

13 DE MAIO NO TEATRO BRASILEIRO

GRÃ-FINOS PAULISTAS SE APAIXONAM PELAS CABROCHINHAS DO TEATRO FOLCLÓRICO — O FREVO FOI REPETIDO QUATRO VÊZES — UM LIVREIRO POLONÊS VEIO DESCOBRIR O VEIO DE OURO QUE É O NOSSO FOLCLORE — XANGÔ E A VENDEDORA DE COCADAS BAIANAS TRANSFORMADOS EM GRANDES SUCESSOS DE BILHETERIA.

Texto de PAULO FÁBIO  Fotos de CARLOS



BELÍSSIMO tipo afro-brasileiro, com seus colares e contas grossas e a inseparável boneca tôda enfeitada à baiana

PARECE que raiou o 13 de Maio no teatro brasileiro. Já houve várias tentativas para se aproveitar o elemento negro no teatro. Há vinte anos, a Companhia Mulata Brasileira chegou a excursionar até a Europa. Não é necessário acrescentar que, em Portugal, a Companhia se dissolveu, pois cada mulata arranjou um "gajo" e mudou de profissão. Depois, elementos negros isolados foram aproveitados em diferentes elencos, como Grande Otelo, o tenor Moacir Nascimento, o baixo Edson Lopes, a característica Pérola Negra e ùltimamente, Aguinaldo Camargo e o bacharel Abdias Nascimento.

Agora, surge mais amadurecido e bem melhorado o Teatro Folclórico Brasileiro. O leitor pensará que uma iniciativa tão nossa, tão brasileira, partiu de um brasileiro de quatrocentos anos. Aí é que está o engano. Quem ensaiou, lançou e hoje dirige êsse conjunto, é um antigo livreiro nascido na Polônia: Miecio Askanasy.

Êste homem, com a falta atual de espaço, ensaiava os tocadores de berimbaus, maracás e atabaques, no fundo de sua livraria, à rua do Ouvidor. Como a vizinhança reclamasse muito o barulho das batucadas, passou os ensaios para o interior de sua livraria. Com o exercício dos bailarinos, de vez em quando caía ao chão uma pilha de livros. O polonês, que já se apaixonara pelo conjunto, achou melhor vender a livraria e alugar um salão à rua Visconde de Paranaguá, para ensaios.

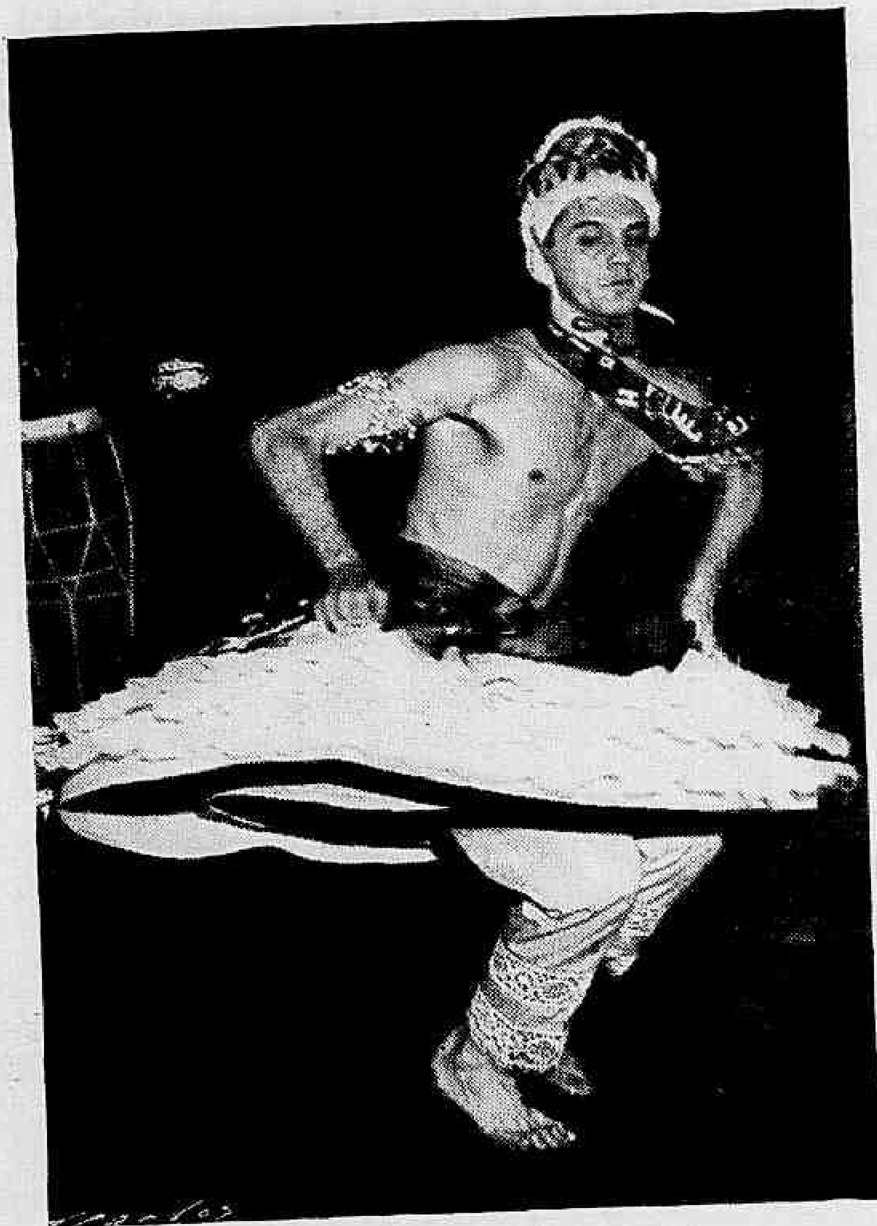


Hoje, quem dá uma festa elegante e pode gastar, contrata como curiosidade, o conjunto do Teatro Folclórico.

Êles já andaram nas páginas das revistas mais classi-



CENA de impressionante beleza artística. Note-se a figura máscula dêsse elemento numa invocação a Exu, o Demônio



ficadas e nos salões do Fluminense, Escola Militar de Rezende, Clube Naval Piraquê e outros. Também já trabalharam em cinema, filmando sua magnífica criação, que é a "Macumba de Exu".

Quase todos os elementos são pretos ou mulatos dos Estados Nordestinos, havendo mesmo uma porção de baianos. Há duas pretas que têm dois nomes deliciosos e muito comuns na classe negra: Agostinha Reis e Fausta da Conceição.

No programa apresentado em São Paulo, que logrou formidável entusiasmo por parte de uma platéia seleta, apresentaram uma cenarização do "Navio Negreiro", de Castro Alves, uma excelente batucada de engraxates cariocas e coisas típicas do Nordeste. Os números de sensação, porém, foram a macumba, o "Funeral de um Rei Nagô", de Hekel Tavares, e o interessantíssimo maracatu da Nação Elefante, seguidos de corpo de baile, com côro e zabumba.

Apenas notamos uma falha no programa. E' que não publica os nomes de tôdas as músicas e os respectivos autores, o que deve dificultar a cobrança de direitos por parte da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

★

Quase todo ideal dá prejuízo.

O Diretor Askanasy tem sob contrato nada menos de trinta figuras.

Quisemos saber se êle viajava com o auxílio do Serviço Nacional do Teatro. Êle, como estrangeiro e homem fino, não quis se queixar, mas soubemos que o senador Evandro Viana pediu ao Senado um auxílio de duzentos mil cruzeiros para o conjunto, os quais ficaram reduzidos, depois, a cinqüenta mil. Quando o projeto caiu na Comissão de Finanças, esta deu-lhe o contra.

Também o Serviço Nacional de Teatro prometeu uma verba de trinta mil cruzeiros, a qual só será entregue, se Deus ajudar, lá para maio ou junho.

Agora, o ideal do diretor do conjunto é arranjar quem lhe empreste uma Fazenda velha, abandonada, para êle poder instalar-se lá com os seus trinta contratados e ter tempo para renovar o repertório. Quanto às refeições, êles se propõem pagá-las por fora.

Quem se habilita?

★

Comentemos abaixo, ligeiramente, o programa atual dêsse conjunto.

A abertura é feita com a teatralização do "Navio Negreiro". Como Castro Alves já faleceu há mais de cinqüenta anos, sua obra caiu em domínio público e êsse quadro está isento do pagamento de direitos autorais.

A cena apresenta uma porção de escravos no porão de um navio negreiro. Enquanto Haroldo Costa declama os versos incandescentes do grande poeta baiano, os pretos vão, pouco a pouco, caindo no chão, devido à fome e aos maus tratos recebidos a bordo.

A música e o canto são de autoria de Nelson de Jesus, um mulato claro, com a voz de Dorival Cayme e uns beiços tão exagerados quanto os do Grande Otelo, que também já trabalhou no conjunto.

ÊSTE E' Gilberto Bréa, numa execução admirável «rodando a saia de Xangô», em passos de difícil coreografia, um dos números do Teatro Folclórico Brasileiro. Em baixo, o conjunto «particular» dos folcloristas, vestindo seus trajes típicos. Mas nada de caipiradas! O negócio é muito mais sério para as responsabilidades do empreendimento nacional





CENA PARA arrepiar cabelos dos medrosos: os aficionados a Exu se articulam numa cadeia humana, braços entrelaçados, para estabelecer a «corrente», afastar os maus espíritos e saír bem a «Macumba de Exu». Em baixo, Gilberto Bréa, o único carioca do conjunto, executa um difícil número de macumba, repetindo proezas do Joãozinho da Goméa

Vem depois "Caboclo Tião", exibindo a bela voz de Juracy Ferreira. Essa negrinha tem uma história engraçada. Num programa da Rádio Excelsior de São Paulo, ela veio cantar uma ária da "Tosca". Anunciado o número e aparecida a modesta crioula, o auditório recebeu-a mal. Ela pôs as mãos nas cadeiras e perguntou calmamente:

— Vocês já me ouviram cantar? Se não ouviram e estão vaiando, não são inteligentes.

O público se retratou, aplaudiu-a; ela cantou e "abafou".

O "Funeral de um Rei Nagô" é de uma grandeza mística impressionante.

Pascoal Carlos Magno, que vive metido em teatro há trinta anos, assim se expressou a respeito dêsse quadro.

"O Funeral dum Rei Nagô" é de uma beleza inesquecível...

Não sei quem escreveu haver o mundo de hoje expulsado a Poesia. Não pensaria assim diante do "Maracatu", do Teatro Folclórico Brasileiro".

Apenas não entendemos o exagêro daquelas cabeleiras azuis, vermelhas e amarelas de alguns acompanhantes do entêrro. Contudo, a cosmografia e a música fazem dêsse quadro um espetáculo de alta expressão. Se o guarda-roupa pudesse ser mais rico, o "Funeral dum Rei Nagô" poderia constituir um capítulo inteiramente novo na história do nosso teatro.

No quadro denominado "Recife", aparece, dançando o frêvo, João Elísio.

Trata-se de um caboclo magrinho, alagoano e criado no Rio desde tenra idade. Onde êle foi aprender a dança do frêvo, não sabemos, pois nunca mais voltou ao Nordeste.. Mas o fato é que o danado do moleque teve o seu número repetido quatro vêzes e foi o maior sucesso da noite.

No mesmo quadro tivemos o célebre "Maracatu da Corôa Imperial", que já tínhamos ouvido a bordo dos vapores do "Lloyd" e também na rua do Imperador, em Recife.

Para maior efeito do quadro, arranjaram uma Maria Baiana, autêntica filha da Bahia, com os balangandãs típicos, tabuleiro, pano da Costa, etc., e com os infalíveis cento e vinte quilos de pêso.

★

Muito mais útil que a criação de Senados Estaduais e aumento de subsídios de deputados que não trabalham, seria o auxílio governamental a êsse teatro de funda brasilidade a autêntica valorização do negro no Brasil.

Êsse conjunto, antes de atingir São Paulo, veio trabalhando nas principais cidades da Central do Brasil em territórios paulista e fluminense, a doze cruzeiros a cadeira. Acontece, porém que viajam sem qualquer auxílio, dando um têrço de sua bilheteria bruta aos donos de cinemas e teatros.

Se êsse Miecio Askanasy não fôsse polonês, seria um autêntico bandeirante.

Damos, abaixo, como curiosidade, a opinião que Jean-Louis Barrault escreveu, de próprio punho, no álbum de recortes do conjunto:

"Avec toute mon admiration et le regret de ne pouvoir jouer avec vous." (*)



FATALIDADE

CONTO DE RAYMUNDA VICTORE BUTTERBY

A noite, de tão quente, sufocava. Nenhuma vibração. O entra-e-sai na "Confeitaria do Belmiro" fazia crescer água na bôca do avarento Ludovico, o vendeiro da esquina que, por detrás do balcão, espreitava o movimento. Seus olhos luziam de cobiça à entrada de cada freguês, e sua cachola, autêntica máquina registradora, calculava com incrível rapidez, a "féria" do Belmiro, ao fim duma noite daquelas. Aquilo o torturava, chegando a dar-lhe tremores.

Um cavalheiro beirando a casa dos cinqüenta, entrou, trazendo pelo braço uma garôta dos seus dezesseis anos. As primeiras mesas estavam tomadas. Encaminharam-se, então, para o fundo, onde se acomodaram a uma mesinha para dois.

— O que é que você vai querer, Regina?

— Morango com creme de Chantily, papai. E você?

— Ora, filhola, você sabe, prá seu pai, sorvete, e só de abacaxi.

Regina, dona duns olhos que lembravam jaboticabas maduras, tranças negras sôltas pelas costas, era um "brôto" gostoso de se olhar, — orgulho, aliás do velho Bento e de dona Sindoca, sua cara-metade. Irrequieta, numa petulância própria da idade, pôs-se a examinar a confeitaria, enquanto falava.

— Bonitinha, hein papai? Difícil de se ver gôsto tão apurado numa confeitaria de bairro.

— Realmente, Regina, é mesmo muito bonita; pena que sua mãe não quisesse vir.

Há questão de um mês moravam no bairro, e aquela era a primeira vez que ali apareciam. O garção, senhor idoso, acorreu solícito e estacou de repente, ao olhar Regina. Mas o velho fêz que não viu. Também, se fôsse brigar com todos que se perdiam na contemplação da filha, estava perdido. Por outro lado, simulava ignorar o assanhamento da rapaziada, para não despertar a vaidade, ainda adormecida, da filha. Mas... o diabo do garção estava tornando-se inconveniente com aquêles olhares atrevidos. Agora, Regina falava, falava, mas êle quase não a ouvia, inconscientemente seguindo com o olhar o empregado que se afastava. Viu-o dirigir-se ao dono da confeitaria. E, após rápido cochicho, notou que aquêle tivera um estremecimento e seus olhos traíram surprêsa quando fitaram a menina. Aquilo estava bulindo com os nervos do velho. Por êle, sairia dali imediatamente sem tocar no sorvete de que tanto gostava e que parecia estar tão saboroso; mas... o que diria à menina? Duma coisa, porém, estava certo: jamais tornaria a pôr os pés naquela espelunca. Regina aquietara-se de repente. Parecia encabulada. Aquilo causou-lhe estranheza, não era próprio dela, tão viva e irrequieta. Experiente da vida como era, calculou que alguém sentado à mesa às suas costas, de frente para Regina, estaria molestando-a. Virou-se de chofre. Um velho franzino, roupa surrada, cabeça coberta por um emaranhado de cabelos brancos, debruçara-se sôbre a mesa e, mãos postas, olhos pregados na menina, murmurava como que em êxtase, coisas que êle nem tentou compreender. Foi como se lhe tivessem chicoteado o rosto.

Quando deu acôrdo de si, apertava com fôrça o pescoço do velhote.

Custaram a arrancá-lo de sôbre o infeliz que, encolhido a um canto, chorava em silêncio. À sua indignação, juntou-se a surprêsa de verificar que todos os freqüentadores estavam contra êle e alguns mais afoitos diziam-lhe palavras agressivas, mostrando-lhe os punhos fechados. Viu-se agarrado pelo dono da confeitaria que, sem-cerimônia, forçou-o a segui-lo para o interior do prédio, no que foi acompanhado pela filha que chorava, assustada. Aquilo era demais, passava dos limites. Bento, rubro de cólera, vociferava: "Levaria o caso às autoridades competentes! Se levaria!". Nisso, atalhou-o a voz fria e cortante do Belmiro:

— O cavalheiro é novo no bairro, não?

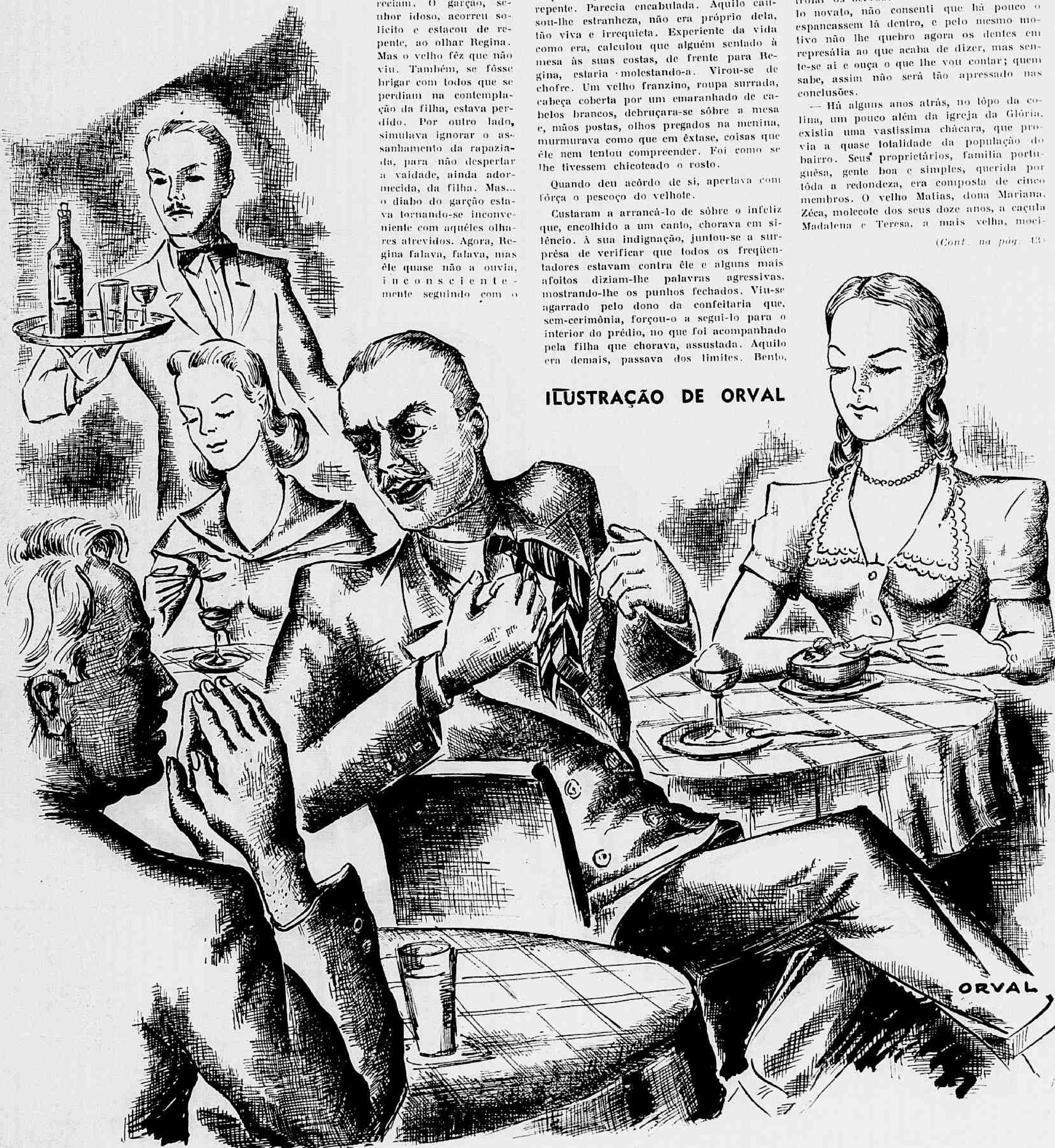
— Mas, que dúvida! Se assim não fôsse, acha o senhor que eu traria minha filha para êste antro, onde, a começar pelo dono, garção e freqüentadores, são todos uns cretinos imorais?

— Olhe aqui, meu amigo — falou Belmiro numa voz pausada, procurando controlar os nervos. — Justamente por sabê-lo novato, não consenti que há pouco o espancassem lá dentro, e pelo mesmo motivo não lhe quebro agora os dentes em represália ao que acaba de dizer, mas sente-se aí e ouça o que lhe vou contar; quem sabe, assim não será tão apressado nas conclusões.

— Há alguns anos atrás, no tôpo da colina, um pouco além da igreja da Glória, existia uma vastíssima chácara, que provia a quase totalidade da população do bairro. Seus proprietários, família portuguêsa, gente boa e simples, querida por tôda a redondeza, era composta de cinco membros. O velho Matias, dona Mariana, Zéca, molecote dos seus doze anos, a caçula Madalena e Teresa, a mais velha, moci-

(Cont. na pág. 43)

ILUSTRAÇÃO DE ORVAL



UM POUCO DE POESIA

Ah! a alegria do primeiro poeta que rimou olhos com abrolhos...

★

O vento fazia esvoaçar levemente os seus cabelos e os seus cabelos roçavam levemente no meu rosto...

★

Na noite, longe, um farol!

★

Um perfume, um nome, uma voz — e a distância.

★

De tarde. Caem as fôlhas. O jardim tem um ar melancólico, quase humano — entretanto, um pouco irónico...

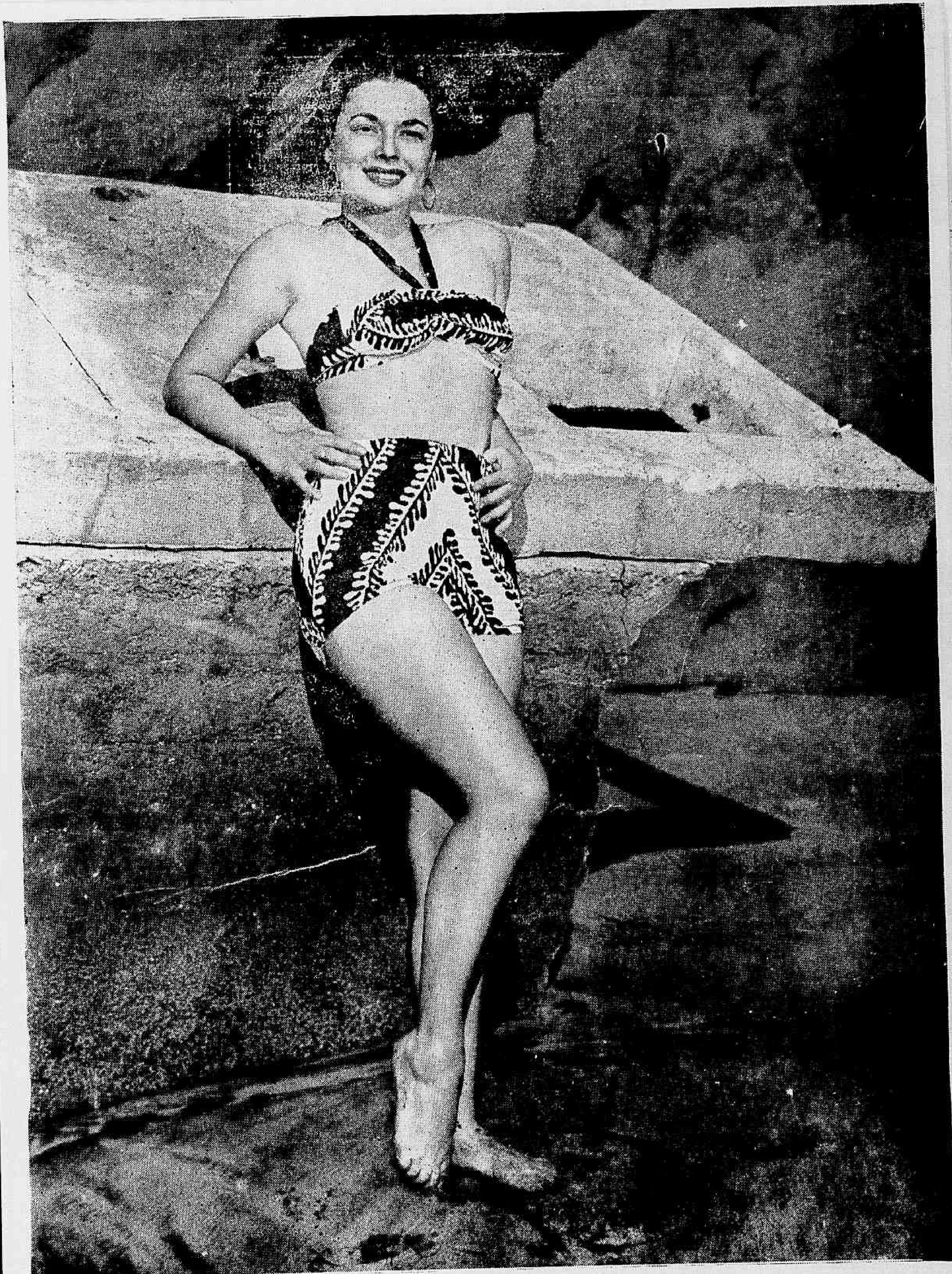
★

Na noite silenciosa tudo é tão inútil e perdido, irremediàvelmente inútil e perdido... Só o relógio, de quando em quando, marca a passagem do tempo, dando as horas, implacável... Lá se vai a vida — apesar de tudo.

★

E tudo valeu a pena — porque houve aquêle instante maravilhoso... Tôda a vida foi vivida naquele momento único — que foi tudo.

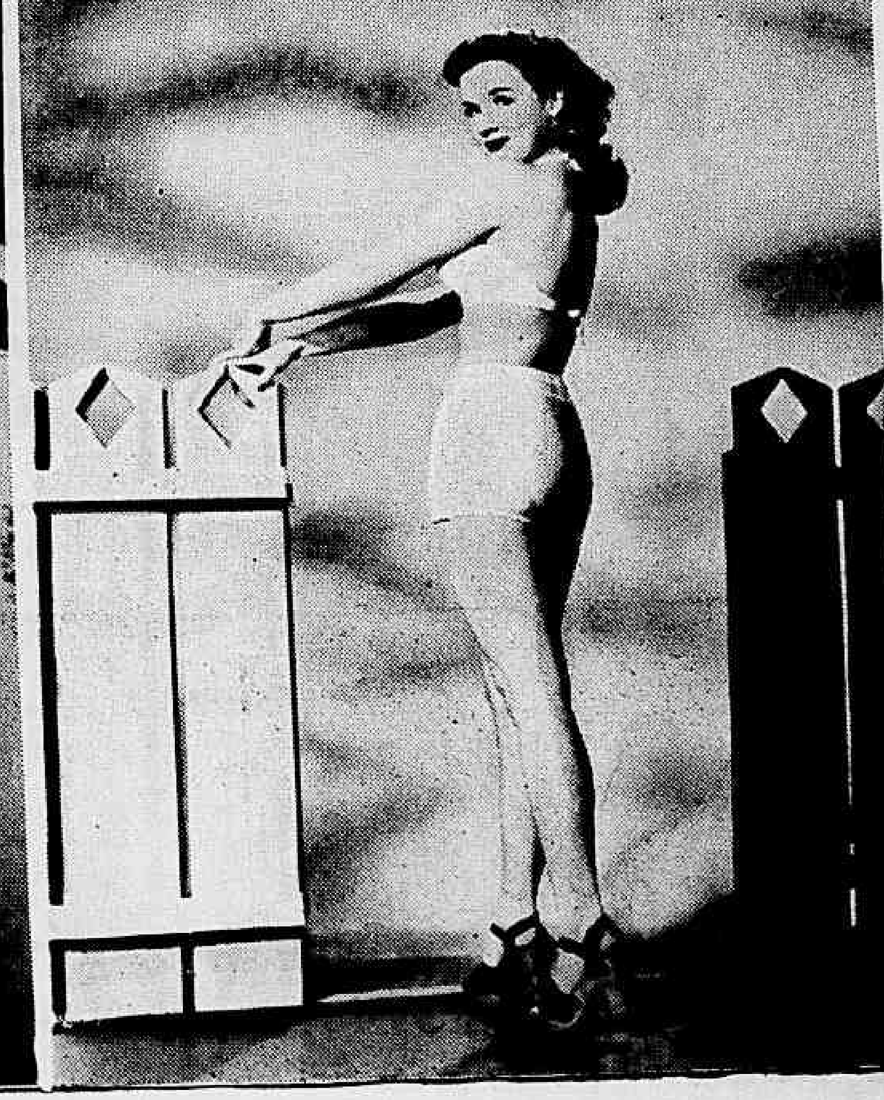
LYSE

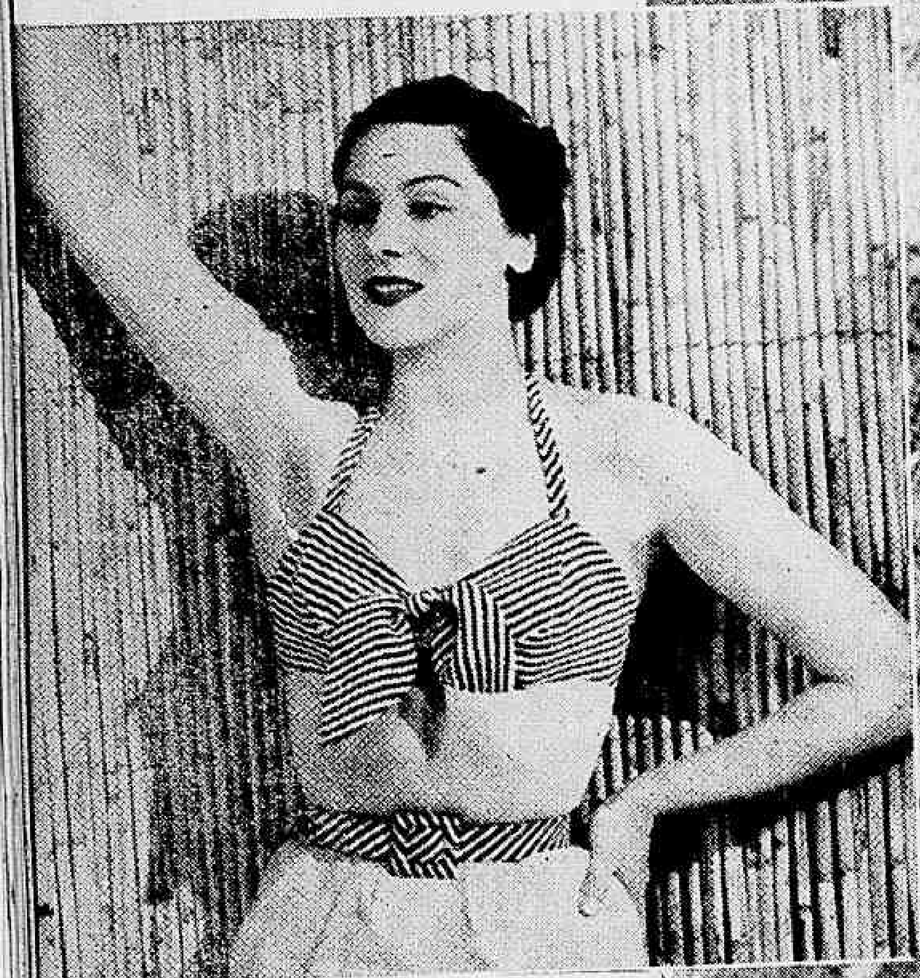


MAILLOTS DE HOLLYWOOD — Ruth Roman, Glória Jean, Patrícia Ynnore e Piper Laurie são as beldades hollywoodenses que nos apresentam êstes encantadores e sugestivos trajes de verão, que vocês poderão aproveitar para o guarda roupa de praia. Os tecidos empregados são os mais variados possíveis e vão do linho estampado ao lastex de côres vivas e atraentes. (Fotos Warner Bros e Universal Int.)

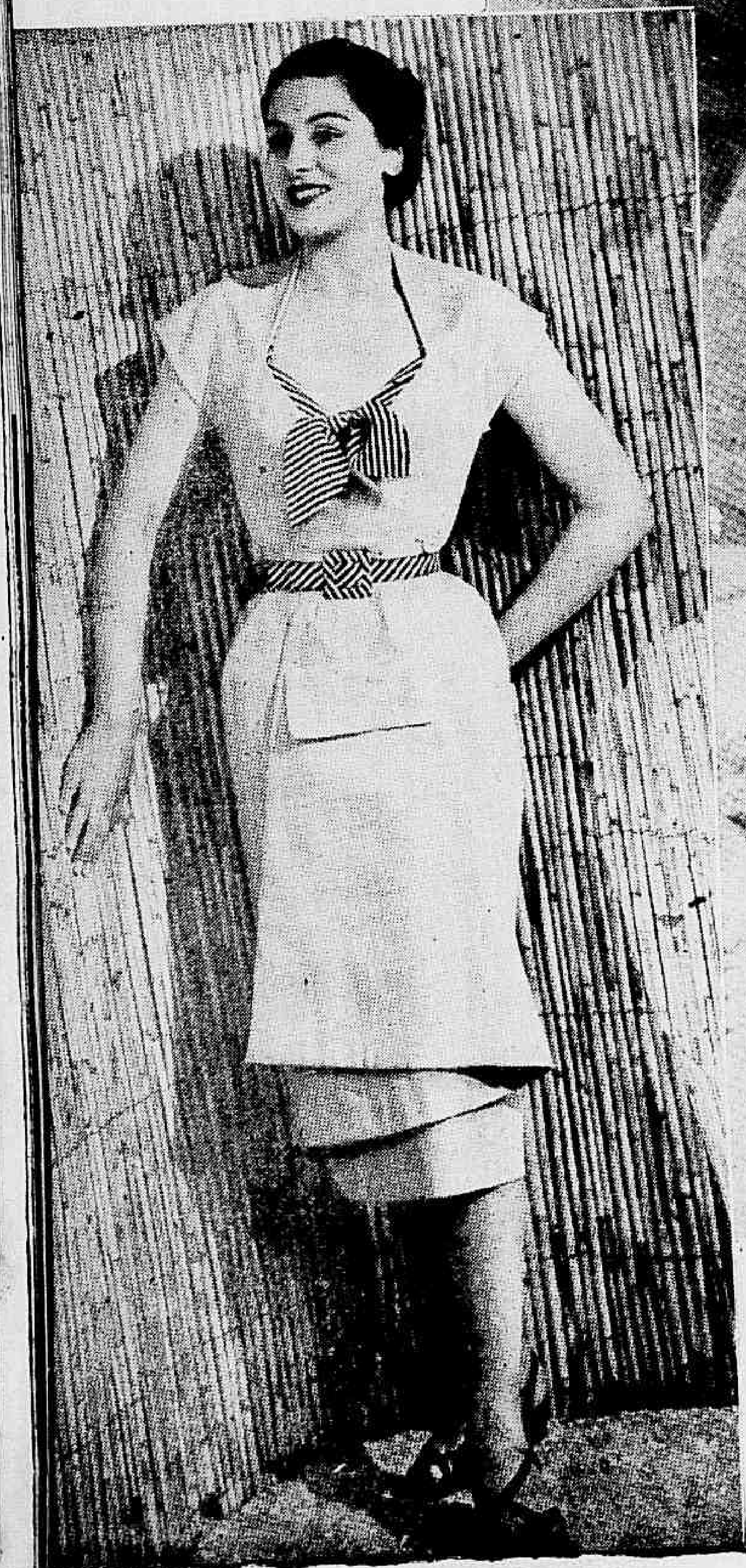












MODELOS PARA O SEU

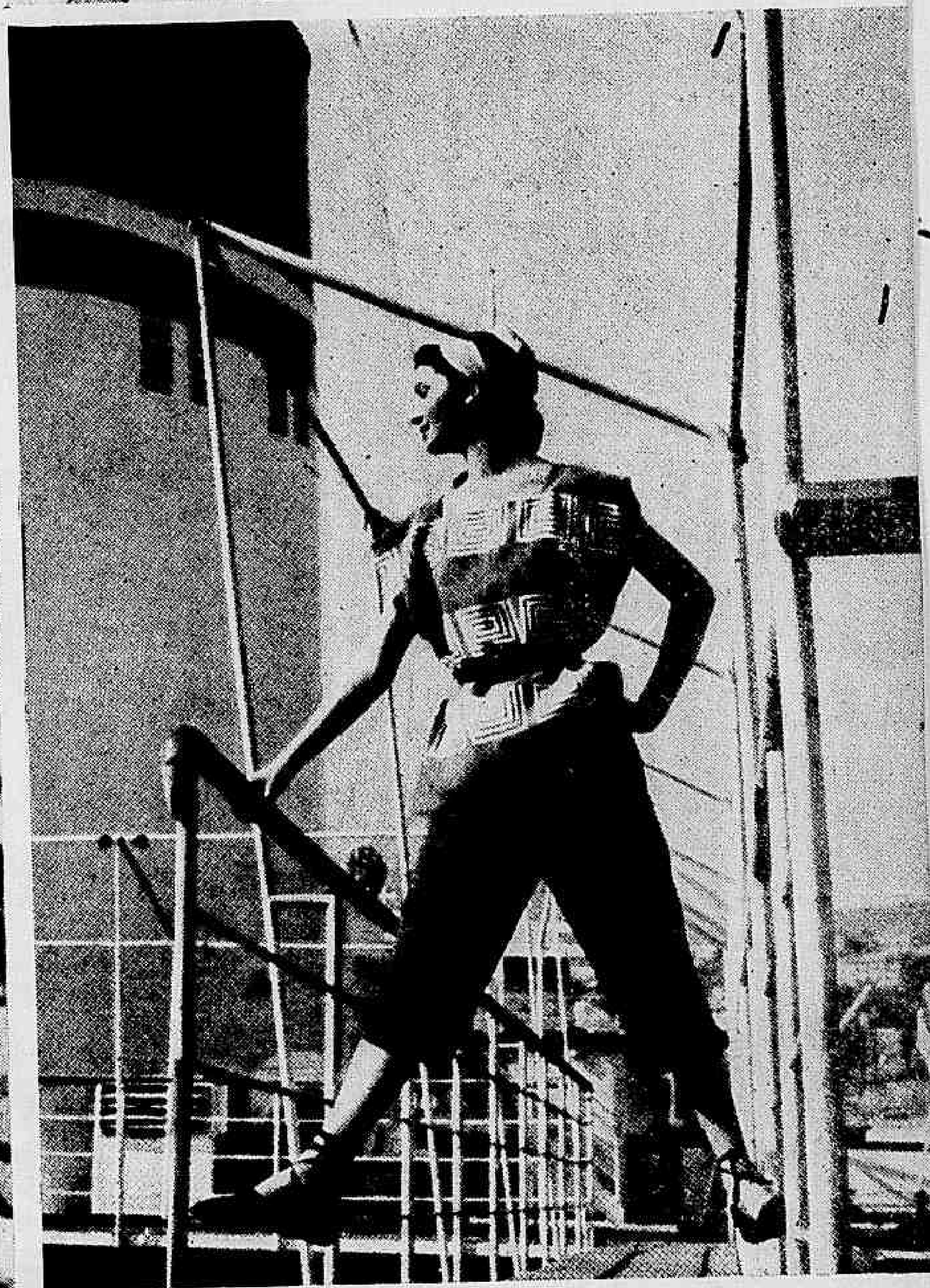
GUARDA-ROUPA DE FÉRIAS

MODELOS PARA O SEU GUARDA-ROUPA DE FÉRIAS

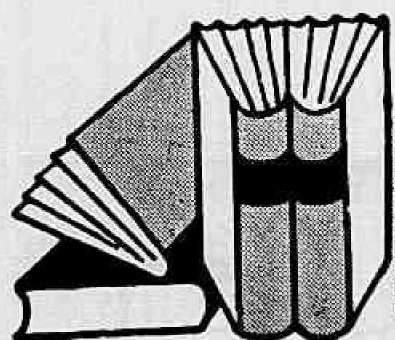
O traje esportivo mais usado é o conjunto de cal ças três quartos ou compridas e blusas leves e decotadas. Estas vestimentas simples mas elegentes sem dúvida, permite ampla liberdade de movimentos, sendo por isso as preferidas. Nestas duas páginas os mais variados modelos esportivos são exibidos à sua apreciação. Alguns dêstes modelos são conversíveis, apresentando dois aspectos diferentes, como o que vemos na página ao lado, à esquerda, em linho liso e linho listado, e como os dois costumes que mostramos nesta página em cima e em baixo, os outros são modelos de grande originalidade.



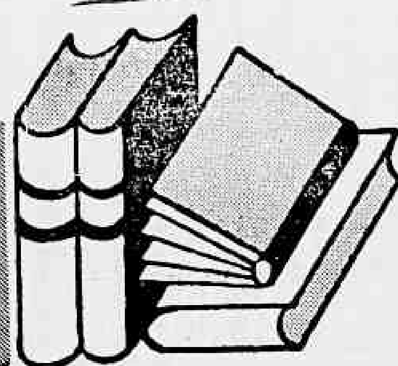








SEMANA LITERÁRIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMILIA



SIGRID UNDSET é um dos nomes gloriosos das letras femininas, de todos os tempos. Nascida em 1882, na Noruega, seus livros versam particularmente sôbre temas educacionais e biográficos, inspirados, em geral, pelas sagas norueguesas. Em 1928 recebeu o prêmio Nobel de literatura, láurea que todo o mundo saudou com entusiasmo, de tal modo a eminente e laboriosa escritora conseguira cativar a admiração geral. Entre suas obras principais, destacam-se: «Kristin Lavrans Datter», «Homens, mulheres, lugares» e «A espôsa fiel».

NOTÍCIAS LITERÁRIAS

TENDÊNCIAS DA LITERATURA AMERICANA CONTEMPORANEA

Encerrou-se com grande êxito, no dia 21 de Novembro, o curso de Literatura Norte-americana que o Professor G. Glenwood Clark vinha realizando na sede do Instituto Brasil-Estados Unidos, tôdas as terças-feiras.

Êsse curso, iniciado a 10 de outubro, focalizou os escritores Sinclair Lewis, John dos Passos, Ernest Hemingway, John Steinbeck, Louis Bromfield e John P. Marquand.

Dos 65 alunos inscritos, 49 obtiveram a freqüência exigida e receberam um Certificado assinado pelo presidente do Instituto e pelo professor do curso.

★

CONCURSO DE SONÊTOS

A Academia Carioca resolveu encerrar, a 31 de dezembro, a recepção de contribuições para o concurso do sonêto, promovido em todo o Brasil pela «Ilustração Brasileira», tendo o presidente J. Paulo de Medeiros designado para a comissão julgadora os acadêmicos Murilo Araujo, H.G. de Melo Nobrega e A. Cumplido de Santana.

★

Iniciou-se a publicação das Memórias Secretas de Humberto de Campos. A pacata república das letras está visivelmente alarmada... Parece que há um mêdo generalizado das verdades nuas e cruas. Aquêle malicioso Conselheiro XX bem sabia disso, quando exigiu a publicação de seu diário de escritor. Pena que o memorialista não tenha se detido mais demoradamente sôbre os problemas literários de seu tempo, falando-nos mais pormenorizadamente de suas figuras. Seria uma revisão muito oportuna. O mais engraçado é que a Academia andou fazendo de Pilatos, por uma de suas vozes: Peregrino Júnior lavou as mãos na bacia do procônsul, declarando que "a bomba" veio estourar cá fora... e que a culpa da Academia foi apenas a de guardar as Memórias Secretas... Não é mesmo muito engraçado?

★

O escritor Rubem Braga volta ao Brasil, depois de uma ausência mais longa, em Paris, tendo prometido demorar-se um pouco entre nós.

★

FASTIO

(De REYNALDO BAIRÃO)

ESQUECIDO NO MAR,
CAMINHO SÔBRE A ESPUMA
QUE JAMAIS COBRIU MEU CORPO.

A LUZ, NÃO VEJO. A MORTE,
ESCAPA ENTRE MEUS DEDOS.
A VIDA, SEMPRE ESTA COISA
AINDA POR SER VIVIDA...
E O CÉU, SILÊNCIO QUE NÃO OUVIREI...

(Do livro inédito: "O Tempo do Cansaço")

★

UMA ESCRITORA FORMADA EM JORNALISMO

DENTRE os bacharelandos de jornalismo, que acabam de deixar a Faculdade Nacional de Filosofia, figura a escritora e jornalista Dilke de Barbosa Rodrigues Salgado.

Trata-se de um nome querido e apreciado em nossos meios literários, de um expoente de nossas letras femininas.

Muito nova, estreava-se nas letras, com o romance — "Entre Esmeraldas e Rubis" — que já trazia uma afirmação de personalidade. Depois, dirigiu seus estudos para a História do Brasil, escrevendo então "A Cabanagem", prefaciado por Pedro Calmon, um mestre de nossa literatura histórica. Ainda há pouco, ela nos deu "Uma Glória do Brasil", "obra de história e biografia, revelando boa cultura em gênero difícil para o qual se exigem altas qualidades, inclusive erudição" — como disse sôbre a autora L. Amaral Gurgel, no "Correio Paulistano".

Culta, viajada, exímia "diseuse", tendo sido aluna de Eugene Larcher, do Conservatório de Paris, parece que os manes de seus antepassados de sábios e intelectuais

★



CINEMA E LITERATURA

A grande e velha Colete, a romancista francesa cuja obra tanto tem servido ao cinema de sua pátria, acaba de tornar-se assunto de um filme documentário, realização da cineasta Yannick Bellon. Além de vários aspectos da vida presente e passada da escritora, tôda sua obra é evocada no celulóide. Entre os personagens do filme estão a escritora e seu vizinho e amigo, o famoso poeta Jean Cocteau, tão famoso que o adjetivo até lhe fica mal, pobre, diante de seu renome... Cocteau é, por igual, uma das mais destacadas figuras do cinema mundial. Nestas gravuras, dois instantes do filme que imortalizará no celulóide, uma das mais ilustres figuras das letras francesas contemporâneas, como de sempre.



A LEGENDA DAS LETRAS



Mais uma caricatura da série que Ben está fazendo para «Les Nouvelles Littèraires». Desta vez temos Mallarmé polindo suas pedras preciosas.

atuaram por uma lei atávica sôbre sua ilustre descendente. Agora, Dilke de Barbosa Rodrigues Salgado dá-nos mais uma prova de sua bela inteligência, saindo de uma Universidade, graduada em profissão que diz de perto com as atividades literárias.

Colaboradora de diversos jornais e revistas, como cronista e crítico literário, antiga redatora do Serviço de Radiodifusão Educativa do M.E.S., criadora do programa "O dia de hoje há muitos anos", que ainda redige, a destacada aluna do Curso de Jornalismo lançará em breve "Febre do lugar" — romance regionalista, sôbre a malária no Estado do Rio.

★

NOTICIÁRIO

FALECEU em dias de dezembro último, a escritora Lucília de Figueiredo, cuja estréia em livro se deu há pouco, com um volume de contos infantis, editado pela Melhoramentos — "A Velha que tinha um Gato" — em que se positivaram suas reais qualidades de fabulação. Além disso, Lucília de Figueiredo colaborou em jornais e revistas, inclusive na REVISTA DA SEMANA, tendo publicado contos, crônicas e comentários. Foi redatora da revista "A Casa" e escritora de programas para a Rádio Ministério da Educação. Sua morte foi muito sentida, consternando seus numerosos amigos.

★

CIDADE AMIGA DAS LETRAS

Na França, onde as denominações de ruas e logradouros em geral homenageam poetas, artistas e escritores, a cidade de Brest acaba de bater um "record". Na reunião de seu Conselho Municipal, foram batizadas muitas ruas e, tôdas elas, com denominações que lembram nomes gloriosos das letras e da poesia: Valéry Max Jacob, Barrès, Péguy, Alain-Fournier, Victor Ségalen, Saint-Exupéry e Bernanos são nomes agora de ruas e praças de Brest, para honra de seus habitantes e administradores.

★

UM CONSELHO DE ELIOT

Falando há pouco sôbre o segundo ofício, em relação aos poetas, T.S. Eliot declarou:

— Um poeta deve ter um segundo ofício, mas deve escolhê-lo tão distante quanto possível, da poesia.

★

A BALZAQUIANA EM CANÇÕES

Não foi o nosso grande Nássara, com a sua «Balzaquiana», quem pela primeira vez pôs em versos êsse assunto e também inspirando-se no livro de Balzac. Segundo se revela — e, isso, devido exatamente à canção famosa do último carnaval — em 1837 foi publicada por «Le Menestrel», uma canção dedicada a Balzac que falava na mulher de trinta anos, fazendo-lhe o elogio, e terminava por êstes versos:

«A quinze ans, on veut plaire
A vingt ans, on doit plaire
A quarante, on peut plaire...
O sait plaire à trente ans! (bis)».

Fora do Prelo

JARAU — Zélia Villela de Manéra — Oficinas Gráficas da Globo — P. Alegre. O título dêste romance que nos chega do Sul é muito sugestivo, porque nos acorda as reminiscências do belo conto de Simões Lopes Neto, sôbre «A Salamanca de Jarau».

Acontece, porém, que a autora apenas tomou o cêrro do Jarau como ambiente de um drama burguês, onde o que existe de mal-assombrado não chega a nuclear qualquer episódio. O romance gira em tôrno de velhas estâncias gaúchas e o cerne do livro é a rivalidade de anacrônicos senhores feudais. A romancista, a que não faltam qualidades de fabulação, perde-se em pequenos conflitos que não caracterizam, senão de maneira muito sumária, o meio em que decorre a ação. Uma ou outra personagem mais humana, muita tessitura literária em tôrno dos conflitos, estilo simples e agradável, embora visìvelmente literário — no mau sentido do têrmo.

A substância da história daria talvez obra mais contida e mais densa, nas proporções de um conto. Para estendê-la em um romance, a autora foi obrigada a uma constante diluição de incidentes sem importância, retardando a ação sem qualquer proveito. A atmosfera fantasmal é bem composta, mas a romancista, sem a posse plena de seu «metier», não consegue mantê-la, assim não nos transmitindo o «frisson» que faria desta história, se tratada com vigor, um bom romance de mistério.

Mas, tal não estava nos seus cálculos. Nos seus cálculos, estava criar uma heroína que a representasse, que fôsse sua projeção no meio social da ficção, a que faltou, entretanto, melhor composição, parecendo-nos, assim, muito artificial e demasiadamente falsa, com ser um tipo ideal, quase a perfeição em pessoa. E, êste é, evidentemente, um caso em que a personagem traiu a romancista.

★

PERMANÊNCIA E TEMPO — César Mêmolo — Clube de Poesia — São Paulo. Ainda não há muito assinalávamos que a doença da poesia moderna é decorrente do sentimento do efêmero que a vida atual impõe aos poetas. Mesmo nos poemas menos pessimistas, mais livres dêste novo «mal do século», podemos encontrar essa substância inquietadora e melancólica que entristece as inflexões e as palavras, pondo-nos em contacto com essa angústia invencível.

A êsse problema espiritual, vem juntar-se o problema formal, tanto a retórica moderna, descrente das velhas artes poéticas, tenta resolver por processos mecânicos, por invenções e arranjos gráficos, as condições exteriores da poesia, o verso. Somam-se, assim, duas angústias da maior importância para o poeta. E, isso, o conduz a um trabalhoso estado onde não existe o trânse, a espontaneidade, a pureza, tudo o que nos parecia, outrora, «clima poético». Os jovens poetas nos surgem, assim, como verdadeiros filósofos da poesia, quanto ao espiritual, e artesão do verso, no que toca ao formal. E, muitas vêzes, pela secura do tratamento lírico, pela propositada evasão a qualquer desfalecimento espontâneo, aspectos de hoje nos parecem depositários daquele néo-parnaíanismo que se descobriu nas sínteses laboriosas dos últimos modernistas.

Em um livro de estréia como êste, «Permanência e Tempo», de César Mêmolo Júnior, podemos verificar essas constantes da jovem poesia brasileira. Não se trata, é claro, de um poeta de menor importância, muito pelo contrário. Vemos nêstes poemas uma riqueza de substância lírica efetiva, embora a determinação de sobriedade, de singeleza, com que o poeta evita tôda e qualquer exuberância. Por outro lado, o lírico atibaiense consegue, dentro da secura formal e da construção linear de seus versos, em que a ritmica às vêzes se deixa levar pela notação humana e cede ao império dos temas, à música escondida da inspiração, o domínio da forma, sem nos afligir com essa técnica demasiadamente inteligente que é um dos prejuizos principais da poesia contemporânea, quando o poeta ainda não somou à sua arte a necessária experiência da vida e da cultura.

«Permanência e Tempo», onde se encontram tantos valores de legítima poesia, é um livro triste, um livro em que o não-ser é o motivo fundamental. Não é um livro de dúvida. E' uma poesia de certeza na efemeridade e, por isso, desde sua epígrafe, estabelece êsse caso angustioso, colocando a permanência em função do tempo, apenas para verificar a impossibilidade de qualquer fixação. E, em um de seus poemas, chega a esta conclusão desesperante:

Não ser.
Antes e depois de tudo
não ser.»

Um belo e emocionante livro triste, êste. Um livro de poesia.

★

A GRANDE CIDADE — Edmundo Amaral - José Olympio — Rio de Janeiro. O último romancista que nos deu uma crônica viva da vida de S. Paulo, cidade, foi, já há muito, Hilário Tácito: «Madame Pomery» era um romance da cidade de São Paulo, de sua boêmia, de sua riqueza, de sua política, de sua sociedade, como ainda não houve outro. Se o historiador quiser um dia, saber como era São Paulo de há trinta anos, poderá encontrar, naquele livro, a sua verdadeira atmosfera, à qual não prejudica o sentido satírico e o humor com que foi escrita a obra.

De certa forma, o autor de «A Grande Cidade» vem continuar ou completar aquêle livro. Edmundo Amaral que, há muito, não aparecia em livro, pôs neste romance uma nítida imagem do São Paulo dêsse tempo, visto sob um de seus aspectos mais sentimentais — a visão do estudante roceiro que a grande cidade tentacular seduz e termina por enjoar. Por certo, o livro tem um fundo estável de reminiscências e, por isso, logo se insere em nossa simpatia. A transferência que o romancista, por uma questão de técnica, faz, de suas impressões e sensações, para os personagens, não corrompe êsse núcleo de verdade que dá ao livro um agradável caráter de crônica.

No pórtico do volume, Edmundo Amaral, sem qualquer influência do Eça entediado de Paris, faz também um voto agreste, citando Lamartine: «Loin de moi les cités et leur vaine opulence». Mas, apesar da citação, êle não nos torna odiosa a sua «grande cidade», tanto uma ternura subterrânea, própria das evocações de coisas vividas, se comunica ao seu assunto e nos alicia. Por mais que tenha querido ser um analista frio do «caso» da grande cidade, do que nesse caso há de nefasto, desconsolador e triste, Edmundo Amaral participa de sua história com tanta alma, tanto sentimentalismo que nos faz amar êsse mesmo caso, nos faz participar de seus entusiasmos iniciais, atenuando a imagem do desconsôlo metropolitano que nos quis transmitir. De resto, essa São Paulo do outro tempo está tão bem ilustrada nas páginas de seu romance que, fôsse apenas por ela, pelas imagens que aqui nos voltam, o livro estaria tocado da graça, essa graça do passado que, como lembrou certa vez o cético M. Bergeret — «c'est la seule realité humaine».

«A Grande Cidade» é um romance de São Paulo, com uma grande ternura pela São Paulo que evoca, por mais que seja um requisitório sôbre a vida daquele tempo e a miséria dourada da grande cidade. E escrito com uma arte segura de romancista, de maneira viva e direta, evitando qualquer digressão, fazendo-nos conviver com os seus personagens, viver e sofrer, ao longo de suas páginas.

★

OUTROS LIVROS Expedito Pereira publica uma coletânea de poemas, «A Janela Noturna». Preferindo as formas tradicionais do verso, revela o poeta um lirismo singelo e comunicativo em que se acentuam pendores panteístas, com um rimário fácil e metros familiares, tudo contribuindo para nos tornar simpática esta obra de estréia.

★

Pedro Magalhães, jovem poeta fluminense, nos envia sua coletânea de poemas, «Diana». Lírico, preferindo o soneto para vasar, nos quatorze versos, sua ardente e moça inspiração, o bardo fluminense se inscreve nas tradições casimirianas de seu Estado natal, cantando o amor e a saudade, além de outros temas habituais do repertório sentimental.

★

De São Paulo, chega-nos «Entre o Céu e a Terra», um pequeno livro de poemas a que Augusto de Oliveira Santos deu unidade, denominando-os «Poema espiritualista», voltando-se para os temas religiosos e para os motivos espirituais, tratando-os com linguagem ardente, onde os gestos místicos são habituais, movendo-nos à simpatia e muitas vêzes tocando-nos pelo tom de sinceridade o que revela o autor.

Está à venda em toda parte o

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

Contendo entre mil e uma atrações

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANETA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.



E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".



FAÇAM DESDE JÁ SEUS PEDIDOS À

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.



LULAS EM SUA TINTA

Limpe a quantidade de lulas que quiser. Cortam-se em pedaços e põe-se a fritar numa panela com azeite bem quente. Junte o alho em rodelinhas, um "bouquet" de salsa com duas colheres de farinha de trigo. Os saquinhos de tinta das lulas devem ser colocados numa xícara de água fria. Misture a essa xícara a salsa e a farinha e continue mexendo, deite essa mistura sôbre as lulas e deixe cozinhar durante mais uns quinze minutos. Servir com arroz e puré de batatas.

CALAMARES COM ARROZ

Abrem-se duas latas de "Calamares y su tinta", refogam-se com bastantes temperos. Lavam-se 2 xícaras de arroz e se misturam com os calamares numa panela com 5 xícaras de água. Refogam-se os temperos, antes de deitá-los na panela, onde se põe, também, todo o môlho escuro que vem nas latinhas. Cozinha-se em fogo lento. Para ficar bem saboroso, deve-se acrescentar bastante azeite e azeitonas. Enfeita-se com ovos duros e alcaparras. E' um dos pratos espanhois mais saborosos.

CREME PARA RECHEAR FRIOS

2 xícaras de leite, 4 gemas, colheres de maizena ou farinha de trigo, 1 colher de farinha de trigo.

Faz-se um mingau, que serve para rechear carolinhas, canudinhos de espiral, etc. Salga-se o mingau à vontade.

MOCOTÓ

Compra-se ½ mocotó completo. Deve constar de 2 pés de vaca, ½ coalheira, mondongo e tripa grossa. Depois de tudo bem limpo aferventa-se com sal e todos os temperos. E' melhor deixar primeiro aferventar só com sal, quando já estiver bem cozido, acrescentam-se, então todos os temperos. Cozinha-se à parte, feijão branco, mais ou menos ½ quilo, que se deixa de môlho desde a véspera. Quando estiver cozido o mocotó, esmaga-se o feijão e põe-se no mocotó apenas o puré resultante. Há quem goste de pôr todo o feijão, sem esmagá-lo. Tempera-se bem, com bastante pimenta e serve-se muito quente, com rodelas de ovos cozidos e azeitonas.

PEIXE FRITO

Os melhores peixes de água doce para fritar são: o dourado, a traíra e o bagre. Limpa-se o peixe, tempera-se bem e guarda-se no refrigerador durante o maior espaço de tempo possível. Quando se fôr fritar, enxuga-se bem e enrola-se em farinha de trigo, sacudindo para cair o excesso. Há pessoas que preferem sem farinha de trigo, especialmente para escabeche. Com uma camada bem fina, entretanto, que se consegue enxugando bem o peixe, fica muito melhor, porque deixa a carne do peixe mais firme.

FILÉ DE PEIXE

Compra-se ½ quilo de filé de peixe, tempera-se bem. Faz-se um môlho como para peixe ensopado e arruma-se numa panela, uma camada de filé de peixe, outra de môlho, assim até terminar o peixe, devendo a última camada ser de môlho. Cozinha-se em fogo lento. Serve-se quente. Tira-se com cuidado da panela para não desmanchar.

TORTA DE CHOCOLATE

2 ovos inteiros, 250 gr de farinha de trigo, 200 gr de açúcar, 60 gramas de manteiga, ¼ litro de leite, 60 gr de cacau, 4 colheres-de-chá de fermento em pó e 1 colher das de sopa de rhum.

Bate-se a manteiga, os ovos e o açúcar durante 10 minutos. Junta-se então o cacau, o leite, a farinha peneirada com o fermento e 1 colher de rhum.

Enche-se uma fôrma untada e polvilhada e leva-se ao forno médio por espaço de 40 minutos. Depois de fria, corta-se em 2 partes, recheia-se com creme de chocolate e cobre-se com glacê de chocolate.

BÔLO DE NEVE

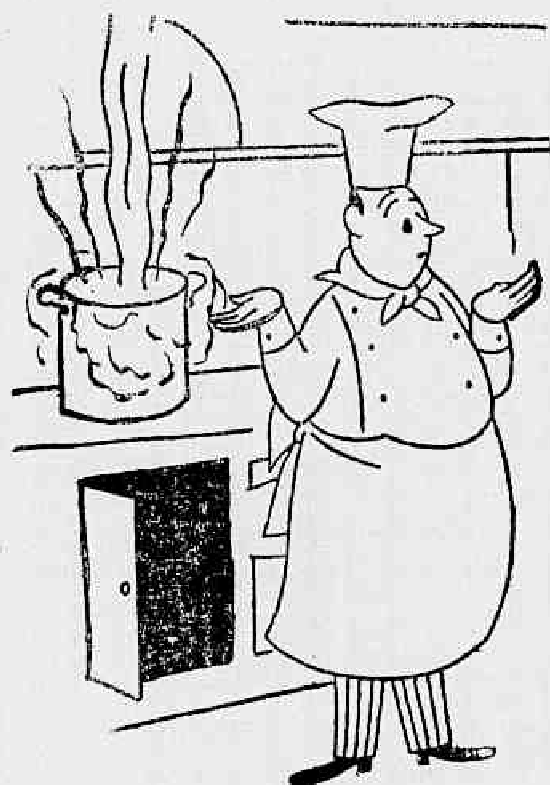
5 claras bem batidas como neve, 150 gr de açúcar, 1 pitada de sal, açúcar de baunilha, 75 gr de farinha de trigo peneirada, 1 colherinha de fermento em pó e 75 gr de manteiga ligeiramente aquecida em banho-maria.

Depois de misturadas com cuidado as claras batidas com o açúcar e os temperos, junta-se a farinha com o fermento e por último a manteiga morna. Assa-se em fôrma untada e em forno com pouco calor.

Enquanto quente, molha-se o bôlo com calda de compota e guarnece-se com pedaços das frutas



NA COZINHA



Cantilly bem batido. Serve-se o creme guarnecido com pequenos pazar a massa sem desca car a macronen. Pode-se também pr maçãs.

PONCHE

2 copos de vinho tinto. 1 co. de cognac, 1 copo de água, cal de 1 limão, casca de canela, 2 a cravos, 1 colherinha de café de farinha de batatas e açúcar.

Aquece-se o vinho a água, o caldo de limão, a canela, o cravo o açúcar, junta-se a farinha de batatas diluida em água fria, deixa se cozinhar esta mistura, passa por um passador e adiciona-se o cognac.

Serve-se com pudim de pão sonhos.

PUDIM DE AMENDOAS DE PÃO

125 gr de pão. ½ litro de leite, 79 gr de manteiga, 5 ovos, casca ralada de um limão, 125 gr de açúcar, 2 colheres de sopa de amêndoas raladas (entre elas 4 amargas).

Corta-se o pão em pedacinhos e cozinha-se com o leite a manteiga, mexendo-se sempre até se obter um mingau grosso. Deixa-se esfriar, junta-se o açúcar, as gemas, a casca de limão, e as claras bem batidas. Põe-se em fôrma de porcelana bem untada e leva-se ao forno durante 30 a 40 minutos.

Polvilha-se com açúcar. Pode-se fazer também o mesmo pudim com frutas.

TORTA BARÃO DO RIO BRANCO

4 ovos, 1 colher-de-sopa de farinha de trigo, 100 gr de açúcar, 4/10 de litro de nata ou leite e a casca ralada do limão. Leva-se tudo ao forno, batendo se sempre: pouco antes de ferver retira-se do fogo e bate-se até esfriar. Juntam-se a êste creme as claras batidas em neve.

Faz-se a massa e se forra com ela uma fôrma de abrir bem untada. Forno médio.

MAKRONEN DE AVELÃS

3 claras, 250 gr de açúcar, 300 gramas de avelãs raladas. Batem-se as claras em neve, juntam-se os outros ingredientes e põe-se esta massa em cartucho de papel com abertura redonda; espremem-se montículos em uma assadeira untada com cêra e assam-se em forno brando; devem ficar moles por dentro.

Em vez do cartucho pode-se recorrer a duas colherinhas das de café.

BISCOITINHOS DE CÔCO

250 gr de côco ralado, 200 gr de açúcar, 2 ovos. Matem-se as gemas com o açúcar até ficar um creme espumoso. Adicionam-se o côco e as claras bem batidas. Com o auxílio de uma colherinha fazem-se montículos em uma assadeira untada com manteiga e leva-se ao forno regular.

CREME DE MAÇÃS

8 a 10 maçãs, 1 colher-de-sopa de caldo de limão, 1/2 xicara de creme Chantilly, açúcar e canela.

Cozinham-se as maçãs, descascadas e cortadas em quatro e depois de fria, junta-se com o creme

AMBRÓSIAS

Para uma dúzia de ovos 1 litro de leite, 1 1/4 de quilos de açúcar e o suco de um limão ou duas colheres de vinagre. Faz-se a calda com o açúcar. Côa-se deixando se ferver bem. Acrescentam-se os ovos, ligeiramente batidos, misturando-se com o leite e o limão. Vai ao fogo até ferver. Quando estiver começando a talhar, mexe se com cuidado para não quebrar muito. Deixa-se cozinhar bem, até ficar com uma côr dourada. Para ficarem boas, as ambrósias devem ser muito bem feitas. O segrêdo consiste inteiramente no tempo de fervura, que não deve ser apressado.

DOCE DE BATATA DESMANCHADA

Para 1 k de batata doce desmanchada e passada na peneira, 1 k de açúcar. Se a batata for muito sêca, acrescenta-se mais 1 quarto de quilo de açúcar. Vai ao fogo para dar o ponto, que pode ser conforme o gôsto de cada um. Muitas pessoas fazem a calda e quando está bem grossa, juntam-lhe a batata. Usando-se açúcar refinado o resultado é o mesmo e não dá tanto trabalho como com calda.

BOMBOM DE CREME E FRUTA
(Para 50 bombons)

500 gr de açúcar, essência de limão ou de baunilha, 4 paus de chocolate, leite, tâmaras, ameixas cajus ou qualquer outra fruta sêca manteiga de cacau.

Misturam-se 250 gr de açúcar impalpável com 2 colheres de leite. E' conveniente acrescentar o leite com a colher, para se medir a quantidade exata. Perfuma-se com essência de limão, de baunilha ou de amêndoas. Formam-se bolinhas que se recheam com um pedacinho de tâmara, ou de qualquer outra fruta sêca. Desmancham-se 4 paus de chocolate, com 250 gr de açúcar, acrescentando-se um pedaço de manteiga de cacau, mais ou menos meia barrinha. Deve-se ter cuidado para não deixar entrar água. Com esta substância, cobrem-se os bombons, que depois de prontos são enfeitados com um pedaço de noz. Colocam-se no refrigerador para endurecer.

SANDUICHES DE PRESUNTO

Tomam-se 2 fatias de pão, untam-se com manteiga e mostarda e se unem, encimando-as com manteiga e presunto bem cortadinho



PARE!
A QUEDA DE SEUS CABELOS
USANDO
PETROLINA MINANCORA
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

QUER SER ESCRITOR?
Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso

COMO APRENDER A DANÇAR
4.ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos 380 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ» Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal 649 — São Paulo
A venda também nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo

BEL HORMON
SEIO
... fôr insuficiente ou seu ... use BEL-HORMON ... quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON ... BEL-HORMON é à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, ... de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias, drogarias ou pelo Correio.
BEL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: ... Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua Carioca ... Rio de Janeiro
... Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BEL-HORMON" nº
NOME
RUA
CIDADE ESTADO
Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Produtos
MYSTIK
de
Mme Campos
Para Maquilage Cientifica - Rouge Facial em pó - Crême de Morangos - Crême Base - Loção e Crême contra espinhas
À venda nas boas casas
ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA Mme. CAMPOS
Assembléia, 115 - 1.º Rio

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. Fausto Campos
Prática nas clinicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.
CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO
Tratamento da pele e do cabelo
Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

A SAÚDE DO BEBÊ

CORIZAS E ANGINAS NO MENINO DE PEITO

DR. SABOIA RIBEIRO

PELA obstrução nasal, ou a dificuldade do trânsito aéreo, através do faringe, na maioria das vêzes, na criança, se denunciam as afecções das vias-aéreas altas. Na criança de poucos meses a obstrução nasal é ocorrência que faz suspeitar, antes de nada, quer a hipótese do *coriza sifilítico*, quer da *difteria*, quer a chamada *angina retronasal*, esta, de certo, a causa mais freqüente.

Na criança mais crescida, de ordinário, a causa mais freqüente são as *vegetações adenóides*, que fazem a respiração pela bôca, a voz nasal, e a impossibilidade de pronunciar, corretamente o *m* e o *n*.

Vejamos a dificuldade do trânsito aéreo através do faringe.

Na criança que ainda não completou um ano, a causa é devida ao processo de uma *angina retronasal* que se propagou até o faringe, o que constitui, aliás, a grande regra.

Na criança mais crescida, as causas são, geralmente, as amigdalites.

Vejamos como, na criancinha, se mostram os processos que fazem a obstrução nasal, ou simultâneamente do nariz e do faringe, como na *angina retronasal*.

Temos, em primeiro lugar, o *coriza sifilítico*, segundo o esquema acima.

O que predomina no coriza sifilítico não é tanto a secreção escorrendo pelas narinas como a obstrução devida às crostas que se formam. Nos bordos das narinas se constituem fissuras, pequenas fendas ou rachaduras. Secreção muitas vêzes misturada com algum sangue.

Na verdade, a natureza sifilítica do processo só é firmada com segurança quando outros estigmas da sífilis se vêm juntar ao coriza. Em 70 a 80 por cento dos casos existe a esplenomegalia (aumento do baço). Quando, numa criança com coriza e que ainda não alcançou os três meses, se encontra o baço assim crescido, a hipótese de sífilis é mais do que provável. Rosto chupado, crânio volumoso, veias temporais crescidas, nariz sem sela, são sinais que robustecem o diagnóstico. A côr de café com leite, da criança, confirma em certeza o quadro.

A *difteria nasal* é outra causa de obstrução nasal na criança de poucos meses.

E' crença geral que a difteria irrompe sempre com febre alta, sùbitamente, no seguimento de uma afecção catarral da garganta.

No menino de peito não é assim, pois seu aspecto clínico habitual é o de um coriza com secreção sero-sanguinolenta ou sanguino-purulenta. O crupe é nêle raro.

Pode o aspecto do coriza confundir-se com o coriza sifilítico, às vêzes, levando ao exame da secreção, que revela o verdadeiro germe responsável. Faltando os sinais aparentes de sífilis, que acima já lembramos, deve ter-se por diftérica a secreção sanguinolenta encontrada na criança de peito.

Tosse rouca, na criancinha, raro é difteria. De fato, nela, o processo se desenvolve na região do cepto; todavia, as fossas nasais, nessa idade, estão muito próximas do laringe — sede do processo crupal — podendo, assim, passar diretamente a êste a difteria de localização geralmente nasal, na criancinha. Ademais, devemos estar lembrados que o crupe reveste, então, de ordinário, formas atípicas; mesmo o faringe se mostra às vêzes indene e a rouquidão discreta.

Mas, mesmo que não se transforme em crupe, e revestindo o aspecto de simples coriza, a difteria, na criancinha, leva à intoxicação, à anemia, à perda do apetite e diminuição geral da imunidade, abrindo a porta à entrada das infecções agudas, que assim se tornam particularmente graves. Quer reconheça a natureza sifilítica ou diftérica, o coriza no menino de peito exige tratamento imediato do médico, e se reveste sempre de muita seriedade pela natureza do mal revelado ou suas conseqüências.

A *angina retronasal* configura a forma de obstrução mais freqüente e também mais intensa das vias-aéreas altas da criança de poucos meses. As fossas nasais são estreitas, a faringe estreita, particularmente, no lactente; de modo que qualquer tumefação traz, de imediato, a obstrução do ar respirado. No esfôrço de poder respirar pela bôca a criança encurva fortemente a cabeça para trás, simulando a atitude na meningite. A secreção nasal é viscosa e em certos casos insignificante, podendo mesmo faltar.

Na angina retronasal a febre é elemento constante e isso distingue de outras manifestações semelhantes. Assim, certas secreções maternas passadas à criança durante o parto podem ocasionar uma *rinite blenorrágica*. A exsudação nasal por motivo da queda da temperatura nos exsudativos é outra.

Os catarros descamativos do recém-nascido ainda (crostas abundantes nas fossas nasais podendo simular o coriza sifilítico).

Nas formas febris, primeira coisa em pensar é na coqueluche, no sarampo, na paralisia infantil, na gripe. Será feito o diagnóstico de entrada tendo em vista certas circunstâncias, inclusive o gênio epidêmico do momento, mas outros sinais que, precocemente, já denunciam a moléstia que ainda não se caracterizou bem de todo.

Na criança normal essa forma de angina passa com a doença principal e muitas vêzes bem antes dessa. Na gripe, porém, ela resume quase tôda a doença, e sua persistência, prolongando-se além de uma certa medida, possibilita as complicações para o lado do aparelho pulmonar, inclusive as bronco-pneumonias.

E' essa angina retronasal que, às vêzes, descendo até o laringe, faz a tosse rouca e assusta a família que logo pensa em *crupe*.

Quando, às vêzes, se estabelecem fenômenos agidos no curso de uma angina retronasal particularmente graves, antes que no crupe, ou como o crupe, deve-se pensar no abcesso *retrofaringeu* (a parede posterior do faringe mostra-se abaulada ao exame, inflamada), uma de suas complicações que costumam simular uma pneumonia.

Causadas em geral pelos chamados germes das infecções catarrais, justifica-se dêsse modo o tratamento visando a tais germes, pelas vacinas feitas à base dos mesmos, e as sulfas; e como o terreno em grande parte constitui o ponto fraco sôbre o qual se instala a angina retronasal, um tratamento modificador deve consolidar a cura, além de um regime que



FATALIDADE

(Cont. da pág. 39)

nha dos seus dezesseis anos, retrato vivo dessa menina que aí está. Semelhança igual, não encontrei nestes meus bem vividos quarenta anos. Conquanto amasse muito aos filhos, o "fraco" do Matias era a T'resa, como êle lhe chamava. Podia ter os maiores aborrecimentos, mas a chegada de Teresa era um bálsamo para seu coração amoroso. Quantas e quantas vêzes ela intercedeu a favor dos irmãos para conseguir dêle alguma coisa que turrava em não ceder. Seu coração não sabia negar o que quer que fôsse à filha mais velha talvez pelo fato de, quando pequenina, ter milagrosamente conseguido sobreviver a uma pneumonia que, por pouco, não a levou. Pela manhã carregavam a carroça de legumes e hortaliças e, juntos, corriam a freguesia. Na volta, era comum vê-los felizes, cantando alguma canção em voga, acompanhados pelo trotear cadenciado dos animais. Onde estava Teresa, ali estaria, na certa, o Matias. E vice-versa. Aquêle dia, porém... — passou nervosamente a mão pelo rosto como para afastar visão dolorosa — pobre Matias! — falou comovido. Foi num domingo. Dia feio. Chuvinha fina. Irritante. A família, com exceção do Zéca, que saíra, achava-se reunida na varanda da casa, de onde se descortinava tôda a chácara. Um pouco adiante, num cercado, pastavam os animais que tôdas as manhãs alagavam-se em suor sob o pêso da carroça abarrotada. Uma turma de garotos que se dirigia a uma partida de futebol, achou de se divertir, instigando um cachorro sôbre os animais. Matias não via com bons olhos aquela brincadeira que podia dar mau resultado. E, mal acabara de externar seu receio, um dos animais arrebentava a corda que o prendia e, furiosamente, investe contra a cêrca de arame farpado. O velho não teve dúvida. Enfiou o capote e desandou em socorro do animal desnorteado. Quando chegou ao cercado, os moleques de há muito haviam sumido, como se seus pés houvessem criado asas. Levou um pedaço até que o animal se acalmasse. O incidente buliu com os nervos do infeliz Matias. Enlameado, com um dedo sangrando, já nem olhava onde pisava, quando, por descuido ou porque assim o quisesse o Destino, resvalou e caiu num dos muitos poços por ali existentes, destinado à irrigação da chácara. As filhas e a mulher, que da varanda não o perdiam de vista, botaram-se a correr pela chácara abaixo. O poço, naturalmente raso, permitiu que, com algum esfôrço, Matias conseguisse galgar a margem. Teresa foi a primeira em chegar. Ao vê-lo são e salvo, todo enlameado e molhado até os ossos, não se conteve. Explodiu numa gostosa gargalhada e apontando-o gritava:

— Olhem, olhem o pai que gozado ficou!

— Cala a bôca Teresa — gritou o velho enraivecido.

Mas, qual... a menina se contorcia de tanto rir, quase não podia falar.

— Pareces um pinto, papai. Se visses tua cara, garanto que ririas também.

E Teresa ria: ria a mais não poder.

Então, foi que se deu o inevitável. Cego de ódio, Matias agarrou uma tábua que encontrou pelo chão e avançou para Teresa, golpeando-a na cabeça.

A coitadinha caiu por terra.

— Ah! papai — falou num queixume — você me matou, papai...

A vasta colina foi abalada por um rugido de dor. Impressionante espetáculo o daquele homem trôpego, carregando nos braços o corpo inanimado da filha querida. Trazia nos olhos brilho estranho, não permitindo, a quem quer que fôsse, dela se aproximasse.

Dois dias de dolorosa espectativa, ao fim dos quais morria Teresa.

Na tábua havia um prego que, ao lhe ferir o crânio, causara a gangrena.

Levaram-no prêso. Para quê? Se a loucura já o envolvera em suas garras medonhas! Desde então, vive a perambular pelas ruas. Seu pobre cérebro, mergulhado em trevas, faz que veja a sua Teresa, em cada mocinha de tranças sôltas que encontra no caminho. Então, junta as mãos implorando perdão.

— Imagino o quanto terá sofrido vendo sua filha — tornou Belmiro — pois, como lhe disse, é o retrato vivo da falecida Teresa.

Céleres correram as horas.

Já ninguém saía ou entrava na "confeitaria do Belmiro". A um canto, largado numa cadeira, apenas o velho Matias, de bruços sôbre a mesa, parecia dormir, ignorando, com o privilégio dos doidos, as agruras da vida.

Regina foi direito a êle. Suas mãos macias afagaram-lhe os cabelos brancos.

Um rosto diferente do de há pouco, pleno de felicidade, era o que agora a fitava. Não mais chorava. Um riso iluminava-lhe o estranho semblante.

— Ah! Teresa — falou suavemente — filhinha querida; eu sabia que virias, Teresa, eu sabia que perdoarias ao pai.

Estendeu o braço para tocar o rosto de Regina. Não o conseguiu. A emoção fôra demasiada para aquêle corpo enfraquecido.

Esmorecera o calor da noite. Aragem deliciosa brincava com os cabelos de Regina. A menina teve a impressão de que não era a brisa: eram, sim, os dedos do Matias que acariciavam os seus cabelos.

---

deve levar em conta certas peculiaridades da criança.

CORREPONDÊNCIA DAS MÃES

C. A. P. B. (São João Nepomuceno) — Dê 1/10 do pêso de seu filhinho de leite e dobre com água, mas se pasar o pêso de 4.500 basta igualar para 900 na mamadeira. Junte a isso 1 c de chá de manteiga, 2 de farinha e 2 de açúcar para cada 200 gramas de leite-água.

Divida isso em 6 mamadeiras. O modo de preparo é: manteiga numa panela a fogo brando, mexendo sempre até que ela espume e fique ligeiramente corada; junte então aos poucos a farinha sempre mexendo até obter um todo homogêneo; acrescente no fim o leite e água que já devem estar à mão.

Guarde na geladeira ou faça cada vez a mamadeira, respeitadas as proporções.

F. L. (Nesta) — São freqüentes os erros de contagem do tempo da criança. Sôbre o pêso, comprimento e circunferência craniana e toráxica consulte as tabelas. Além dêsses dados confirmarem a maturidade, ao nascer a ossificação da cabeça já deverá estar completa, salvante a moleira. O comprimento das unhas deve exceder ligeiramente a polpa digital, as cartilagens da orelha e do nariz oferecem regular consistência, nos meninos os testículos devem estar já na bôlsa; boa agilidade e mobilidade, sucção perfeita do seio, são outros sinais que atestam a maturidade, o nascimento a têrmo.

G. F. (Nesta) — Não deixe cortar o freio da língua de seu filhinho. Com o tempo êle se atrofia. Se o teu filhinho não falar depois de uma certa idade, leve-o ao médico, mas nada de tesoura na língua.

NOTAs — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirigir à REVISTA DA SEMANA — com menção desta secção, ou seja SAÚDE DO BEBÊ — R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio.



LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:
GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D * FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

SEM ESTELA

(Cont. da pág. 20)

Deixei-me cair na poltrona, ao pé da secretária. Em pé, diante de mim, êle me encarava:

— Acredito que tenha sido alguém interessado no rompimento do meu noivado... O que você pensa sôbre isso?

Retesei o corpo indignada:

— Acaso insinua que eu...

Interrompeu-me convicto, ao mesmo tempo que fugia ao meu olhar, medindo a sala com largas passadas:

— Estou certo de que você seria incapaz disso. Chamei-a para avisá-la. Temo que lhe aconteça alguma coisa...

Levantei-me:

— Que me poderá acontecer? Acaso pensa que receio sua noiva?

Revoltada, deixei o escritório e pedi a Sandra, de passagem, que me esperasse à saída.

★

Eu tinha fortes razões para acreditar nas palavras de Sandra, agora que ela acabara de me jurar inocência. Chegando ao apartamento, após ter-me afastado de minha amiga, saquei a chave da bôlsa, e abri a porta sem saber o que me esperava lá dentro. Quando meus olhos caíram no jôgo de bôlsa e luva sôbre a mesinha da saleta, pressenti o que estava para acontecer. E não me enganei: quase ao mesmo tempo, saía do meu quarto u'a moça alta, elegantíssima, deslisando para mim com ar superior:

— Está surpreendida de como entrei aqui, não é verdade?

Já tomava a própria bôlsa, sacava um cigarro com gestos pausados, estudados:

— Precisava certificar-me do ambiente em que você vivia... conhecê-la pessoalmente...

Acendeu o isqueiro, aproximou-o do cigarro, sempre com gestos maquinais. Após a primeira baforada, mediu-me de alto a baixo, ostensivamente:

— Bem... Fiz o que pretendia... agora saio descansada. Descansadíssima... Vejo que já não há motivos para maiores preocupações. Eu sou o presente, você será apenas o passado...

De repente senti-me irritada, e algo de inesperado aconteceu. Num gesto instintivo, defendi-me:

— Se formos resumir tudo em matéria de tempo, você está em séria desvantagem. Talvez não lhe agrade saber que Rodolfo já era seu noivo quando me conheceu.

Seus olhos fuzilavam de raiva e eu senti que ganhava terreno:

— Portanto, previno-a de que precisa querer-lhe muito para que êle chegue a me esquecer.

— Sua presunção torna-a digna de piedade. Você é mais insignificante e tôla do que eu supunha.

Perguntei:

— Então, por que se dá ao trabalho de se medir comigo? Se tem tanta certeza da sua superioridade, por que se preocupou comigo a ponto de vir até cá?

Mordeu o lábio despeitada:

— Não me meço com ninguém. Vim apenas preveni-la de que deve deixar o apartamento, da mesma forma que será retirada do **Escritório.**

— Sim?

Sua petulância estava pondo-me por demais irritada;

— Pois sinto decepcioná-la: o apartamento é meu. Rodolfo passou-me todos os papéis, já está tudo devidamente legalizado.

Notei que empalidecia:

— Não acredito. Você está mentindo!

— E' um direito que lhe assiste duvidar de mim, uma vez que não nos conhecemos. Acho que a pessoa mais indicada para esclarecê-la é seu próprio noivo.

O que me fazia ser tão cruel? Lembro que ela fêz um gesto como se fôsse agredir-me, mas logo, refletindo, apertou a bôlsa entre os dedos crispados, de longas unhas esmaltadas, e murmurou um "bandida" entre dentes, antes de sair porta afora. Então eu, aniquilada, reduzida, sentindo-me a última das criaturas, joguei-me sôbre o "sumier", desesperada, chorando por todo o mal que acabara de fazer àquela pobre moça.

★

À noite, de repente, o telefone a chamar:

— Alô? E' você Raquel?

Reconheci logo a voz de Rodolfo.

— Está só? Pode receber-me?

— Aqui não, Rodolfo. Já lhe disse que aqui você não deve mais entrar.

Silêncio. De repente:

— Então, desça. Espero-a de carro na esquina. Preciso falar urgente com você.

— Está bem. Irei num minuto.

Desliguei o fone, fui empoar ligeiramente o rosto. De passagem, apanhei o capote.

Na rua fazia já um friozinho, tôda gente passava encolhida nos agasalhos. Na curva da esquina, Rodolfo veio ao meu encontro:

— Entre depressa.

Bateu a portinhola e logo o carro arrancava. Dobrou a esquina, fomos até o pôsto seis em silêncio. De repente, estacionou junto ao passeio:

— Raquel...

Esperei.

— Estela foi à sua casa.

Não respondi. E êle:

— Não sei o que aconteceu, mas ela acaba de romper comigo definitivamente.

Eu quieta ainda.

— Também, por questões de dignidade, fui obrigado a tirar a minha parte na sociedade e a me afastar do escritório.

Só então voltei a cabeça devagar para o seu lado:

— Sim? E daí?

Pareceu magoado:

— Isso não significa nada para você?

Menti:

— Não.

Alvoroçou-se:

— Como, Raquel? Se acabo de perder tudo por sua causa... você não tem nada para me dizer?

— Não, Rodolfo.

Meu coração confrangia-se. Porém, por mais que eu desejasse a sua volta, urgia esconder meus sentimentos. Tinha a convicção de que Rodolfo voltava para mim, ùnicamente porque se sentia abandonado. Eu era agora um último recurso para uma causa perdida...

Sùbitamente, êle envolveu-me os ombros com os braços fortes:

— Você ainda é minha, eu sei. Você ainda me quer bem.

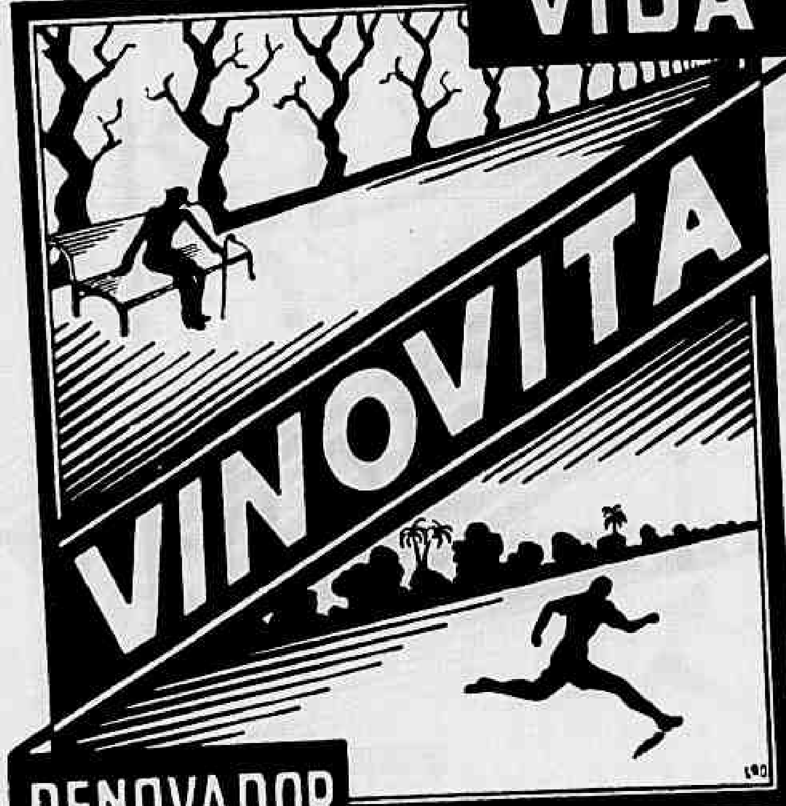
LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

ARTIGOS DE PRATA, APARELHOS DE JANTAR, CHÁ E CAFÉ DE FINA PORCELANA E NOTÁVEL VARIEDADE DE ARTIGOS FINOS PARA

Presentes de Festas

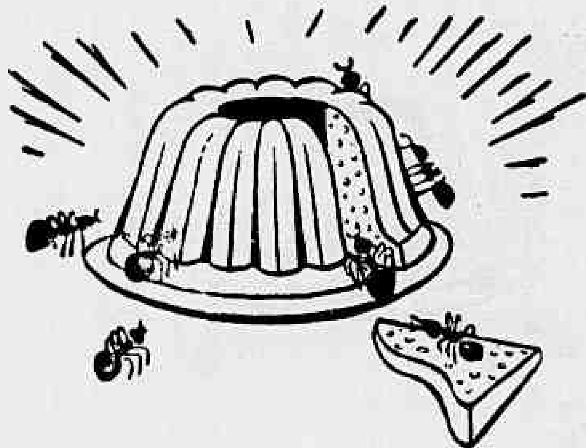
Agradecendo a preferência dispensada durante êste ano, a PRINCEZA dos CRISTAIS aproveita para desejar aos seus distintos fregueses e amigos, um NATAL cheio de felicidades e um NOVO ANO repleto de venturas.

PRINCEZA DOS CRISTAIS
ASSEMBLÉIA, 90 e SETE DE SETEMBRO, 97



"Hóspedes indesejáveis"

...são baratas e formigas que invadem a cozinha para estragar e contaminar os alimentos



Proteja armários e prateleiras com NEOCID em pó, que não transmite cheiro à comida e é inofensivo.

Prefira a lata grande – a embalagem mais econômica do NEOCID *em pó*

NEOCID

O QUE TODAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vêzes a mulher parece sofrer do figado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras. Elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2. O Nº 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O Nº 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

BANCO DO COMERCIO S. A.
FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Secão Especializada para Guarda de Títulos e Valores
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

Confirmei.

— Está certo. Porém, isso não altera o problema. Sei sofrer resignadamente o meu destino. E nêle já não há lugar para você.

Seus olhos perscrutavam os meus ansiosamente:

— Nem... legalmente?...

Baixei as pálpebras, minha bôca fremia, eu tinha mêdo de que as palavras subissem desobedientes de meu coração. Ante o meu silêncio, o ruído ritmado das ondas, ali adiante, parecia mais forte, mais envolvente. Apelei para tôdas as minhas fôrças:

— E' melhor levar-me para casa.

— Não quer responder...

— Há atitudes que valem como respostas...

De repente, seu rosto mudou, êle tornou-se prêsa de grande ansiedade:

— Está bem Raquel. Começo a compreender tudo. Você nunca me quis. Muito menos há de me querer agora que estou sòzinho contra tudo e contra todos.

Pôs o motor em movimento:

— Sei também por que se mostrou tão solícita e compreensiva ante o nosso rompimento.

Sorriu com ironia, amarga ironia:

— E dizer que precisou acontecer tudo isso para que eu chegasse a atingir os seus verdadeiros sentimentos...

Após um segundo, enquanto o carro deslisava ao longo da praia, disse ainda:

— Vou levá-la para casa. Para a «sua» casa...

Inventou um sorriso para esconder a mágoa:

— A afim de que sua vitória seja completa, Raquel, faço-lhe ainda uma grande revelação: aquela carta anônima... fui eu mesmo quem escreveu a Estela. Foi um gesto torpe, é verdade, mas a única solução que encontrei para livrar-me de um compromisso indesejável, e apressar o desenlace...

Olhou-me de relance, sem perceber o quanto suas palavras acabavam de me fazer venturosa:

— Fui um idiota, não é mesmo? Dizer que pensei sèriamente em casar com voce...

Íamos chegando diante do edifício:

— Mas, como não se pode forçar a natureza... dou-lhe a liberdade... Pode descer...

Só então voltei-me para êle e sorri meigamente, com o coração aliviado em face da sua confissão:

— Não, Rodolfo, já não quero a liberdade.

E, ante a sua testa franzida numa ruga de incompreensão:

— Sim, amor... Eu pensei que você houvesse voltado, porque encontrasse em mim apenas um recurso de última hora. Agora compreendo tudo... Vamos descer...

Êle abriu a portinhola, eu saltei. Suas mãos tomavam as minhas, carinhosamente:

— Subirei com você, meu anjo...

— Não, não. Hoje não.

Puxou-me para êle, roçou seu rosto no meu, terno e afetuoso. Depois deu um tapinha amigável na minha face, e sorriu:

— Suba agora, meu bem. Vou tratar dos papéis e amanhã telefone...

E, tornando ao carro, tomou a direção, reforçando ainda com a cabeça fora da janelinha:

— Amanhã cedinho, meu amor...

E eu fiquei acenando, feliz, enquanto o carro partia, dobrando para a Avenida Atlântica. Amanhã, a vida recomeçaria para nós sem Estela. Sem Estela...

Voltei-me devagar, subi as escadinhas sorrindo para mim mesma, andei até o elevador. E o pensamento insistia em repetir sempre, que amanhã a vida recomeçaria para nós... sem Estela... sem Estela...

NA VESPERA DE NATAL

(Cont. da pág. 4)

aumentando de índice mesmo após os primeiros socorros, que se tornaram dificultados pela impropriedade do local em que ocorreu o desastre.

Momentos verdadeiramente dramáticos precederam a organização dos socorros às vítimas e penosa foi a tarefa das autoridades no sentido de conter a avalanche de parentes e amigos de pessoas que viajavam no trem sinistrado e que a todo custo queriam seguir para o local do desastre nos primeiros transportes destinados aos socorros de emergência. Nesse trabalho as autoridades tiveram que agir com energia, tal era o desespêro reinante, mais do que justificado, aliás.

Mau grado as declarações do maquinista acima reproduzidas, pessoas que examinaram o local do desastre e as circunstâncias em que êle ocorreu, divergem de opinião. Para muitas, o motivo aceitável seria o de excesso de velocidade, feitas à imprensa também por diversos passageiros.

48 HORAS NA ESTÂNCIA

(Cont. da pág. 28)

acompanhando o «clima» cotidiano daquele fim de Brasil, onde não conseguiu repousar o homem que dentro de poucos dias vai assumir o govêrno.

Também o sr. Batista Luzardo, endossando as palavras do sr. Getúlio Vargas, considerou como hspede o representante desta revista e nos concedeu informações preciosas que mais adiante serão divulgadas, particularmente sôbre a momentosa questão do trigo e do milho.

★

Por volta das quatorze horas, quando havíamos iniciado a nossa peregrinação pelas múltiplas dependências agrícolas da Estância, fêz sentir-se novamente a presença do sr. Getúlio Vargas na casa-grande. Nesse meio-tempo, permaneceu êle recolhido às dependências do «castelhinho» e nos foi dito que ali ciudara de despachar a correspondência atrasada de dois dias. Era a hora do almôço — um almôço simples, de gente de campo, presidido por s. excia. Sem nenhuma formalidade, sempre metido nas suas bombachas, mas trocando as botas de cano alto por um par de sapatos inteiriços, de entrada baixa — o calor aumentava sempre — o sr. Getúlio Vargas encaminhou-se para o salão de refeições acompanhado dos presentes. Éramos poucos —e o casal Luzardo havia tirado o primeiro dia útil da semana para uma rápida visita a Uruguaiana, de onde só voltou noite fechada. Sim, havia elementos femininos presentes à refeição, mas todos estranhos às famílias Vargas ou Luzardo. Lá se encontravam nesse dia a sra. Dilza Rodrigues Bellomo, professôra estadual em Pôrto Alegre; a sra. Idalina de Coudeu, espôsa do cônsul chileno na capital do Estado, aliás, uma distinta senhora gaúcha, em companhia de duas filhas gêmeas, Maria Luiza e Maria Tereza. Acompanhando-as, a sra. Ivone Luzardo, sobrinha do sr. Batista Luzardo.

Foi um almôço «em família», durante o qual a palestra divagou por múltiplos assuntos. Timbravam aquelas senhoras em testemunhar ao sr. Getúlio Vargas a satisfação que as dominava pelo resultado do pleito de 3 de outubro — enquanto o homenageado animava a mesa mantendo sempre viva a conversa. Pouco ou quase nada se falou de política. Preferiu o candidato eleito aproveitar a presença de um repórter carioca, enfronhado em asuntos de teatro e cinema, para indagar notícias de velhos amigos dêsses setores. Aludiu às visitas que Procópio Ferreira e Alma Flora lhes fizeram em São Borja, faz tempo. Indagou de velhos artistas, alguns já desaparecidos, como Jardel Jércolis, quis saber por onde andava Jaime Costa, Joraci Camargo — e interessou-se bastante pelos artistas mais recentemente aparecidos. Os nomes de Sérgio Cardoso, Silveira Sampaio, Pedro Bloch e Alberto Cavalcanti andaram citados, a propósito de teatro e cinema. Surpreendeu-se s. excia. em saber que duas companhias brasileiras de comédia naquele momento representavam em Portugal, e referiu-se, em têrmos generosos, à clase teatral. Foi quando, aludindo-se à necesidade premente de dar o govêrno maior amparo — mas um amparo eficaz, prático, generalizado — ao nosso teatro, disse s. excia.:

— Penso que a classe teatral poderia, neste momento, unir-se acima de qualquer questiúncula porventura existente, de caráter individual, para sugerir um nome capaz de trabalhar a sério nesse sentido. De minha parte, sendo apontado um indivíduo de valor intrínseco, fora de interêsses pessoais, com autoridade incontestável, não terei a menor dúvida em aceitá-lo.

Também se abordaram as dificuldades por que continua atravessando a embrionária indústria do cinema nacional. Disse s. excia.:

— No meu govêrno fiz o que era possível, naquela ocasião, e voltarei disposto a continuar com êsse propósito. A questão é sentir a exatidão do problema — para resolvê-lo com presteza.

Ainda em relação ao teatro, lembrou o sr. Getúlio Vargas seu antigo interêsse pela classe, desde quando, ao desempenhar o cargo de deputado estadual, criava a lei que lhe recebeu o nome e ainda hoje em vigor, amparando os que mourejam no palco ou para êle.

★

Mas, o almôço continuava. Enquanto aos presentes era servido um delicioso vinho chileno — talvez em homenagem à espôsa do cônsul do Chile em Pôrto Alegre — preferia o sr. Getúlio Vargas saborear, como habitualmente faz, o seu copo de cerveja bem gelada.

Adivinhamos, nesta altura, a curiosidade do leitor em saber a variedade do «menu» — e por que não satisfazê-la. Pois saiba então que foi um «menu» frugal, mas sem requintes de alta cozinha: sopa de trigo integral, churrasco de terneiro, salada de legumes e frutas na sobremesa. Nessa, como nas refeições seguintes, das quais participamos, vimos o garção servir ao futuro Chefe da Nação, como remate, um prato fundo de coalhada. Quando estava presente, também o sr. Batista Luzardo o acompanhava nessa sobremesa.

★

Veio à baila, de súbito, o problema do congestionamento de trânsito na capital da República. Alguém lembrou que a Avenida Presidente Vargas está, hoje, muito longe de satisfazer às necessidades de locomoção rumo à zona norte:

— Na certa que o seu govêrno terá de cuidar, sem demora, da abertura de outras avenidas, Presidente. A Diagonal, por exemplo. O Rio está cada dia mais intransitável...

— Principalmente, depois do dilúvio de Cadillacs...

Cruzam-se as sugestões, cada qual emite o seu palpite de como poderá ser resolvido o angustioso problema. E', quando o sr. Getúlio Vargas, que acabava de sorver o último gole de café, levantando-se, arrasta a cadeira e encerra o assunto:

— Tudo isso é muito certo, meus amigos, mas o problema do tráfego, no Rio, só poderá ser resolvido — e quanto antes — com a instalação do «metro».

Disse, e rumou para a varanda, acendendo o seu último charuto dêsse dia. Passava de meia-noite.

Um luar tipicamente gaúcho, luar dos Pampas, com o céu lírico extremamente baixo, derramava-se por tôda a redondeza. De longe vinham os acordes da viola e da «gaita». Eram os peões que tomavam o seu último chimarrão, no galpão, a pequena distância, antes de dormir. Um perfume de mato, puro e sadio, penetrava pelas narinas citadinas do repórter pouco afeito a essa paz noturna de roça.

E, enquanto o sr. Getúlio Vargas retomava o seu giro cadenciado para o «castelinho» — em companhia do «secretário de campanha» e do tenente Gregório, íamos ainda fazer o nosso último volteio pelas vizinhanças. Rivadávia de Sousa e Jaury Medeiros queriam mostrar-nos o galpão mais de perto, com o seu pitoresco regionalismo.

Amanhã era outro dia. O melhor do nosso contacto com o presidente eleito, ficava para terça-feira

"Êle" depende da Sra...



e a Sra deve confiar na ÁGUA INGLÊSA GRANADO

o tônico das lactantes



SUA PRIMEIRA CONQUISTA

Tyler Tilden era um rapagão a quem tanto Phoebe como Marylou tentaram conquistar. Mas, embora dando "corda" a ambas, não havia caído no laço!













CONSEGUIRÁ WILLA CONQUISTAR O CORAÇÃO DE GARVIN?















VIAGENS AÉREAS



NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

COBRINDO O INTERIOR DO BRASIL, SERVINDO A MAIS DE 50 CIDADES NOS ESTADOS DE MINAS GERAIS — MATO GROSSO — GOIÁS — BAHIA — SÃO PAULO, COM LIGAÇÃO PARA O RIO DE JANEIRO.

Oferece perfeito serviço de

PASSAGEIROS - CARGA - ENCOMENDAS - VALORES - REEMBOLSOS - FRETAMENTOS

RIO DE JANEIRO Passagens: - R. St. Luzia 685-A, fones: 32-7399 e 32-6119 Cargas: Av. Beira-Mar, 514 — Fones 42-9850 e 32-9455.

SÃO PAULO — Rua Conselheiro Crispiniano, 28 Fone 6-3264

BELO HORIZONTE — Passagens: Av. Amazonas, 511 — Fone 2-0818 — Cargas: Rua Goitacazes, 29-loja — Fone 2-0368.

SALVADOR — Rua Santos Dumont, 21 - Fone: 2 - 384 — Praça Municipal, 1 — Fone 4-210.



Tudo isto aconteceu



OS DOIS LADOS DO MUNDO GERMÂNICO, nos mostram constantemente desses episódios e cenas. A esquerda, um guarda soviético examina cuidadosamente os papeis de uma norte-americana na fronteira de Helmsted. Na outra fotografia, um soldado norte-americano, perfeitamente equipado para as mano bras do seu exército, aproveita a folguinha para um passeio ao lado de uma «fraulein» alemã. Atualmente foram suspensas as proibições para «flirts» dessa natureza, entre soldados de Tio Sam e as meninas bonitas da zona Ocidental...

QUE TÉCNICOS

Conhecido industrial paulista, interessando-se bastante pela laminação, contratou nos Estados Unidos um técnico de nome Douglas Charles Lynch, acertando com êste o salário anual de Cr$ 400.000,00, pagos mensalmente, ou sejam Cr$ 33.000,00. Isso ocorria em 1947. Quanto às despesas de viagem, o industrial paulista se comprometeu a pagar tudo. Assim, em princípios de 1948, assumia a direção técnica da «Laminação Nacional de Metais», o grande técnico Lynch. Seu primeiro passo foi bastante anti-pático: dimitiu todos os operários brasileiros com responsabilidades na fabricação dos produtos da fábrica e mandou vir dos Estados Unidos pessoal de sua confiança. O industrial dono do negócio nada pôde dizer em virtude dos têrmos do contrato, pois havia uma clusula que outorgava a Mr. Lynch poderes para fazer o que quizesse dentro de suas atribuições de chefe geral de todo o pessoal. Quanto à lei dos dois terços, isso não se entendia com êle... Mas, dentro em pouco o industrial foi ficando de olhos abertos. O sr. Lynch começou com êste espantoso processo de morar: alugou uma casa apenas por 27 contos mensais. Para justificar, dizia que era na rua da «Suiça» que fica no «Jardim Europa»... Mas isso ainda não é nada. De avanço em avanço, quando o chefe da «Laminação» deu pela cousa, já estava assim a escrita: :«Créditos de Douglas Lynch lançados contra a firma: Cr$ 213.520,00, gastos em viagens; Ligações telefônicas: Cr$ ...... 124.000,00 (com certeza arranjou namorada na Lua..); Representação: Cr$ .... 209.619,00. Enfim: prejuizo de um milhão de cruzeiros e pico. O caso está na polícia. E Mr. Lynch, que merecia ser «linchado», goza a vida em Nova York!



A MODÉSTIA DOS SÁBIOS

Sócrates, o mestre de Alcebíades e de Platão, ao ser interpelado certa vez sôbre o segrêdo de tanta sabedoria filosófica, respondeu: «O que sei é que nada sei». De ordinário os gênios são modestos. Não se deixam deslumbrar pelo seu saber profundo das cousas, nem se enfeitam com penas de pavão, como a gralha da fábula. O sábio é, caracteristicamente uma pessoa sem exterioridades, como se vivessem apenas para o bem geral, as descobertas científicas, as experiências de laboratórios. Muitas vêzes são ignorados do seu próprio povo. Lembram-se o que ocorreu com Oswaldo Cruz? Quando Rodrigues Alves precisou de um higienista para acabar com as pestes que dizimavam o Rio e outras cidades do país e mandou convidar especialistas na Europa, lá da França lhe responderam: «Se V. Excia. dispõe aí de um sábio como o Dr. Oswaldo Cruz, de Manguinhos, como vem buscar aqui um homem para o trabalho de higienização?» Foi assim que descobriram o saneador do Rio... Mas não ficou sòmente nisso. Agora mesmo surge outro fato que demonstra o que é a vida silenciosa e modesta dos sábios. O Serviço Nacional da Malária em Santa Catarina, desejando orientar-se acêrca do combate que está dando e continua a dar aos mosquitos que têm suas «casas» em touceiras de bromélias naquele Estado, escreveu ao sábio Prof. Lynn B. Smith, do Instituto Smithoneano, dos Estados Unidos, pedindo-lhe conselhos. Mas o Professor Lynn respondeu: «Dirijam-se ao Padre Raulino Reitz, do Seminário da vila de Azambuja, Município de Brusque, a quem sempre recorro quando estou em dúvidas»... E assim se soube que, na matéria, havia um sábio à mão...



AS TORTURAS DA CARNE

NÃO é de hoje que a humanidade sofre e se esfola por causa da carne. Os filósofos, os santos, os apóstolos têm dispendido suas energias a combater as misérias da carne. Já se tornou vulgar dizermos que "o espirito é forte mas a carne é fraca". E' exato que essa carne de que tanto se ocupam santos, apóstolos, doutrinadores e filósofos é a carne do pecado, a carne combatida pelos ióguis, pelos faquires, pelos bem-aventurados.

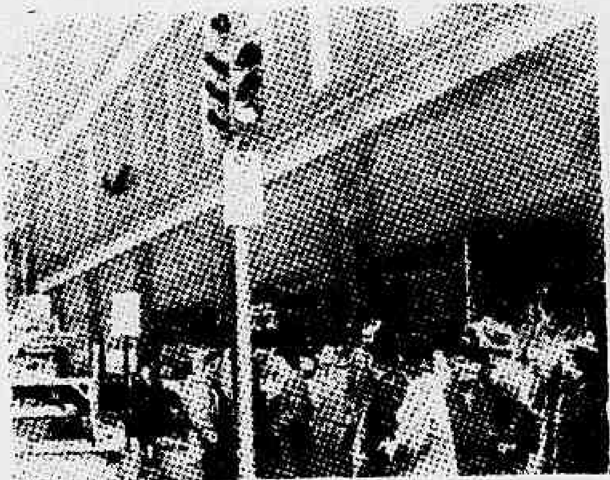
Mas, como tudo vem a dar na mesma, seja em relação a um vegetariano como o dr. Kuhn, seja em face das argumentações de um Monte Alverne, o fato é que jamais estêve êste mundo a padecer tanto em matéria de carne como agora. A crise da carne não é apenas em Cascadura, em Ipanema ou em Jatobá de Tacaratu. E' palpável no Egito, na Inglaterra, na Argentina, no Rio, abarcando "Oropa, França e Bahia".

Vejam o que ocorre agora entre os governos de Londres e Buenos Aires. Depois de conversações entre Bevin e Hogan, embaixador argentino na capital britânica, houve entendimentos em Buenos Aires entre Sir John Balfour, embaixador inglês na Argentina, e o ministro das Relações Exteriores da Argentina, sr. Jesus Paz. Tudo isso por causa da carne.

A Inglaterra tem fome de carne, enquanto a Argentina tem carne por todos os lados. Como não pode consumir tudo sem queimar a metade, pode vender para o exterior. A Inglaterra quer os bifes, mas não concorda com o preço, bastante alto. Daí as confabulações entre as altas partes contratantes. Mas, os portenhos estão com tudo e não estão prosas, e já ameaçam até de entrar em acôrdo com o Uruguai para cercar a Inglaterra e forçá-la a ceder nas libras. Para ser feliz, o inglês devia tornar-se vegetariano. Nem mesmo com a "Paz de Jesus" resolverão o problema!

OS POSTES LUMINOSOS DE SIRACUSA,

situada no Estado de Nova York, já não emitem apenas luzes verdes e vermelhas, para prevenir pedéstres e motoristas. Agora também falam. A invenção, que é da General Electric, está sendo examinada e experimentada naquela cidade norte-americana, e vai dizendo: «Olhe para a direi-



ta!» «Olhe para a esquerda!» «Não se exponha!» «Não arrisque a vida» «Passe agora!» «Cuidado!» e uma porção de frases feitas, tôdas elas advertindo pedestres e senhores de automóveis. Não sabemos se está aprovando. Mas que é engenhoso o sistema, isso é.

A PEDRA DA DISCÓRDIA

NA Mitologia grega houve o pomo da discórdia. Na atual situação inglêsa, surge outro motivo de discórdia entre escoceses e britânicos: uma pedra.

Que pedra é esta? A pedra do trono que, desde tempos bíblicos, serve para a coroação dos Reis da Inglaterra. Essa preciosidade histórica estava guardada na Abadia de Westminster. Com as recentes ebulições escocesas para sua autonomia e criação de um parlamento próprio, embora subordinado à comunidade britânica e prestando obediência ao soberano de Londres. Então, na falta dessa vitória política, iniciaram as "hostilidades" contra os inglêses, retirando de lá a pedra do trono, que, segundo alegam os escoceses, sempre pertenceu à Escócia e não à Inglaterra.

Como não é de admirar, todo o Reino Unido está perplexo em face dessa profanação e a Scotland Yard já mobilizou todos os seus sherlocks para descobrir os raptores e retomar o objeto sagrado de tradições imemoriais.

Já em 1671 houve por parte dos escoceses uma proeza igual, quando Thomas Blood furtou as jóias da coroa em represália à Grã-Bretanha. O interessante é que agora, todos os partidários da Escócia autônoma estão exultantes com o roubo da pedra do trono e, em cada fachada de residências escocesas foram desfraltadas as bandeiras do Leão Rugindo, símbolo da Escócia. E dizem que não se trata de roubo, sim de recuperação, pois a pedra é escocesa e volta a ser escocesa.

Os inglêses estão alarmados com a hipótese de que venham os escoceses a coroar um rei sôbre a pedra. Se a coisa agravar-se, o melhor é mesmo botar uma pedra em cima...



ÊSTE INGLÊS QUIS pegar um touro à unha, em Madrid. Era antes aviador da RAF e venceu muitas batalhas aéreas, botou abaixo muito «stuka» alemão. Ora, se já fizera tanto nos ares cheios de perigo, por que não entrar todo decente numa praça de touros em Madrid e mostrar que também é toureiro? E assim fêz. Mas Vincent Hitchcock não sabia que ser toureiro exige muito treino, agilidade e prática. E eis o que lhe sucedeu: à primeira investida do bicho, Vincent se atrapalhou todo com bandarilhas e outras complicações do ofício e foi pegado de jeito pelas guampas da fera. Felizmente o «picador» e o «assistente» o socorreram. Quando Hitchcock saiu do hospital, não quis mais saber de touros...



CONCHITA CINTRON, celebrada «matadora» francesa, de vinte e quatro anos de idade, depois de ter enfrentado com bravura centenas de animais bravíos, resolveu encerrar a sua carreira tauromáquica e contrair núpcias. Deve ter esposado, em Lisboa, nos últimos dias de dezembro, o Marquês de Câmera, com êle partindo para a África portuguêsa em lua-de-mel. Suas roupas de toureira foram oferecidas ao museu tauromáquico de Bordeaux, França.





O MAIS FAMOSO PILÔTO do mundo, Charles Lindberg, em duas pôses: à esquerda, em 1927, um pouco antes de partir no seu aviãozinho «Spirit of St. Louis», no qual vôou de Nova York a Paris, gastando 33 horas e meia. O aparelho era um «Ryan» com motor de «Whright» de 200 HP, cm 14 metros de asa e 8 de tamanho. Pesava 750 quilos. Como vemos, um passarinho... Na outra foto, Lindenberg ao chegar à Alemanha para servir como conselheiro junto ao quartel general norte-americano. Tem hoje 48 anos e está forte e ciente de seus deveres.

Canção do Vagabundo

QUE importa de onde eu venha, se tôdas as estradas são iguais? O cardo florido alegra os olhos quando estão cansados do verde sempre igual e da faixa amarela, interminável, da estrada poeirenta. Mas, o cardo tem espinhos agudos que ferem a carne. E, há cardos floridos para os olhos, espinhentos para as mãos ávidas. Há cardos em tôdas as estradas do mundo.

Durante o dia caminho sob o sol, vejo os horizontes perdidos na distância e a sombra azulada onde tudo se mistura e céu e terra parecem não ter divisas; à tarde, qualquer sombra de árvore me acolhe e tem um sabor de lar. As sombras, à beira das estradas, são os lares de todos os vagabundos e têm a doce quietude das coisas simples que se dão em troca de nada.

À noite, durmo em qualquer parte, num campo de trigo, num celeiro, numa casa abandonada, em qualquer parte onde não há vozes e só os grilos falam aumentando a quietude. O sereno me molha; o frio, às vêzes, não me deixa dormir. Então caminho pelas estradas e penso, sob a frieza indiferente das estrêlas. Porque os vagabundos também pensam. E, às vêzes, choram.

Uma mulher me deu água, uma criança me estendeu um pedaço de pão e perguntou, inquieta:

— Não viu meu gato por aí? — depois sorriu de sua própria pergunta. Não sei mesmo por que teria sorrido. Penso, às vêzes, que foi para mim.

Que sabem os homens da humanidade, êles que lutam e se mordem como se fôssem cães? Na estrada, um vagabundo vê a humanidade com seus próprios olhos e não a enxerga tão ruim. Porque ainda existe caridade que dá pão e água para os homens sem nome, sem terra e sem destino, que passam de pés poeirentos, roupa suja e gravetos entre os cabelos.

Há, de vez em vez, uma criança que sorri a um vagabundo.

★

Não sei se existe sina, mas se existe eu nasci com esta, de andar pelas estradas mais amargas, onde cardos florescem raramente e, por uma estranha compensação, possuem espinhos mais agudos e dolorosos. Nasci com a estranha sina de beber água no próprio charco onde ela vive ou então na lata que os homens me dão; de comer o refugo das mesas. E, muitas vêzes, não comer.

Nasci com êste destino esquisito de dormir sob as árvores e ouvir vozes estranhas dentro dos matos. Ando pelas estradas porque meu destino é igual ao delas: não leva a parte nenhuma.

Vivo a vida estranha de não ter vida para viver; ando porque tenho pés; existo porque hé um céu que me cobre e uma terra mansa que me aceita.

Nasci para viver a vida errante de todos os que quiseram conhecer as estradas e não puderam. Porque é mais difícil largar a miséria que há dentro de casa e trocá-la pela miséria ao ar-livre.

Sou um vagabundo. Quantas vêzes ouvi isso, não com a serenidade que digo a mim mesmo, mas com a brutalidade dos homens que temem a pobreza e vêem, num vulto esfarrapado e errante, uma de suas terríveis ameaças.



Ninguém pensou, talvez, que um errante poeirento veja as criaturas com olhos de homem. A humanidade anda enlouquecida atrás do dinheiro. Um vagabundo caminha pela estrada, pensando na paz das sombras, que nem todos têm e que ninguém compra, porque a paz nem sempre está sob a árvore. Às vêzes, está dentro do próprio peito do vagabundo exausto que repousa a cabeça em fôlhas sêcas.

Às vêzes, caminho sob as estrêlas. E penso que elas jamais me enxergarão. Porque sou pequeno demais para seus olhos de luz. Quem as viu, acaso, compassivas aos nossos sofrimentos? Ontem chorei. E me pareceu que as estrêlas, lá no alto, jamais estiveram tão brilhantes. A lua é fria também, indiferente e serena. Lua e estrêlas não possuem o doce calor do sol, morno como uma carícia, consolador e bom como o pão e como a água.

Que sabem as estrêlas do vagabundo que passa na estrada e, às vêzes, assobia uma velha canção?

E os homens? Que sabem êles das vidas errantes, dos pés poeirentos, dos pensamentos que se ocultam nas cabeças em cujos cabelos as fôlhas se entrelaçaram? Que sabem dos corações dos vagabundos, se para os homens êles não passam de tristes espantalhos ambulantes?

E, depois, os homens querem ser donos do saber!

★

Sou um vagabundo, vivendo a vida que os covardes, que desejaram correr mundo, não tiveram coragem de viver. Essa é a minha sina. Quantas vidas não vivem dentro de mim? Quantos pés invisíveis não caminham comigo?

Pobres daqueles que me olham por trás dos vidros da janela e me seguem com olhos invejosos e me vêem sumir para sempre na poeira das estradas!

Que sabem os homens de paz de espírito? Sento nos barrancos e olho a vida. As criaturas passam e me olham; por trás de seus olhos a Humanidade me espia, desconfiada, escarninha, maldosa, cruel, bondosa, simples, ou, às vêzes, ingênua como a boa-fé que as crianças depositam nos adultos.

Algum inverno me matará. Em alguma dessas manhãs nevoentas amanhecerei amortalhado pela geada branca que cobre os caminhos por onde meus pés não mais andarão, pacienciosos e errantes.

Mas, que importa, se morro livre?

Terei, então, vivido a vida daqueles que me olharam por trás das vidraças.

THEREZA DE ALMEIDA

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Na véspera do Natal 4/5
Pontos de namôro no Rio (Daniel Caetano) 10/11
Na terra dos marechais (Sabino Canalini) 15/17
48 horas na Estância S. Pedro (Celestino Silveira) 22/30

LITERATURA

Jazz (Jean Paul Sartre) 3
Sem Estela (Loiva Leira Borba 20
Fatalidade (Raymunda V. Butterby) 34
Semana Literário (Edmundo Lys) 38/39
Canção do Vagabundo (Teresa de Almeida) 50

CURIOSIDADES

Arte Sagrado (Leonardo Cocci) 18/19

TEATRO

13 de Maio no Teatro Brasileiro (Paulo Fábio) 31/33

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 6
A Personagem da Semana 6
Puxe pelo cérebro 7
Palavras cruzadas 12
A Saúde do Bebê (Dr. Saboia Ribeiro) ....
Tudo isto aconteceu 48/49

HUMORISMO

Ensaiando a orquestra (Théo) 8
Êste mundo e o outro (Darcy) 13
Sonho (Nicodemus) 21

FEMININAS

Modas 35
Para seu guarda-roupa de férias 36/37
Week-End na Cozinha 40/41

FOLHETIM

Sua primeira conquista 46

ILUSTRAÇÃO:

Orval

BONECOS

Rafael

FOTOS:

José Santos — Walter Morgado — Sabino Canalini — IPA — Celestino Silveira — Lauro Pôrto — Carlos — Avulsas.

NA CAPA:

Ruth Roman

(Foto Warner)

Respostas ao teste

1—Carlos Magno (ano 800)
2—Regime dirigido por castas sacerdotais
3—Urbano II
4—1279 (Em Provins, França por causa do aumento de uma hora de trabalho, tendo sido assassinado o Prefeito)
5—Exclusão de mulheres ao trôno
6—Do boné do preboste de Paris, Estevão Marcel
7—Santo Antônio
8—Isabel da Baviera (ano de 1420, tratado de Troyes)
9—Por ter sido expulso do seu feudo pelos adeptos de Joana d'Arc
10—Ruão
11—Jogadas ao Sena
12—Luiz XII
13—Um frade (Ravaillac, 1610)
14—Por dizer-se um segundo Jesus
15—O corvo
16—Sete
17—Um
18—Igapó
19—Vesúvio
20—Villegaignon

MÓVEIS e DECORAÇÕES

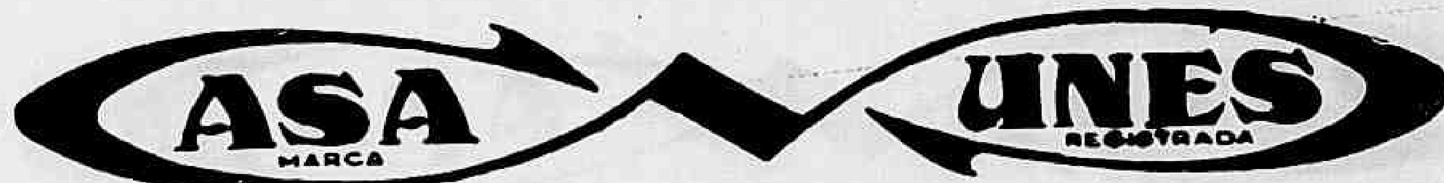


Projeto da CASA NUNES

GRUPOS ESTOFADOS

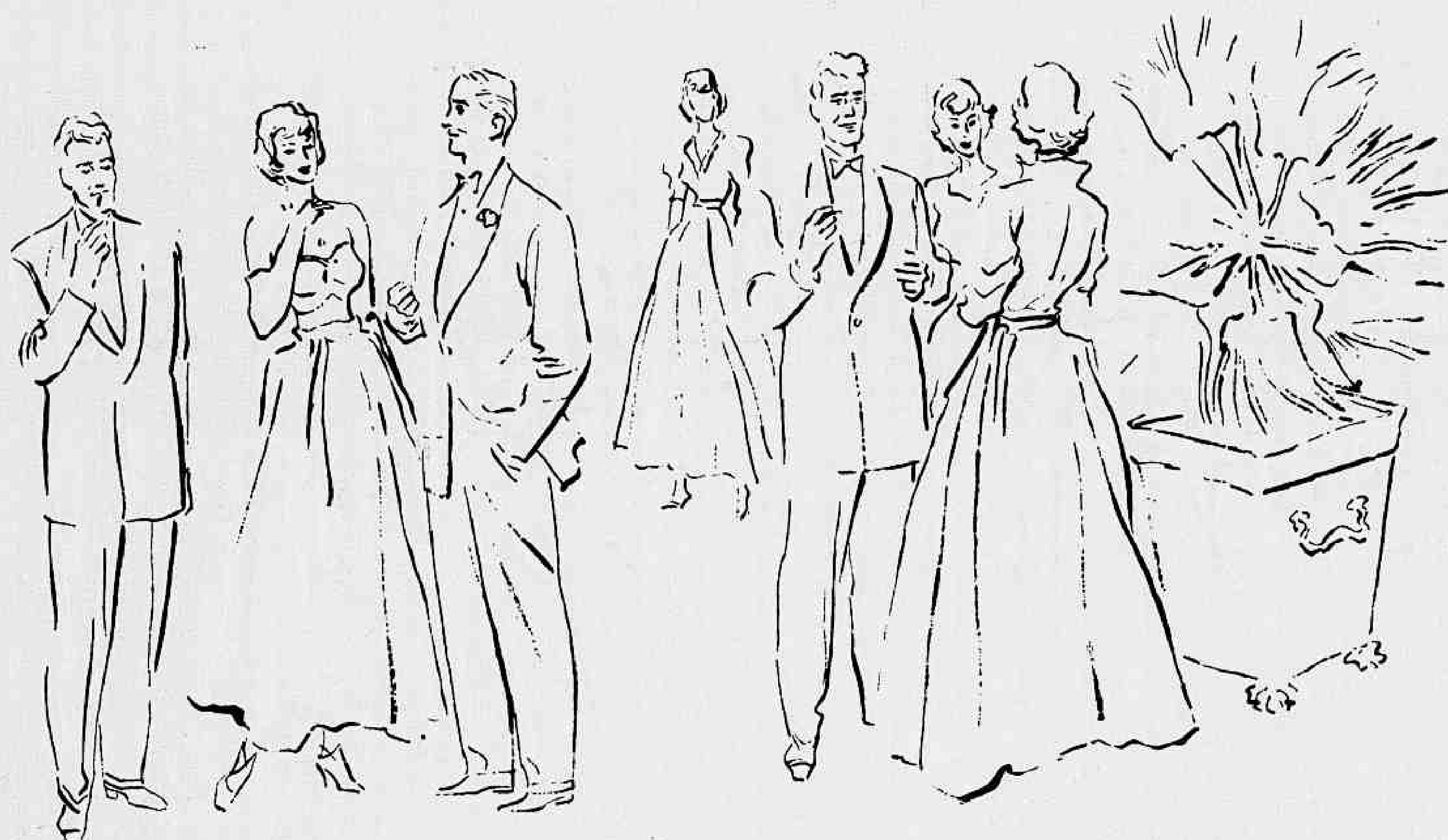
— ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS
PARA ENTREGA IMEDIATA

TAPETES E PASSADEIRAS



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO

Escolha Unânime de uma Sociedade Exigente



Hollywood tem hoje mais fumantes do que nunca – conta, na verdade, com mais fumantes do que todas as marcas da mesma categoria combinadas... o que vem provar, mais uma vez, que Hollywood é o cigarro eleito das pessoas de bom gosto. Esta inequívoca preferência é o resultado de qualidades intrínsecas, pois Hollywood é o cigarro em que a excelência dos fumos nada fica a dever à perfeição da mistura. Como era de esperar, os fumantes exigentes, que sabem escolher, fizeram de Hollywood mais que um cigarro... uma tradição da sociedade brasileira!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

88.062